

**Ataliba T. de Castilho**

**INTRODUÇÃO AO ESTUDO DO ASPECTO VERBAL NA  
LÍNGUA PORTUGUESA**

**MARÍLIA**

**1968**

Para Theodoro Henrique Maurer Jr. e  
Amaury de Assis Ferreira,  
Mestres e Amigos.

## P R Ó L O G O

*O presente trabalho versa um dos campos menos explorados da Língua Portuguesa, o da sintaxe, justamente proclamada por isso a enteada de quantos se têm dedicado ao estudo de nossa língua. Sabia-o o autor, porém não suspeitava quanto lhe pesaria a falta de trabalhos preliminares a este, que o auxiliassem como exemplos de métodos a seguir (ou a evitar) e como levantamento de questões que devessem de pronto ser atacadas. Tal não se deu, pois o problema do aspecto, capítulo dos mais importantes para o estudo da sintaxe verbal, tem permanecido à margem, do que é prova não contarmos ainda com uma investigação sistemática sobre essa categoria.*

*Impunha-se nestas condições um esforço preliminar de levantamento de problemas e indicação de setores de pesquisa. O estudo que se vai ler é fruto dessa preocupação. É modesto mas necessário. Evitamos aqui as afirmações dogmáticas e buscamos com prudência estabelecer algumas hipóteses de trabalho, dando nossa visão do quadro do aspecto português em seu travejamento mais patente. Nunca será demais repetir que o campo é suficientemente vasto para comportar toda uma equipe de pesquisadores, entregues a estudos monográficos conducentes a um trabalho de conjunto, de que nos achamos ainda tão distanciados. Enumeramos por isso em nossas conclusões alguns temas, e nos daremos por pago se conseguirmos provocar a atenção dos estudiosos para esta matéria, o que já não é pequena ambição.*

*De outro lado, observamos que o aspecto verbal oferece campo fértil à elaboração de teorias lingüísticas. Longe de ser uma vantagem, tal fato tem antes concorrido para o obscurecimento da questão, à vista dos muitos universos particulares que são os estudos de aspecto, tudo a tornar extremamente penosa a compreensão do que já se fez, e, o que é pior, a ensejar uma variedade de convicções que se formam em torno do que é o aspecto. Buscamos fugir às maquinações teóricas, firmando-nos na convicção de que os fatos falam mais alto que as teorias; tentamos, assim, dar do aspecto uma visão tão clara quanto nos permitissem a delicadeza e a complexidade da questão. Nem assim pretendemos tê-la inteiramente esclarecido,*

*nem sequer acreditamos ter extraído daqueles mesmos fatos tôdas as lições que encerravam. Eis por que nos pareceu bom aceitar o conselho de von der Gabelentz e exhibir o material recolhido, pois*

*“Cada um tem os seus próprios hábitos e, muitas vêzes, tão próprios que ninguém mais pode continuar as suas coleções ou utilizá-las. Podia e devia ser de outra maneira, se o ensino dos métodos da ciência que cultivamos não julgasse indigno de si ocupar-se da técnica externa. Sem dúvida que não é indiferente que a utilização das minhas coletâneas me leve duas ou três vêzes mais tempo do que o normal; não é indiferente que os frutos da minha atividade em reunir material, no caso de eu os não poder aproveitar, sirvam a outras pessoas ou se percam irremediavelmente para a ciência”. \**

*Cumpre finalmente agradecer a quantos concorreram para a elaboração de nosso estudo. Em verdade, se saíu mofo não foi por falta da assistência e da colaboração de tantos amigos. Devemos ao Prof. Dr. Theodoro Maurer Jr. a indicação do tema e as muitas e oportunas sugestões com que nos facilitou a tarefa. A Fundação Calouste Gulbenkian, de Lisboa, concedendo-nos uma bolsa de estudos, facultou o contacto directo com instituições e pessoas, dentre estas os Profs. Dr. Manuel de Paiva Boléo e Dr. Jacinto do Prado Coelho. Deixamos também consignada nossa gratidão aos professores que passaram sucessivamente pela Direção da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Marília, os quais asseguraram as condições necessárias à elaboração do trabalho.*

\* \* \*

*O texto que se vai ler é essencialmente o mesmo da tese de doutoramento defendida perante a Universidade de São Paulo em dezembro de 1966; as alterações feitas devem-se às sugestões dos membros da Banca Examinadora e de outros especialistas a cuja apreciação submetemos a redação original. É de justiça que destaquemos o Prof. Dr. Isaac Nicolau Salum, cujas inúmeras observações enriqueceram sobremaneira nosso trabalho.*

Marília, 1968.

---

(\*) Citado por M. de Paiva Boléo na *Introdução ao Estudo da Filologia Portuguesa*, Lisboa, Edição da Revista de Portugal, 1946, pp. 73-74.

## CAP. I — PRELIMINARES

### 1. *O verbo e suas categorias*

1. Na consideração das partes do discurso importa distinguir duas espécies de palavras: o *nome*, que representa os seres e os objetos, e o *verbo*, que figura as ações (processo) e os estados (1). Mais do que isso, é o verbo “a palavra que pode exprimir as modalidades de um processo ou estado (tempo, duração, etc.) por meio de mudanças da forma (2); recorde-se, com efeito, que também os nomes podem indicar um processo (“pensamento” = “pensar”), porém desconhecem a categoria de pessoa.

2. O conceito expresso pelo verbo pode ser dimensionado de diferentes formas através das *categorias verbais*, em número de seis; aspecto, tempo, modo, voz, pessoa e número. A função dessas ca-

---

(1) Conservamos praticamente na íntegra a lição de A. Meillet, dissentindo apenas na identificação de estado a processo (“le verbe indique des “procès”, qu’il s’agisse l’actions, d’états ou de passages d’un état à un autre”; *Linguistique historique et linguistique générale*, vol. I, p. 175). Acreditamos, como R. Godel — “Verbes d’État, Verbes d’Événement”, 35, que o processo verbal corresponde a uma representação dinâmica dos fatos e implica em certo grau de atividade exercida ou sofrida. Ora, os verbos de estado parecem o oposto da noção de processo. Outro critério de distinção entre verbo e nome está em avaliarmos as diferentes funções dessas classes de palavra.

(2) Jacques Pohl — *Forme et pensée*, p. 31; J. Fourquet — “La Notion de Verbe”, in *Grammaire et psychologie*, Paris, PUF, pp. 72-96.

tegorias é atualizar (3) o processo virtualmente considerado, definindo-lhe a duração (aspecto), localizando-o numa data ou perspectiva (tempo), esclarecendo a interferência do sujeito falante (modo) ou o papel a êle atribuído (voz), bem como sua relação com o ouvinte e o assunto (pessoas, assim distribuídas: primeira pessoa, sujeito falante; segunda pessoa, ouvinte; terceira pessoa, assunto) e quantidade dessas entidades (número). Examinemos de perto as quatro primeiras categorias, esclarecendo, antes de mais nada, que elas não são exclusivas, podendo ocorrer simultaneamente na mesma forma:

3. *O aspecto* é a visão objetiva da relação entre o processo e o estado expressos pelo verbo e a idéia de duração ou desenvolvimento. É pois, a representação espacial do processo. Esta definição, baseada na observação dos fatos, atende à realidade etimológica da palavra "aspecto" (que encerra a raiz \* *spek* = "ver") e insiste na objetividade característica da noção aspectual, a que contrapomos a subjetividade da noção temporal (4). Obviamente não afastamos a hipótese de que ela venha a ser aperfeiçoada no momento em que dispusermos de uma quantidade razoável de estudos sôbre a matéria.

Se ação verbal indica uma duração, temos o aspecto imperfectivo; se uma ação cumprida, contrária à noção de duração, o aspecto perfectivo; se uma ação repetida, o aspecto iterativo; se nada disso, vestindo-se o verbo de um tom virtual, indiferente à atualização por qualquer categoria (e no caso interessa-nos a ausência da categoria aspectual), teremos o aspecto indeterminado.

Consideramos o aspecto uma categoria de natureza léxico-sintática, pois em sua caracterização interagem o sentido que a raiz do verbo contém e elementos sintáticos tais como adjuntos adverbiais, complementos e tipo oracional.

Deve ser o aspecto a categoria verbal mais antiga, quer por expressar uma idéia mais concreta e objetiva que a do tempo, quer,

---

(3) Empregamos aqui o termo "atualizar" no sentido de "transformar potência em ato"; no caso presente, as categorias transpõem o verbo de *infinitum* para *finitum*.

(4) Veremos no § 100 as relações entre o aspecto e o tempo; também nesta definição nos aproximamos de A. Mellet, quando diz: "la catégorie de l'aspect, non moins variée que celle du temps, embrasse tout ce qui est relatif à la durée et au degré d'achèvement des procès indiqués par les verbes": *Ibid.*, p. 183.

e principalmente, por estar mais essencialmente ligado à noção de processo (5).

Observamos por fim, que certos autores têm encontrado noções de aspecto até mesmo nos substantivos deverbiais; essa matéria não será objeto de considerações no presente estudo, mas serve para comprovar a importância do semantema (presente em verbos e substantivos) como gerador daquela noção (6).

4. A categoria do *tempo* localiza o processo num dado momento, servindo-se de pontos de referência em número de três: o próprio falante, o momento em que se desenrola outro processo e o momento em que idealmente se situa o falante, deslocando-se em pensamento para o passado ou para o futuro.

---

(5) Há também quem diga corresponder a noção de aspecto à mentalidade primitiva, mais interessada no movimento, no modo como se produz a ação e em seu resultado do que propriamente no fluir do tempo, noção abstrata que só mais tarde surgiria. É um tema de que os lingüistas antropológicos se têm ocupado: cf. Benjamin L. Whorf — "The Punctual and Segmentative Aspects in Hopi"; Bonfante — "Semantics" e "Language", in *Encyclopedia of Psychology*, New York, 1946; Stephen Gilman — *Tiempos y Formas Temporales...*, pp. 29-31. V. também Lévy-Eruhl, cit. por Mattoso Câmara Jr. — *Princípios de Linguística Geral*, p. 146. Quanto à precedência do aspecto em relação ao tempo, defende-a o mesmo Mattoso Câmara Jr. nestes termos: "Nas línguas ocidentais modernas é que se fez do tempo o cerne do paradigma verbal e se deu ao aspecto uma apresentação subsidiária e gramaticalmente exígua, porque se acolhe mais na diferenciação léxica e em locuções ou moldes frasais". Cf. *Uma Forma Verbal Portuguesa*, p. 16. Sobre este particular, ver ainda L. Jenaro MacLennan — *El Problema del Aspecto Verbal*, pp. 51, 54 e 57. Outro problema que ocorre quando analisamos historicamente a matéria é o da formação de tempos a partir de aspectos, como o pretérito, que se desentranhou do aspecto perfectivo indo-europeu. Indicando o perfectivo processo acabado, facilitou-se o desenvolvimento da noção de tempo passado; cf. A. Meillet — *Linguistique historique et linguistique générale*, vol. I, p. 188: "ce développement, qui se répète sans cesse, montre comment la catégorie expressive et concrète de l'aspect fournit, en perdant par l'usage son caractère expressif et concret, un moyen de rendre la catégorie de temps". E realmente esse desenvolvimento se repetiu quando o *passé composé* francês, criado para expressar o resultado atual dum fato passado, se identificou com o *passé simple*, passando a indicar o pretérito. Ainda recentemente Karl Horst Schmidt retomou a matéria, estudando a evolução do perfeito de estado indo-europeu para pretérito; v. "Das Perfektum in Indogermanischen Sprachen. Wandel einer verbalkategorie".

(6) Cf. Charles Bally — *Linguistique générale et linguistique française*, § 587 e § 588; v. também § 291; J. Holt — *Études d'aspect*, p. 2; A. Mirambel — "Aspect verbal et système", 73.

O desvio do ponto de referência faz oscilar todo o sistema — nada mais abstrato que a noção de tempo — e temos assim os tempos absolutos (primeira hipótese: presente, passado, futuro), os tempos relativos (segunda hipótese: imperfeito, mais-que-perfeito, futuro e perfeito do subjuntivo, futuro perfeito) e os tempos históricos (terceira hipótese), em que o sujeito se inclui na história, assumindo o papel de “dramatis persona” (“Napoleão desembainha a espada”) ou então adotando um tom profético de quem não duvida da veracidade de suas palavras (“Esta foi a decisão que mudará o curso da história” (7)).

Sôbre as relações entre o tempo e o aspecto tornamos adiante.

5. O *modo* indica a atitude do sujeito em relação ao processo verbal, que pode ser encarado como algo real (Indicativo), eventual (Subjuntivo) ou necessário (Imperativo). Esta conceituação fundamenta-se na de A. Meillet, formulada em 1920 nos seguintes termos:

“Sous le nom de **modes** on entend les formes au moyen desquelles est indiqué l'attitude mentale du sujet parlant par rapport au procès indiqué par le verbe” (8).

Já Rodolfo Lenz parte em sua formulação de considerações logicistas: os modos correspondem aos juízos assertivo (Indicativo), problemático (Subjuntivo), apodítico (Optativo e Imperativo, diferenciando-se êste daquele por indicar uma ordem direta) (9).

---

(7) Cf. Georges Galichet — *Essai de grammaire psychologique*, p. 91; J. Vendryes — *Le Langage*, p. 114; R. Lenz — *La Oración y sus Partes*, § 311.

(8) *Linguistique historique et linguistique générale*, vol. I, p. 190. Os gregos entendiam o modo como uma disposição da alma, “diathéseis tês psychês”. R. Le Bidois parece ter retomado essa expressão ao definir assim o subjuntivo: “( ) la valeur première essentielle de ce mode n'est pas, comme on le dit parfois ( ), de marquer la doute, mais de traduire un *mouvement de l'âme*” (grifo nosso). Cf. “La Défense de la Langue Française”, in *Le Monde*, sélection hebdomadaire, n.º 815 (28 mai-3 juin 1964), p. 10. V. também Meyer-Lübke — *Grammaire des langues romanes*, vol. III § 90.

(9) “Modo es la categoría gramatical según la cual se clasifican las formas verbales propiamente tales (es decir, con exclusión de los verboides), subjetivamente (desde el punto de vista del que habla), en correspondencia con su valor lógico”. *La Oración y sus Partes*, § 285; v. também §§ 276 e 278.

Registram-se mais recentemente novos esforços para a conceituação dessa categoria (10).

6. A voz esclarece o papel do sujeito, que poderá ser agente (Voz Ativa), paciente (Voz Passiva) ou ambas as coisas (Voz Reflexiva).

7. Anotamos no § 2 que uma forma verbal pode abrigar várias categorias ao mesmo tempo, sendo certo que há sempre uma predominante (11). Assim, “estêve falando” tanto é passado (tempo) quanto duração (aspecto).

Por outro lado, uma forma temporal pode assumir valores não temporais e êste é o caso dos tempos de função modal; citaremos alguns exemplos:

— presente: “Mas enfim, se eu *embirro* com ela não me importa, posso bem mandá-la embora” (12). “A princípio olham-me desconfiados, com mêdo uns dos outros. Sem dúvida *gostam* de viver mais um século, mais dois séculos, mas não sabem ainda que emprêgo hão de dar à existência”. R. Brandão — H 47 (13).

---

(10) Referimo-nos ao estudo de A. García Calvo — “Preparación a un Estudio Orgánico de los Modos Verbales sobre el Ejemplo del Griego Antiguo”, que, infelizmente reflete a “poca nitidez” da matéria (p. 47).

(11) Paul Imbs — *L'Emploi des temps verbaux en français moderne*, p. 15. Cf. também Mattoso Câmara Jr. *o.c.*, p. 23 e M. Criado de Val — *Sintaxis del Verbo Español Moderno*, p. 36, que diz ser impossível separar radicalmente as categorias e as funções gramaticais como se fazia na antiga lingüística, admitindo-se atualmente a presença de “noções e signos predominantes” ao lado de “noções e signos secundários”. E A. Mirambel — “Aspect verbal et système”, p. 78, exemplifica a presença de diversas categorias numa só forma.

(12) Eça de Queirós — *O Primo Basílio*. São Paulo, Brasiliense, 1961, p. 93.

(13) Adotamos os seguintes critérios na transcrição do exemplário: as formas de interesse vão sempre grifadas; os títulos são abreviados, bastando recorrer à Bibliografia, terceira secção, para o desdobramento das abreviaturas; sempre que uma obra (texto ou doutrina) não foi objeto de consulta demorada, cito-a por inteiro em notas de rodapé. Dois parênteses voltados, (), indicam que se saltou trecho desnecessário à compreensão do exemplo dado.

— imperfeito: “Um passo a mais e a carruagem me *matava*”. “Se lhe viessem dizer que Domício virara o maior cantador do sertão êle *acreditava*”. Lins do Rêgo — PB 205.

— pretérito: “*Girou!*”. [valor de ordem]. “Com mais outra obra [que escrevas], *transpuseste* as portas da imortalidade” (14).

— perfeito (pretérito perfeito composto): “Se *tem* *demoraão* um pouco mais, teria assistido ao bombardeio do Rio”. Magalhães Jr. — AA 73. “Se o rapaz *tem saído* à mãe, eu acabava tudo”. M. de Assis — *D. Casmurro* 236 (v. nota 116).

— mais-que-perfeito: “Ah, se um dia respondesses, / ao meu bom dia: bom dia! / Como a noite se *mudara*/ no mais cristalino dia!”. C. Drummond de Andrade — P 266.

— futuro do presente: “A saia estava encharcada e frios os pés. *Estará* morta” [dúvida]. R. Brandão — P 43. “Deus *terá* compaixão de mim” [dúvida dolorosa] (15). “*Honrarás* pai e mãe!” [ordem].

Devem também ser aqui incluídos os tempos dotados de função temporal diversa da que sua forma expressa habitualmente (16).

---

(14) V. M. de Paiva Boléo — “Tempos e Modos em Português”, 28-29, que interpreta êsse curioso emprêgo do pretérito. O segundo exemplo vem da mesma fonte, sendo considerado equivalente ao futuro. O que não prejudica nossa interpretação, já por ser o futuro muito carregado de modalidade, já por corresponder aos exemplos de perfeito adiante enumerados. Com efeito, “*transpuseste*” vale tanto como “*tens transposto*”, mormente se nos damos conta do valor condicional do conjunto “com mais outra obra [que escrevas]”: “Se escreveres mais uma obra, *tens transposto* as portas da imortalidade”.

(15) Idem — *Ibidem*, 31.

(16) Diversos tempos mudaram de esfera temporal no latim vulgar. O mais-que-perfeito do subjuntivo passou a imperfeito do subjuntivo (substituindo a forma em *-re*) e o passado passivo tomou o valor de presente passivo (substituindo a passiva sintética), etc. Cf. Th. Henrique Maurer Jr. — *Gramática do Latim Vulgar*, pp. 128-129.

— presente pelo futuro (17): “Eu mesmo posso-te agora matar, posso-te fazer o mal que quiser. Não grites, que é pior. Ninguém te *acode*”. R. Brandão — P 157. “Não *lhe escrevo* sem ter em meu poder resposta sua ( )”. Paço D’Arcos — AV 261.

— presente pelo pretérito: “Quando *acorda*, Maria Clara já tinha tirado a mercedes da garagem”. C. H. Cony — AV 59.

E bem assim as formas do modo indicativo com valor de subjuntivo, uso cada vez mais acentuado (pop. “Ela pede que você *vai* direitinho”) e de imperativo negativo (“Não *fala* assim”) ou afirmativo (“Diogo. . . Olha. Tu *desces* a rua, *vais* até lá baixo ao pé daquele lampião. *Esperas* o sr. Conde. *Dizes-lhe* que eu já cá estou”) (18).

8. O sistema verbal, porém, é mais complexo, permitindo que mais de uma modalidade da mesma categoria possa ocorrer em determinada forma; por outras palavras, dão-se casos em que, predominando por exemplo a categoria de aspecto, pelo menos dois valores aspectuais paralelos podem ser encontrados:

— inceptivo/iterativo: “*Pôs-se a cuspir*”. G. Ramos — VS 98. “O pobre môço *desatou a espirrar*”. V. Ferreira — A 194. “Como vivia sempre sisuda e não achava graça em cousa alguma *chamavam-na* Cara de Pau”. Do conto “Cara de Pau”, transcrito por H. Meier em seu artigo “*Sintaxe Gramatical, Sintaxe Funcional, Estilística*”, 136 (19).

— inceptivo/cursivo: “*Cantavam* já os galos e o alferes de cavalos propôs ( )”. A. Ribeiro — JT 162. Nota-se claramente que os galos “começavam a cantar” e “estavam cantando”.

---

(17) Uma excelente discussão do caso se encontra no artigo de M. Sánchez Barado — “Estudios Comparativos del “Praesens pro Futuro”.

(18) O último exemplo foi recolhido por Paiva Boléo, *Ibidem*. Como bem observou o Prof. I. N. Salum, trata-se aqui de um uso estilístico em que o falante prefere descrever o processo a ditar normas.

(19) Karl-Heinz Klöppel — *Die Aktionsart und Modalität in den portugiesischen verbalumschreibungen*, pp. 20 e 22, analisa casos semelhantes, denominando-os “inceptivos sucessivos”: “( ) *começaram de braadar* altas vozes aos de cima( )” “os cristãos novos *começaram a esconder-se* espavoridos”.

Outros casos de paralelismo: §§ 54, 63 e 86.

## 2. Estado da Questão do Aspecto

### A) A descoberta da noção aspectual

9. Historiaremos brevemente nesta parte a descoberta da noção de aspecto e a extensão de seu estudo a novos domínios lingüísticos (19a).

Já os estóicos, (20) ao analisarem os tempos, davam-lhes denominações que sublinhavam certos valores não temporais por êles encerrados: agremiando os tempos em dois grandes grupos, o dos determinados, *horisménoi*, e o dos indeterminados ou *aóristoi* (aoristo e futuro), subdividiam os do primeiro grupo em duas classes distintas: a) o presente, *ho enestós paratatikós* e o imperfeito, *ho paracheménos paratatikós*. *Paratatikós* vem de *parateino*, “estender, desenvolver, durar”; com as palavras *enestós* e *parocheménos* “presente” e “passado”, queria-se situar a duração em diferentes perspectivas temporais; b) o perfeito, *ho enestós syntelikós* vem de *synteléo*, “acabar, cumprir”. Eis aí, em suma, as noções aspectuais de duração e acabamento descritas pelos gregos. Veremos no momento oportuno como essa primeira compreensão do verbo grego praticamente não mudou (§22).

10. Entre os latinos, Varrão em seu *De Lingua Latina*, IX, 96, parece ter sido o primeiro a levar em conta o aspecto quando falou em *tempora infecta* e *tempora perfecta*; A. Meillet viria a retomar estas idéias em seus trabalhos.

---

(19a) Diversos trabalhos trazem históricos da questão do aspecto; além do livro bem documentado de L. Jenaro Maclennan, citado na bibliografia, ver também J. Wackernagel — *Vorlesungen über Syntax*, vol. I, p. 152 e ss; H. H. Christmann — “Zum Aspekt in Romanischen”; J. Roca Pons — *Estudios sobre Perífrases Verbales del Español*, pp. 24-55; Karl van der Heyde — “L’Aspect verbal en latin”; Arne Klum — *Verbe et adverbe*, pp. 105-152.

(20) Jesse L. Rose — *The Durative and Aoristic Tenses in Thucydide*, p. 6; também J. Humbert — *Syntaxe grecque*, § 240.

11. Coube a Georg Curtius, todavia, insistir nesses valores não temporais, o que fez em 1846, num livro intitulado *A Formação dos Tempos e dos Modos em Grego e em Latim* (21). Atendia a um impulso comparatista, pois ocorreu-lhe buscar no verbo grego aquela noção constatada no eslavo, e ali denominada *vid*.

Foram de fato as línguas eslavas dentre as do indo-europeu as que conservaram de forma mais vivaz a categoria de aspecto.

Teòricamente, todos os verbos eslavos podem ser imperfectivos e perfectivos, segundo indiquem a ação de que não se considera o término (imperfectivo) e a ação com consideração do término (perfectivo); em conseqüência disso, o pretérito dos verbos imperfectivos equivale ao nosso imperfeito, e o pretérito dos perfectivos ao pretérito simples ou ao mais-que-perfeito, equivalendo o presente ao futuro.

Há uma roupagem morfológica para essas duas possibilidades, pois, de modo geral, ao aspecto imperfectivo correspondem os verbos simples, e ao perfectivo os verbos dotados de prevérbio. A conjugação do verbo eslavo apresenta, portanto, a originalidade de ter um sistema de dois verbos emparelhados (22).

12. Estudando o verbo grego dêste ângulo, descobriu Georg Curtius que era possível distinguir nêle os “graus do tempo” (al. *Zeitstufe*), ou seja, o presente, o passado e o futuro, e a “qualidade do tempo” (*Zeitart*), que comportava três possibilidades: a) ação duratiya, indicada pelas formas do tema do presente; b) ação incipiente, expressa pelas formas do tema do aoristo, e c) ação completa, representada pelas formas do tema do perfeito (23).

---

(21) *Die Bildung der Tempora und Modi im Griechischen und Lateinischen*. Em 1873 refundiu essa obra, dando-lhe novo título: *Das Verbum der griechischen Sprache*. V. Michel Bréal, na introdução que escreveu para a *Grammaire comparée des langues indoeuropéennes* de Fr. Bopp, vol. I, p. XXXVIII.

(22) A. Meillet — *Le Slave commun*, §§ 306-328; J. Holt — *Études d'aspect*, pp. 55-65. Para um resumo das pesquisas efetuadas pela eslavística, v. L. J. MacLennan — *El Problema del Aspecto Verbal*, pp. 55-83.

(23) *Grammatica della Lingua Greca*, § 484. Delbrück substituiria *Zeitart* por *Aktion* em 1880; em 1885 apareceu o termo *Aktionsart*, proposto por Brugmann. Quem dá estas informações é Schwyzer, em sua *Griechische Grammatik*, vol. II, pp. 251-252.

Duas reflexões devem ser feitas sôbre a posição de Curtius em face do problema. Inicialmente, constata-se que concebia o aspecto (térmo que viria a substituir *Zeitart*) como categoria com fundamentação morfológica, mas os autores que se lhe seguiram entenderam-na como categoria semântica, sem morfologia correspondente. Em segundo lugar, nota-se que Curtius não desvinculou do tempo o aspecto, pois *Zeitart* significa “qualidade do tempo”, como já se disse. Modernamente ambas as categorias são postas em oposição, conquanto se admita que coexistam numa mesma forma verbal.

13. Com estas idéias conseguiu Georg Curtius chamar a atenção dos estudiosos para a categoria do aspecto, que começou a ser objeto de pesquisa em diferentes domínios lingüísticos.

Franz Bopp não quis fazê-lo, e assim, embora reconhecesse a existência de noções que hoje consideramos aspectuais, negava a existência do aspecto como categoria dotada de morfologia, nestes tērmos:

“A un point de vue plus général, je ne crois pas que la langue ait besoin d'exprimer **par un signe particulier** la durée d'une action. Il s'entend de soi que chaque espèce d'acte, non moins que chaque espèce de repos, exige un certain laps de temps. Quand je dis “il mange”, “il boit”, “il dort”, “il est assis”, on sait bien qu'il n'est pas question d'une action instantanée; il en est de même quand je dis “il mangeait”, “il buvait”, “il dormait”, “il était assis” (pendant que se faisait telle ou telle autre action). Je ne puis donc pas souscrire à cette opinion de Pott que les temps spéciaux prennent, à l'exclusion des autres temps, les caractéristiques des classes, parce qu'ils ont à exprimer une action qui ne se prolonge” — (24).

Estudos posteriores demonstraram que o verbo indo-europeu possuía temas verbais independentes uns dos outros, regulando-se seu emprêgo pelo aspecto e não pelo tempo; os temas mais importantes eram o do aoristo, que expressava o processo considerado em si mesmo, o do presente, que indicava o processo em seu desenvol-

---

(24) *Grammaire comparée des langues indoeuropéennes*, vol. III, § 511, nota 3. E observe-se que tendo falecido em 1867 e concluído as duas primeiras edições de sua Gramática em 1852 e 1861 (saindo a tradução francesa entre 1866-1827) poderia, se quisesse, ter dado curso às idéias de Curtius, de 1846.

vimento, e o do perfeito, que representava o estado conseqüente a um processo cumprido (25).

Hermann Hirt supõe que os aspectos no indo-europeu se expressassem através da raiz, explicando assim a razão por que os verbos imperfectivos não têm em grego e em latim o aoristo ou o *perfectum*; o aoristo de *basiléuo* é tardio, e verbos como *albeo*, *aceo*, *colleo*, *egeo*, *lateo*, *esse* só contam com o imperfeito, dentre os tempos do passado (26).

14. Vimos (§ 12) como o grego conservou a distinção entre os três temas herdados ao indo-europeu; já o latim organizou seu sistema à volta de dois temas de natureza aspectual: o do *inflectum* e o do *perfectum*. Os traços morfológicos mais salientes na caracterização desses temas são, para o *inflectum*, o infixo nasal, e para o *perfectum*, a reduplicação, a alternância vocálica, o sufixo sigmático e o sufixo *-u*.

O *inflectum* corresponde ao presente no grego, e o *perfectum* ao perfeito e ao aoristo; dessa forma, *scripsi* tanto pode significar “acabo de escrever” como “escrevi” (27). Tal como ocorre no grego e no indo-europeu (nota 26), tendiam as raízes durativas latinas a tomar de empréstimo a raízes pontuais as formas do *perfectum*; assim, *fero* “estou conduzindo”, recebeu de *tollo* “apanho” o pretérito *tuli*.

---

(25) Cf. A. Meillet — *Introduction à l'étude comparative des langues indoeuropéennes*; J. Vendryes e E. Benveniste — “Langues indoeuropéennes”, in *Les langues du monde, nouv. éd.* Paris CNRS, 1952, pp. 11-12; H. V. Velten — “On the Origin of the Categories of Voice and Aspect”, in *Language*, vol. VII (1931), 241.

(26) *Indogermanische Grammatik*, Teil VI, Syntax I, § 157; cf. também A. Burger — “Sur le passage du système des temps et des aspects de l'indicatif, du latin au roman commun”, 35: “En indoeuropéen, l'aspect reste attaché au sens même de la racine qui influe sur la forme du thème verbal. Ainsi, sur la racine \*alli — “aller”, essentiellement durative, il construit un thème, de présent gr. *eimi*, skr. *émi*, mais pas d'aoriste; par contre, sur la racine ponctuelle \*gwe2 signifiant probablement “faire un pas” (cf. gr. *bema* “pas”), il construit un thème d'aoriste gr. *ébe* skr. *ágart*; pour en tirer un présent il doit recourir à un procédé particulier, le redoublement à valeur sans doute iterative. Comp. Hom. O 686 *makrá bebás*, “faisant de grands pas”.

(27) T. Henrique Maurer Jr. — *Gramática do Latim Vulgar*, p. 124; sobre o sistema verbal latino ver também A. Meillet et J. Vendryes — *Traité de grammaire comparée des langues classiques*, § 388 e ss.: sobre o valor aorístico do *perfectum*, consultar A. Ernout et A. Thomas — *Syntaxe latine* §§ 251b, 255c, 258 e 268.

Foi Meillet quem retomou as idéias de Varrão (§ 10), dispondo os tempos latinos segundo duas séries formando uma oposição de temas do tipo *uidè/uid*, isto é, ação inacabada/ação acabada (28).

Houve quem o criticasse por entender assim as coisas, mas sem dúvida as restrições feitas prendem-se sobretudo à desinteligência geral que reina sobre o que é a categoria do aspecto; dentre as críticas, costuma-se sublinhar a de Karl van der Heyde, que não aceita a oposição inacabado/acabado, pois um imperativo como *dic* não pode significar “estejas dizendo” (p. 73). A dificuldade pode ser contornada lembrando-se que a noção aspectual é mais patente no indicativo do que em outros modos. Este autor discorda também do termo *perfectum*, propondo “resultativo”, p. 140, (e parece-nos que o resultado nada mais é que um dos matizes da ação perfeita), e concluindo: “dans la présente étude mon intention n'a pas été de nier l'existence des phénomènes d'aspect ou d'Aktionsart dans le domaine du latin” (p. 156).

15. Algumas questões particularmente delicadas têm-se apresentado aos sintaticistas que examinam o aspecto no latim. Referil-as-emos aqui a título de informação apenas, por ser matéria ainda em pendência.

Disse A. Meillet que se encontra no *perfectum* o valor de perfeito, citando estes exemplos: *uixit* = “está morto”; *dixit* = “acaba de falar”; “Fuimus Troes, fuit Ilium”; à parte a observação de Heyde, que considera raros tais casos (*o.c.*, 71), temos a interessante hipótese de A. Magariños, pela qual a forma redobrada do *perfectum* é perfectiva, sendo aorística a forma em *-si*; ignoramos se essa hipótese foi retomada, pois Magariños a estudou apenas quanto ao verbo *parco* (29), com resultados positivos. Ainda sobre êsse valor, não faltou quem o atribuísse a condições semânticas especiais, tentando-se classificar os poucos verbos suscetíveis de expressá-lo; Meyer-Lübke escreveu:

---

(28) Karl van der Heyde — “L'Aspect Verbal en Latin”, 70, indica os diferentes passos em que Meillet expôs sua teoria, devendo-lhe ser apenas acrescentada a *Esquisse d'une histoire de la langue latine*, pp. XI e ss. e 28 e ss.

(29) A. Magariños — “Peperci — parsi”.

“C'est précisément avec les verbes qui expriment une activité intellectuelle que s'accomplit le plus facilement le passage à l'idée de parfait, c'est-à-dire à l'idée résultant de cette activité” (30).

Parece, pois, que não é qualquer verbo que assume valor de perfeito, tão logo conjugado no *perfectum*.

Em segundo lugar, temos as discussões em torno do valor de perfectivação atribuído aos preverbios; dividem-se as opiniões, afirmando uns que o verbo simples é durativo, transformando-se em perfectivo quando dotado de preverbio. Outros vêem no uso dos preverbios uma função meramente estilística, distanciada de uma gramaticalização; referências bibliográficas e maiores detalhes podem ser encontrados no citado A. Magariños (31).

À vista do exposto, pode-se falar numa categoria de aspecto gramaticalmente configurada no latim? A. Ernout e F. Thomas optam pela negativa:

“On ne peut considérer la notion d'aspect comme constituant une catégorie grammaticale en latin, et, dans ce domaine, l'examen des faits relève moins de la syntaxe que du vocabulaire et de la stylistique” (32).

A afirmação em nada desmente a existência da categoria, apenas coloca-a em suas justas dimensões: se de um lado não conta mais com uma representação morfológica notável, de outro não deixa de assinalar sua presença na língua: toda a interessante história da constituição da perífrase de *habere* + participio passado aí está para comprová-lo (v. § 77c), restando avaliar até que ponto isto é mais válido para as línguas românicas do que para o latim.

---

(30) *Grammaire des langues romanes*, vol. III, § 288. Ponderação semelhante foi feita por Karl Horst Schmidt — “Das Perfektum in indogermanischen Sprachen”, 5: o perfeito grego intensivo com sentido de presente encontra-se principalmente nos verbos que representam vozes, como *kékrague* = grita, e nos *uerba affectuum* como *bébryche* = chora. V. também J. Holt, *Études d'aspect*, § 19 e G. Ivanescu — “Le Temps, l'aspect.”... 47 (= verbos como *amar*, *estimar*, *marchar* não expressam o resultado em romeno).

(31) “Sobre los Valores del Preverbio en “Consequor”” e “Notas sobre el Posible Valor de los Preverbios”. V. também M. Bassols de Climent — *Sintaxis Latina*, vol. I, § 295.

(32) *Syntaxe latine*, § 239. Para um estudo estritamente semântico do aspecto, v. C. Guiraud — *Les Verbes signifiant “voir” en latin*. Étude d'aspect.

16. Não poderemos, como era nosso desejo, historiar neste breve apanhado a sorte das idéias sôbre o aspecto no campo românico (33); entretanto, a bibliografia (ainda que incompleta) que cerra nosso trabalho poderá dar uma idéia da extensão dêesses estudos, sendo o francês, como era de esperar, a língua mais intensamente explorada.

Algumas referências faremos ao caso particular do português, resenhando os trabalhos que pudemos consultar.

Tanto quanto é de nosso conhecimento, não há em nossa língua, exceção feita de um trabalho de Simões Ventura, que não pudemos ler (34), nenhum estudo consagrado especificamente a esta matéria. As referências que lhe fazem os autores é sempre *en passant*; é significativo que em sua maioria quase absoluta tiveram a atenção chamada para as noções aspectuais a partir da observação das perífrases verbais, em que o aspecto tem uma presença portemente marcada (v. § 101).

---

(33) Fr. Diez fala em verbos perfectivos e imperfectivos (*Grammaire des langues romanes*, vol. III, pp. 186-187), em duração no passado (p. 253), ação durável e passado não cumprido, passado inteiramente cumprido (p. 255) e passado cumprido (p. 257); estas parecem ser as únicas manifestações sôbre o aspecto que se podem achar em sua obra. A isto Meyer-Lübke acrescentou que se deve considerar no verbo o "momento da duração" e a "modalidade da ação", isto é, o tempo e "les différences dans la manière dont s'accomplit une action: elle apprend donc si une action est durable ou répétée ou momentanée ou inchoative ou accomplie". E exemplifica: "Le latin *cantat* renferme donc au moins quatre sens différents 'il chante, sans s'arrêter, pendant un espace de temps déterminé', 'il chante à diverses reprises (il a coutume de chanter)', 'il chante justement à cette heure', 'il commence à chanter'" [o que já parece um pouco forçado]. Acredita que o romance deixou de lado a utilização de sufixos como recursos para a expressão do aspecto (direção que o latim parecia estar seguindo ao constituir os conjuntos *uirere/uirescere*, *cantare/cantitare*), voltando-se para a criação de perífrases com essa finalidade. Reconheceu Meyer-Lübke, portanto, a categoria de aspecto, mas não lhe consagrou em sua obra nenhum capítulo especial. Cf. *Grammaire des langues romanes*, vol. III, § 101. Tem-se considerado o trabalho de A. Burger — "Sur le passage du système des temps et des aspects de l'indicatif, du latin au roman commun" como o primeiro estudo de conjunto sôbre o aspecto no romance; Burger fundamentou-se no francês arcaico. Suas conclusões foram contraditadas por Emidio de Felice — "Problemi di Aspetto nei più antichi Testi Francesi".

(34) *Reflexões sôbre o Aspecto Verbal*. Coimbra, 1921.

Epiphânio da Silva Dias fala em presente iterativo e em perfeito indicador de ação passada que se repete e que continua (35).

Ernesto Carneiro Ribeiro, sem servir-se da palavra “aspecto”, demonstrou ter sentimento dessa categoria, ao escrever:

“Os verbos **estar, andar, ir, vir** como auxiliares indicam a existência continuada. O primeiro pode-se chamar continuativo freqüentativo; o terceiro e o quarto continuativos progressivos” (36).

À p. 566, preocupando-se com os verbos dotados de sufixo aspectual (e veremos no § 103 como êsse recurso de expressão do aspecto é restrito em relação aos demais), fala em verbos freqüentativos (*bafejar, almejar* [ ? ] *bodejar*, etc.) e incoativos (*amanhecer, anoitecer, escurecer*, etc.). V. § 56a dêste.

Também Said Ali não se serve da palavra aspecto mas refere diversas noções aspectuais; veja-se sua definição de presente momentâneo e os exemplos de imperfeito durativo e freqüentativo (37).

Modesto de Abreu e Gomes de Moura fazem algumas observações sôbre as perífrases (38).

Karl-Heinz Kloppel compôs um trabalho sério e bem documentado; estuda as perífrases de infinitivo formadas com os auxiliares *começar, cuidar, andar, pensar, ir, vir, e querer*. Na introdução esclarece que considerará as perífrases a partir do sentido primitivo do verbo -tomado isoladamente (39). Gostaríamos de fazer-lhe algu-

---

(35) *Sintaxe Histórica Portuguesa*, §§ 252 e 253 a 2.

(36) *Estudos Gramaticais e Filológicos*. Salvador, Livraria Progresso Editora, 1957, p. 557 [vol. 3 das Obras Completas].

(37) Quanto ao presente: “Praticamente, porém sempre que os momentos inicial e terminal não nos parecem muito afastados do instante da palavra, consideramos a expressão verbal como presente momentâneo”, p. 310; quanto ao imperfeito, v. p. 313. *Gramática Histórica, l.c.*

(38) “Costuma o verbo *começar* vir seguido de um complemento introduzido com a preposição *por*, quando se quer determinar precisamente o limite inicial da ação: “Os do bispo começaram por segurar sua prêsa””, p. 83. V. a nota 112 dêste. Outras observações: *dar* + infinitivo preposicionado para indicar início da ação: p. 137; *entrar* + infinitivo preposicionado para indicar o mesmo: p. 168. Cf. *Regência Verbal*. Sintaxe e Estilística dos Principais Verbos. Rio de Janeiro, Livraria Freitas Bastos S.A., 1957.

(39) *Aktionsart und Modalität in den portugiesischen verbalumschreibungen*, p. 16.

mas observações: 1) é pena que o autor tenha deixado de lado as perífrases de gerúndio, fundamentais num estudo sobre o aspecto; 2) objetivando tanto estudar aspecto quanto modo, é estranhável que na introdução só se refiram trabalhos sobre o aspecto, omitindo-se os problemas suscitados pelo modo (que não são poucos!), 3) tendo partido de um ponto de vista formalista (pois selecionou as perífrases que estudaria e que relacionamos acima), abandona facilmente os limites que se impusera, encaminhando-se para considerações sobre o tempo (pp. 25, 31, 49, 50, 60 e 86) quando não se entrega a análises semânticas tão somente (v. sua digressão no capítulo consagrado à perífrase de *cuidar de* + infinitivo); 4) a diferença que faz entre iterativo (p. 63) e freqüentativo (p. 46) não ficou muito clara, mormente porque os exemplos oferecidos são coincidentes (pp. 50 e 85); a repetição de abonações também ocorre quando exemplifica modo e aspecto (pp. 57 e 73).

Cláudio Brandão dá à questão um desenvolvimento maior, conquanto haja ficado na apresentação do respectivo quadro e na enumeração não circunstanciada dos recursos lingüísticos para sua expressão (40). C. Brandão considera os seguintes aspectos: 1) pontual momentâneo, perfectivo), “em que se considera a ação como concluída apenas começada ou mediante um só movimento: ‘Frei Rui saltou no chão, apagou a lâmpada’”; 2) durativo (cursivo, progressivo, imperfectivo): duração ou desenvolvimento, portanto como inacabado: “A cidade dormia”; 3) iterativo: repetição sucessiva ou freqüente, ou rara, periódica ou irregular do mesmo fato: “A luz crua dos longos dias flameja sobre a terra imóvel e não a anima”; 4) perfeito (consumativo): o fato se realizou e subsiste no sujeito um estado resultante da consumação de tal fato: “Sei”, isto é, procurei conhecer e atualmente conheço. “Quem de si adoecce tarde ou nunca guarece”; 5) “terminativo (durativo-perfectivo), que exprime uma ação progressiva, tendo-se em vista um ponto determinado de sua duração — o início ou o fim: transpor um cimo, atingir um alvo, chegar a um lugar, partir de uma cidade, zarpar de um porto, concluir um trabalho, etc.: ‘Partiu D. Estêvão da Gama com doze navios de alto bordo’”.

Não nos parece conveniente subtítular o terminativo com termos antitéticos (“durativo-perfectivo”); por outro lado, o terminativo não pode indicar o início de uma duração.

---

(40) *Sintaxe Clássica Portuguesa*. Belo Horizonte, Imprensa da Universidade de Minas Gerais, 1963, § 286.

É pena que o autor não se tenha estendido mais, a fim de que avaliássemos com precisão seus pontos de vista.

Outras referências: J. Mattoso Câmara Jr. — “Uma categoria verbal: o aspecto”, cap. dos *Princípios de Lingüística Geral* a que nos reportaremos mais de uma vez nestas páginas; José Cretella Jr. — “O Aspecto e o Tempo no Sistema Verbal”; A. J. Chediak, a propósito do “Anteprojeto de Unificação da Nomenclatura Gramatical Brasileira” comenta a palavra “aspecto” apresentando curiosas (mas freqüentes, v. § 26) confusões entre essa categoria e a de modo, pois fala em aspecto necessitativo, obrigativo conativo, enfático, potencial, volitivo” (41); Sílvio Elia, “Aspecto”, verbete do *Dicionário Gramatical* (42); Eládio dos Santos Ramos (43).

17. Concluindo esta breve sinopse histórica sôbre a origem e a difusão dos estudos do aspecto, não podemos deixar de referir o simpósio que o “Cercle Belge de Linguistique” fêz celebrar em 26 de outubro de 1957, objetivando estabelecer o respectivo *status quaestionis*; apresentaram-se na ocasião sete comunicações, das quais a *Revue Belge de Philologie et d'Histoire* publicou apenas quatro, até esta data: L. Roche — “L'Aspect verbal en vieil indien”; M. Leroy — “L'Aspect verbal en grec ancien”; A. Maniet — “L'Aspect verbal en celtique”; J. Pohl — “L'Expression de l'aspect verbal dans le français contemporain” (44).

#### B) A Contribuição das “Escolas Lingüísticas”.

18. Recordamos no item anterior o modo como se deu a descoberta da noção de aspecto e a constatação de sua existência primeiramente no eslavo, depois no grego, no indo-europeu, no latim e nas línguas românicas.

Nesta altura de nossa Introdução, gostaríamos de retratar mais de perto a evolução dos estudos do aspecto, agrupando-os de acôrdo com as tendências metodológicas que representam

---

(41) *A Nomenclatura Gramatical Brasileira e sua Elaboração*. Rio de Janeiro, CADES, 1960, p. 79.

(42) 3.<sup>a</sup> edição. Porto Alegre, Editora Globo, 1962.

(43) Da *Syntaxilogia Portuguesa*. Recife, 1926, pp. 166-167 (=relações temporais conotadas pelo presente momentâneo, presente durativo e presente freqüentativo).

(44) V. vol. XXXVI (1958), respectivamente 118-127, 128-137, 138-143, 861-868; uma introdução pequena e pouco informativa sôbre os resultados do simpósio vem à p. 118.

A *Linguística Histórica* teve papel destacado, sendo possível divisar duas fases em suas atividades.

A primeira levou à própria descoberta da categoria, pois foi uma inspiração comparatista que guiou Curtius. Diversos autores retomaram suas idéias, ampliando-as ou modificando-lhes a feição.

Inicialmente, opôs-se o presente ao aoristo e ambos ao perfeito, pois, enquanto os dois primeiros indicam o *processo* em seu desenrolar ou em si mesmo, atém-se o perfeito a indicar o *estado*. Desta sorte, o tema do presente indica a duração e o do aoristo a mera constatação do fato, o que pode ser assim exemplificado: “*Sokrátes toiôde tô trópo apéthneske*”: “Sócrates com estas palavras, morria” (imperfeito: noção de duração). “*Sokrátes apéthane guenáios*”: “Sócrates morreu com nobreza” (aoristo: constatação pura e simples do valor moral de Sócrates diante da morte). Entretanto, nem sempre há muita clareza na escolha de um ou de outro tempo, surgindo por vêzes o imperfeito onde ‘selon notre logique nous a’tendrions un aoriste’ (45).

A. Meillet contrasta o tema do presente com o do aoristo nos mesmos tēmos: enquanto êste indica o processo puro e simples, insiste aquêle em sua duração, como se pode ver em Xenofonte, *Hell.*, I, 1, 3: “. . . emáchonto méchri hoí Athenaiói apépleusan”: “. . . lutaram até que os atenienses embarcaram de volta”. (46).

Já o valor aspectual do tema do perfeito consiste em expressar um estado resultante de estados anteriores ou de uma ação acabada: *téthneke* = “está morto”. Eurípedes, *Alc.* 541a: “*Tethnásin hoí thanóntes*”: = “os que morreram estão mortos”.

Em suma, há uma oposição presente-aoristo/perfeito admitida por todos os sintaticistas; mais tarde, chegariam os estruturalistas ao mesmo resultado, ainda que percorrendo caminhos diferentes.

19. Aprofundavam-se nesse interim os estudos tanto do lado das línguas eslavas quanto do grego, o que concorreu para uma

---

(45) J. Humbert — *Syntaxe grecque*, § 229. “Vouloir chercher dans la succession des imparfaits et des aoristes l’application d’un principe défini serait fausser les faits”: § 244.

(46) Cf. a *Introduction à l’et. comp. des langues indoeurop.*, pp. 249-250.

nova comparação entre os respectivos sistemas de aspecto, na segunda fase do esforço historicista:

Correspondeu esta fase à fixação da tipologia do aspecto, e aqui surgiram algumas dificuldades, pois os pesquisadores buscaram aproximar a oposição grega “aoristo/presente” da oposição eslava “perfectivo/imperfectivo” (47), o que veio acarretar uma confusão terminológica, pois inicialmente entendia-se por presente no grego “ação durativa”, enquanto que imperfectivo no eslavo era o mesmo que “ação sem consideração de término”. De outro lado, aoristo significa “ação pontual” e perfectivo “ação com consideração de término”. Além disso, deve-se observar que o sistema eslavo compreende dois termos, e o grego três.

Para contornar a dificuldade, afirmou A. Meillet (48) que o perfectivo eslavo designava a ação pura e simples, sem consideração de duração, e o imperfectivo a ação considerada em sua duração, no que, todavia, não foi seguido pelos eslavistas.

Nova tentativa de adequação do sistema grego ao eslavo é efetuada, agora por Schwyzer, que considera o presente e o perfeito como “infetivos” (térmo equivalente ao imperfectivo eslavo) e o aoristo como “confectivo” (= perfectivo eslavo) (49). O término “infetivo” indica o processo que não chegou a seu término; a designação “confectivo” foi dada ao aoristo para abarcar-lhe o valor pontual e suas nuances quer ingressivas (*nosêsai* = “enfermar, pôr-se enfêrmo”), que momentâneas (*apothanein* = “morrer”), quer complexivas (*ebasileuse triákonta ête* = aoristo indicador de ação pura e simples).

Ainda na mesma trilha comparatista temos o trabalho de J. Brunel, que partiu de duas considerações:

a) a oposição dos temas de aoristo e de presente não é suficiente para contrastar em todos os casos o *processo cujo término é entrevisto* com o *processo cujo término não é entrevisto*; só mesmo a constatação da existência de um sistema secundário, que se cruza com o anterior, sem anulá-lo, pode facultar-nos a visão daquelas duas funções. Esse sistema é representado pela oposição *determinado* (=consideração do término do processo)/*indeterminado* (= o

(47) J. Maclennan — *El Problema del Asp. Verbal*, p. 40 e ss.

(48) *Études sur l'etymologie et le vocabulaire du vieux slave*, I, p. 99, apud F.R. Adrados — “Observaciones sobre el Aspecto Verbal”, 13.

(49) Apud Adrados, *Ibidem*.

térmo do processo não é entrevisto), e, segundo reconheceu Brunel, a descoberta de sua existência no grego se fez graças ao cotejo com o eslavo (50).

Os aspectos determinado/indeterminado podem ser encontrados dentro do tema do presente — *anyto*, “acabar (determinado)/*anyo*, “apressar-se” (indeterminado) — e do tema do aoristo, considerando-se determinados os aoristos em *-then* (50<sup>a</sup>); *tekein* é indeterminado neste passo de Eurípides, *Med.*, 251: “. . . *trís an par’aspída/sthênai théloim’an ê tekein hápax*” (“preferiria manter-me três vêzes [no campo de batalha] com o escudo na mão que sofrer uma só vez as dores do parto”).

b) Apesar do seu caráter fugidio, pôde essa oposição tomar grande relêvo graças aos préverbios, que marcam o aspecto determinado. Brunel amplia com esta consideração o ponto anteriormente exposto por A. Meillet (51), entre outros, e passa a examinar os valores do aspecto determinado, estudando as formas dotadas de préverbio do aoristo e do presente (52); o perfeito não tem grande interêsse nesta perspectiva, por expressar sobretudo o estado (52a). Numa segunda etapa, investiga a possível afinidade entre a forma simples (=indeterminada) e o presente de um lado, e a forma composta (=determinada) e o aoristo de outro, mediante o levantamento total dos casos ocorridos no *Ajax* de Sófocles e no discurso VII, *Sôbre a Oliveira*, de Lísias. A relação numérica entre a indeterminação e a ausência de préverbios e a determinação e a presença dos mesmos então estabelecida levou-o à afirmativa.

---

(50) J. Brunel — *L'Aspect verbal et l'emploi des préverbes en grec, particulièrement en attique*, pp. 3 e 255.

(50a) *O. c.*, p. 11.

(51) Cf. o *Aperçu d'une histoire de la langue grecque*, p. 209: “La présence ou l'absence du préverbe à un verbe marque que l'acte indiqué par ce verbe arrive à son terme. Le cas le plus clair de ce genre est celui qu'on observe quand un verbe signifiant “battre”, comme *caedere* du latin ou *biti* du slave, prend par l'addition d'un préverbe le sens de “tuer”: *oc-cidere*, *u-bitii*; em grec. *kteino* signifie “je tue”, et *katakteino* souligne le fait que l'acte de tuer est mené jusqu'au bout. On conçoit pourquoi l'attique a généralisé *katakteino* e *apothnesko*: il s'agit de faits qui, par nature, s'achèvent”.

(52) São os seguintes êsses valores: ingresso, término, afastamento, resultado, acabamento.

(52a) *O. c.*, p. 276.

Não lhe parecendo satisfatórias as conclusões a que chegou (e haverá conclusões inteiramente satisfatórias neste campo?), reconheceu que são raros os bons exemplos de aspecto determinado, e que a oposição determinado/indeterminado, desde que expressa pelo verbo dotado de prevérbio ou simples, é um fato de vocabulário e de estilo, unicamente gramatical quando posta em relação com o sistema presente/aoristo/perfeito (52b).

O livro de L. Jenaro MacLennan a que nos temos reportado representa um esforço de reposição do problema em termos historicistas, e esta é a tese fundamental da obra. O que parece necessário a MacLennan é pesquisar:

“los orígenes históricos, genéticos, de la formación fenomenológica que concurre sobre la dirección “tiempo” gramatical, hasta ver cómo adquiere ésta una significación plural, bímembre, con el nacimiento más reciente del “aspecto”” (53).

Particularmente, parece-nos impossível desconsiderar as recentes conquistas da Ciência Lingüística, em especial a que consiste em examinar o fato em suas relações com os demais, fugindo à atomização comum nos estudos anteriores. Dessa forma, o que mais acertado se nos mostra será proceder inicialmente à apreensão dos sistemas sincrônicos do aspecto português para, somente depois, historiar-lhe a evolução dentro do conceito moderno de história lingüística formulado por Wartburg (54). Pretendemos neste trabalho atacar a primeira dessas tarefas.

20. A *tendência psicológica* conduziu à definição do aspecto como uma espécie de “tempo metafísico” e tem seu ponto de partida nas considerações de Bergson sobre a duração; di-lo claramente M. Criado de Val, nestes termos:

“Entre las ideas aprovechables que la Psicología nos proporciona hay dos que destacan por su evidente transcendencia. Una es la idea de la “duración” que Bergson sitúa

---

(52b) *O.c.*, p. 281.

(53) *El Problema del Aspecto Verbal*, p. 54; v. también pp. 82 e 139.

(54) “( ) la Lingüística, en una nueva fase de su evolución, se convierte en historia de la estructura idiomática”. *Problemas y Métodos de la Lingüística*, p. 299.

en la base de su filosofía. Frente al tiempo matemático, cronológicamente medido, o pone una duración cualitativa, interna, cuyo desenvolvimiento orgánico no está sujeto a progresión numérica.

Facil es ver la semejanza de esta idea de la duración con lo que la lingüística conoce bajo el nombre de aspecto, y es bien digno de destacar el hecho de que haya siempre existido en el lenguaje esta distinción entre el tiempo "cronológico" divisible en fechas y el tiempo "durativo" que transcurre y cuya medida es puramente interna y subjetiva" (55).

G. Guillaume deu considerável desenvolvimiento às teorias psicológicas sobre o verbo. Procurou em seus trabalhos averiguar as relações entre a linguagem e o pensamento, direção que o levou a elaborar uma teoria a que chamou "psicomecânica" e que na verdade é um vasto inquérito em torno do pensamento subjacente à expressão lingüística. Foi a partir dessas considerações que edificou sua compreensão acerca das categorias verbais, por ele consideradas fases internas de um fenômeno de natureza singular (56); Guillaume fundiu a fase do desenvolvimiento do processo (aspecto) e o momento em que se encontra esse desenvolvimiento (tempo), dizendo que "aspecto é tempo implicado" e tempo é "tempo explicado". Entende-se por tempo implicado a noção integrante da substância verbal, segundo Guillaume. Assim, quando falamos "caminhar", aparece ao lado da noção do processo a do tempo necessário à sua realização (57).

---

(55) *Sintaxis del Verbo Español Moderno*, p. 29.

(56) "Aspect, mode, temps, ne se réfèrent pas, comme l'enseigne la grammaire traditionnelle, à des phénomènes différents, mais aux phases internes d'un phénomène de nature unique, la chronogenèse; en un mot, l'aspect, le mode, le temps représentent une seule et même chose, considérée en des moments différents de sa propre caractérisation". *Temps et Verbe*, apud. G. Moignet — *Essai sur le mode subjonctif*, Paris, PUF, 1959, t. I, p. 88.

(57) G. Guillaume — "Immanencia y Trascendencia en la Categoría del Verbo". "L'époque et l'aspect nous semblent être les deux composantes du "temps"; les époques sont passé, présent, futur; les aspects: imperfectif, perfectif. Ainsi, passé-imperfectif = "imparfait"; passé-perfectif = "prétérit"; futur-imparfait = "futur". *Temps et verbe*, apud Bernard Pottier — "Les Infixes modificateurs en portugais", in *Boletim de Filologia*, vol. XIV (1953), 238, nota 10. Sobre Guillaume, ver G. Moignet — "Gustave Guillaume et la Science du Langage", in *Travaux de linguistique et de littérature*, II, 1 (1964); Gabriel Guillaume — "Echos d'un message linguistique: oeuvres et leçons de Gustave Guillaume", in *Revue de linguistique romane*, t. XXIX (1965), 295-313.

21. *O Estruturalismo* não é, como se sabe, uma tendência unitária, cindindo-se em escolas diferentes. No que diz respeito ao aspecto contam mais as Escolas de Copenhague e de Praga, com pontos de vista um pouco diferentes, unicamente identificadas quando se trata de entender a língua como um sistema dotado de elementos solidários, definidos pelos contrastes existentes entre uns e outros.

22. Os autores filiados à Escola de Copenhague, de um modo geral mais logicista e apriorista que a de Praga, dizem haver no sistema um termo positivo A, de funções bem delimitadas, um termo negativo B, privado dessa delimitação, podendo mesmo ocupar funções próprias ao termo positivo, e um termo zero C, que tem o condão de não ser nem uma coisa nem outra, mas que pode por vezes assumir valores do termo positivo, pois somente este possui funções claramente delimitadas (58).

Jens Holt foi o primeiro a aplicar essas idéias ao estudo do aspecto, em 1943, retomando a tripartição dos temas gregos segundo a velha concepção estóica (§ 9) e apresentando-a com tempero moderno.

Procura inicialmente descobrir o termo positivo, de emprêgo mais delimitado, e que é o perfeito; o conteúdo aspectual do perfeito reside na designação do processo acabado, que ultrapassou seu ponto final transformando-o em estado.

Como o perfeito indica o termo do processo, obviamente o elemento negativo deverá figurar o não termo, isto é, o processo sem seu termo. O presente, portanto. E como o termo negativo pode às vezes carregar-se da significação do positivo (“les oppositions linguistiques ne sont pas exclusives, elles sont participatives” (58a), sucede que o presente pode assumir o valor do perfeito. Assim, *akouo* tanto pode ser “escuto”, como “tendo escutado, sei”; *nikômen*: “vencemos”, mas, “tendo vencido, somos vitoriosos”.

---

(58) J. Holt — *Études d'aspect*, p. 34. M. Leroy informa que foi Viggo Brøndal em seus *Essais de linguistique générale* quem pela primeira vez falou em termo negativo, termo positivo e termo zero. Cr. *Les Grands courants...* p. 91.

(58a) J. Holt — *o.c.*, p. 23; ver também pp. 29 e 31.

Falta determinar o termo zero, C, o que não difícil para um apriorista como J. Holt. Transcrevamos:

“Quand l'aspect du parfait a été défini comme terme positif et celui du présent comme négatif, une seule place est réservé à l'aspect de l'aorist: celle de zéro” (58b).

Valor aspectual do aoristo: indicação do processo que não é considerado nem antes nem depois de seu termo. Exemplificação escassa.

Knud Togeby é outro autor filiado à Escola de Copenhague, mas, ao contrário de J. Holt, não parece tão preocupado com surpreender a posição que cada elemento ocupa no sistema (59). Estudou em seu livro as três principais categorias do verbo, averiguando suas relações com os advérbios, as conjunções, o tipo oracional e o semantema do verbo, tanto no interior de uma proposição, quanto entre duas proposições ou ao mesmo tempo no interior de uma proposição e entre duas proposições.

A cada passo Togeby indaga sobre a influência que os elementos que convivem com a categoria exercem sobre ela; este gênero de preocupações marcou fortemente a estrutura de seu livro, repetindo-se para cada categoria o “ritual” já observado para as outras.

Verificadas as relações possíveis para cada categoria são elas definidas à vista dessas relações, renunciando-se a uma conceituação essencialista; trata-se, em suma, do estudo das “competências” entre as categorias do verbo e as classes de palavras, caminho pelo qual chega o autor às funções (ou “regras”, (59a) dessas mesmas categorias. Utiliza-se então dos termos “extensivo” (=aquele que apresenta certo número de relações possíveis) e “intensivo”, designador do termo de distribuição limitada, concluindo que o imperfeito é extensivo e o perfectivo, de funções mais delimitadas, é o intensivo (60).

---

(58b) *O.c.*, p. 32.

(59) Knud Togeby — *Mode, aspect et temps en espagnol*.

(59a) *O.c.*, p. 11; sobre o aspecto, v. pp. 65-97.

(60) Pp. 105 e 106; v. também p. 122: “Par contre il faut donner une définition sémantique positive des deux autres aspects [referira-se anteriormente ao aspecto do presente], parce qu'ils sont extensifs l'un par rapport à l'autre. L'aspect perfectif indique un phénomène “à limites déterminés”, l'aspect imperfectif un phénomène “dans son déroulement”.

A compreensão que Togeby tem do sistema lingüístico, fundamentando-o numa oposição binária, lembra a Escola de Praga.

23. Essa Escola aplicou à Sintaxe os princípios de “térmo marcado” ou caracterizado, portador de um só significado, e “térmo não marcado” ou não caracterizado que Trubetzkoy usara na descrição do sistema fonológico (61); êste último é uma espécie de término-omnibus, também chamado extensivo (62).

Martin Sánchez Ruipérez foi o primeiro a estudar o aspecto dêste ângulo, num trabalho de 1954 que se afasta algo do de J. Holt (63). Partindo do sistema aceito por A. Meillet quanto ao verbo grego (perfeito/presente-aoristo), considera término caracterizado o perfeito, “en virtud de su unidade de sentido” (63a) e término não caracterizado o conjunto presente-aoristo.

Como o perfeito expressa o estado resultante de uma ação anterior e o conjunto presente-aoristo expressa a ação em si (quer desenvolvendo-se, quer sem noção de desenvolvimento), poderia tal sistema ser assim representado gráficamente, segundo o mesmo Autor:

A \_\_\_\_\_ B .....c

AB=ação em si (conjunto presente-aoristo)

c=estado resultante do acabamento total da ação AB (perfeito)

Exemplificando: *tethnánai* (“estar morto”)/*thenêskei* e *thanein* (“morrer”); *hestánai* (“estar de pé”)/*hístasthai* e *stênai* (“pôr-se de pé”); (63b).

(61) *Principes de phonologie*. Paris, Klincksieck, 1957, p. 77.

(62) Holger Sten assim estuda os tempos, mas hesita em resolver se é o presente ou o imperfeito o término não marcado. Cf. *Les Temps du verbe fini*, pp. 14-15.

(63) M. Sánchez Ruipérez — *Estructura del Sistema de Aspectos y Tiempos del Verbo Griego Antiguo*. Análisis Funcional Sincrónico, F.R. Adrados justifica, num comentário ao livro de Ruipérez, o porquê dessa diversidade: enquanto Holt segue a orientação de Hjelmslev e Guillaume (o primeiro da Escola de Copenhague), Ruipérez, adotando os pressupostos de Martinet, Trubetzkoy e Jakobson (Escola de Praga), nem assim se afastou do método filológico, habitualmente empírico. Daquí o equilíbrio que se observa em seu estudo. Cf. “El Método Estructural y el Aspecto Verbal Griego”, 258.

(63a) M. Sánchez Ruipérez — *oc.*, p. 45.

(63b) *O.c.*, p. 45.

Após estas considerações (e outras, que omitimos por brevidade), dá o professor salmanticense sua definição dos diferentes aspectos. Reside o valor do perfeito na consideração do conteúdo verbal depois de seu termo; com isto Ruipérez rejeita a compreensão habitual do aspecto do perfeito como “estado resultante de uma ação”, lembrando que um perfeito normal como *hebêkei* (“estado de marchar”?) e um perfeito anômalo como *óida* não têm cabimento dentro daquele modo de ver as coisas, motivo por que apresenta esta solução.

Quanto ao valor aspectual do presente e do aoristo, principia por resenhar as diferentes opiniões, para concluir que também entre eles cabe a distinção “térmo caracterizado/térmo não caracterizado”. O tema do presente, definido como durativo, constitui o térmo caracterizado do conjunto, figurando o aoristo como térmo não caracterizado, expressivo da não duração, vale dizer, da pontualidade. Se o ponto fôr o inicial do processo teremos o aoristo initivo (Heródoto, I, 1, 1: *kai oikêsantes* [tendo começado a habitar] *touton tôn chórov tôn kai nyn oikéousin* — “tendo começado a habitar êste país, que ainda agora habitam”); se final, aoristo finitivo (*épeisa* = “consegui persuadir”). Admite-se também o aoristo neutro, denotador do fato verbal isento de qualquer noção de duração ou de pontualidade (64).

Finalizando, mostra-nos o A. que muitas vêzes a escolha do tema do presente ou do aoristo é meramente subjetiva ou de motivação psicológico-estilística, com o que nos faz recuar à posição de J. Humbert (v. nota 45). O que tudo, afinal, serve de mostrar que, acima da variedade dos métodos e das formulações, paira a dificuldade natural desta matéria.

Não é fácil avaliar os resultados da contribuição estruturalista para o estudo do aspecto; cremos que à parte certa rigidez com que encaram os fatos lingüísticos (65) e o tom por vêzes excessivamente abstrato de suas considerações, a presença estruturalista neste campo

---

(64) *O.c.*, p. 80. Diz Ruipérez que nem sempre é fácil diferenciar êste aoristo neutro do pontual.

(65) Refiro-me aos fatos do nível sintático, nos quais não é possível encontrar aquêles esquematismo que tanto entusiasmou os estruturalistas e que parece ser privativo do nível fonológico.

teve um saldo positivo, que foi insistir numa visão totalizadora das categorias verbais, renunciando ao seu estudo atomístico e valorizando os elementos ao lado dos quais o verbo se situa (66).

### C) Aspecto e Modo da Ação

24. Um número tão grande de estudos deveria ter esclarecido o problema; tal infelizmente não se deu. Em verdade, são tão díspares os conceitos de aspecto na rica bibliografia existente que um exaustivo levantamento analítico deste ponto nos levaria a todo um variado corpo de doutrinas lingüísticas; quem se lançasse a tal empreza encontraria pela frente problemas muito complexos, e os menores não lhe adviriam daqueles autores que emitem logo de entrada sua opinião aôerca dessa categoria. Pois dentre a centena de autores que pudemos consultar, nada raros são os que, esquecidos de que a conceituação do aspecto está longe de ser matéria pacífica, põem-se logo a enumerar seus casos, forçando o leitor a deduzir por conta própria aquela conceituação. Surgem daqui os freqüentes desentendimentos e a multiplicidade de interpretações dêsses mesmos fatos, o que levou Vendryes a excluir certa vez:

“Il n’y a guère en linguistique de question plus difficile que celle de l’aspect. parce qu’il n’y en a pas de plus controversée et sur laquelle les opinions divergent davantage... On n’est d’accord ni sur la définition même de l’aspect. ni sur les rapports de l’aspect du temps, ni sur la façon dont l’aspect s’exprime, ni sur la place qu’il convient de reconnaître à l’aspect dans le système verbal des différentes langues” (67).

A primeira vez que se falou na categoria hoje denominada aspecto foi para considerá-la uma “qualidade do tempo” (§ 12); com o andar das pesquisas, notou-se que a nova categoria, conquanto relacionada em diversos pontos com o tempo, dêle se afasta nisto que representa uma *atualização espacial, qualitativa do processo verbal*, enquanto que o tempo se empenha sobretudo em sua vinculação com um dado momento.

---

(66) A crítica mais severa à abordagem estruturalista do aspecto foi formulada por L. Jenaro Maclennan, que em seu *El Problema del Aspecto verbal* atacou a realidade mesma das oposições lingüísticas e a negativa saussuriana à concepção da língua como organismo histórico. Trabalhos estruturalistas menores foram escritos por Mirambel, Banta e Burger; v. Bibliografia.

(67) Citado por A. Klum — *Verbe et adverbe*, p. 23, nota 7.

O conceito de aspecto depurava-se assim de valores que lhe eram estranhos, mas abria-se uma nova perspectiva de indagações que acabou por desembocar no longo conflito entre aspecto e “modo da ação”. Vejamos como isso se deu.

O verbo eslavo, como já se disse, possuía uma morfologia adequada à expressão do aspecto, dividindo-se em duas espécies (donde o termo *vid*, da mesma raiz de *eidos*, “espécie”, “forma”) materialmente configuradas. No momento em que os estudos do aspecto deixaram os quadros do eslavo e começaram a ter curso em outros campos, percebeu-se que nestes ora se estava diante de realidades léxicas (pois era o semantema o recipiente da noção aspectual) ora se defrontavam realidades morfológicas (flexões e perífrases). No afã de bem caracterizar essas duas vertentes da noção de aspecto, começou-se a falar de *aspecto* (al. *Aspekt*) e de *modo da ação* (al. *Aktionsart*). (68).

25. O modo da ação representa uma compreensão *lato sensu* das noções aspectuais, uma vez que abrange um número ilimitado de possibilidades, englobando e ultrapassando a bipolaridade que caracteriza o aspecto (69). Decorre essa variedade de possibilidades do fato de assentar o modo da ação no próprio valor semântico do verbo, cujos caracteres objetivos se tem tentado apreender através de análises diversas, levadas sempre pela perspicácia dos lingüistas a pontos cada vez mais distanciados dos limites da pura e simples noção de duração e de completamento.

---

(68) O primeiro a fazer essa distinção foi Agrell, em 1908; seguiram-se-lhe Jakobson, Porzig, Hermann, van Wijk e Faddegon, discutindo-se já a objetividade da *Aktionsart* contrastada com a subjetividade do *Aspekt*. Cf. Klaus Heger — *Die Bezeichnung temporal-deiktischer Begriffskategorien...*, p. 50 e ss. O termo alemão *Aktionsart* foi traduzido por “modo da ação” (Pierre Naert), “ordem dos processos (J. Brunel), “qualidade da ação” (Bassols de Climent); e como ora se dizia *Aktionsart*, ora *Aktion*, sucedeu que um novo termo se agregou a estas expressões, *ação*, usada por Rodolfo Lenz *La Oración y sus Partes*, § 239 (e também *voces*, § 268 e s.). Adotamos a primeira das traduções sem temor de confusão com o modo tal como foi definido no § 5, pois enquanto se refere ali a interferência do sujeito sobre a ação, encara-se aqui a própria ação em sua objetividade.

(69) “() la cualidad de la acción puede revestir múltiples e imprevisibles modalidades, no sólo por el número practicamente ilimitado de aspectos bajo los cuales se presentan las acciones, sino también porque cabe dárseles una interpretación subjetiva distinta de la real”. M. Bassols de Climent “La Cualidad de la Acción Verbal en Español”, 136.

Basta examinar as classificações dos “modos da ação” elaborados por Chmelicek e Schossig, para se avaliar quanto se havia já afastado daquelas noções, com a inclusão de valores até então considerados modais.

Lembraremos primeiramente a classificação de Deutschbein citada e perfilhada por Chmelicek (70). Deutschbein dividira num estudo de 1917 os modos da ação em três grupos: a) *Phasenaktionsarten*, que compreende as seguintes variedades: momentâneo-pontual, ingressivo, inceptivo, perfectivo-egressivo, imperfectivo; b) *Mutationaktionsarten*: incoativo, continuativo, resultativo, iterativo e intensivo; c) *Intentionaleaktionsarten*: freqüentativo, causativo e desiderativo.

A segunda classificação reflete um grande esforço lógico e foi elaborada por Alfred Schossig; fazendo um levantamento de todos os verbos que ocorrem na *Histoire du Seigneur de Bayart*, dispôs-os pelo infinitivo nas seguintes classes: 1) durativo: *baiser la terre*; 2) durativo com significação finitiva: *arriver a*; 3) durativo-perfectivo: *avoir + part. pas.*; 4) momentâneo: *donner un coup*; 5) incoativo: *devenir blesme*; 6) distributivo: *departir de l'argent*; 7) iterativo/freqüentativo: *repasser, reconquister* (v. sobre isto o § 83 deste), *saulteler*; 8) factitivo: *faire aller*; 9) ingressivo: *commencer+infin.*; 10) terminativo: *cesser de faire*; 11) consuetudinário: *s'appeler, se nommer*; 12) gnômico, que ocorre em sentenças, ditados, etc., apresentando-se em geral o presente, vazio de temporalidade: “Je fais ce que je doy” (71).

26. Aspecto, ao contrário, é o ponto de vista subjetivo (em relação ao modo de ação, bem entendido: v. § 3) do falante sobre o desenvolvimento da ação (72). Reduz-se a uma compreensão *stricto sensu* do problema, pois se reporta apenas aos graus de realização da ação e não à sua natureza mesma, que é a *Aktionsart*. Daqui reduzirem-se as noções aspectuais a uma bipolaridade, segundo a ação dure (imperfectivo) ou se complete (perfectivo).

(70) Hans Chmelicek — *Die Gerundialumschreibung im Altspanischen zum Ausdruck von Aktionsarten*, pp. 1-3.

(71) *Verbum, Aktionsart und Aspekt in der 'Histoire du Seigneur de Bayart par le Loyal Serviteur'*, pp. 209-220.

(72) A ação de “morrer”, v.g., tende a um fim, sem o qual o processo não se dará; todavia, quando dizemos “Fulano morria lentamente” supomos possível uma duração. É, pois, um fato de aspecto: v. § 27.

O semantema do verbo expressa o modo da ação; as flexões e as perífrases expressam o aspecto; fala-se então em “verbos aspectuais” e em “tempos aspectuais”, distribuídos pela oposição presente e imperfeito (imperfectivo)/futuro, pretérito e mais-que-perfeito (perfectivo) (73) (v. nosso ponto de vista quanto a isto nos §§ 99 e 100).

27. Aspecto e modo da ação podem confundir-se (v. §§ 44 e 99) ou conflitar-se (§§ 45 e 100-102), nos casos em que a flexão temporal ou os adjuntos adverbiais provocam alterações no valor semântico do verbo. H. Sten, entre vários outros, estudou este ponto, analisando a passagem de um verbo imperfectivo a perfectivo quando conjugado no imperfeito (v. notas 73 e 106).

Um grande embaraço surgiu para o mundo românico quando os franceses traduziram *Aktionsart* por “aspecto”, deixando intraduzido o termo *Aspekt* (74); a incompreensão então estabelecida quanto ao que se vinha designando por *Aspekt* e *Aktionsart*, baralhando noções que diziam respeito a níveis lingüísticos distintos (*Aktionsart*: nível semântico; *Aspekt*: nível morfológico), aprofundou a crise começada pelos esmiuçadores das *Aktionsarten*. Descobriram-se assim “aspectos” que não eram mais que filigranas de significação encontráveis nos verbos: [“aspecto”] intensivo, diminutivo, desiderativo, potencial, reflexivo, recíproco, conativo, pejorativo, benefactivo, comitativo, obrigatório, aparential, inferencial ou putativo, reservativo, negativo (75); Louis Roussel fala em “aspectos” de velocidade, de plenitude,

---

(73) J. Roca Pons — *Estudios sobre Perífrases...*, p. 37. H. Sten parece deslocar para aqui o principal do binómio aspecto modo da ação: “(il nous semble difficile de déterminer pour chaque verbe à quelle catégorie il appartient, même “généralement parlant”. Cest *l'aspect du temps* qui compte, non *l'Aktionsart du verbe*”. *Les temps...*, p. 99; v. 9 e 28.

(74) “Je ferai d'abord remarquer qu'il est infiniment regrettable que le français ait choisi le terme d'aspect pour rendre *Aktionsart* de l'allemand sans s'inquiéter de créer un terme pour rendre celui de *Aspekt*, de qui a mené chez beaucoup d'autres, ainsi Marouzeau (*Lexique...*) à une confusion totale des deux notions. () le mode d'action est la nature de l'action en elle-même ()”. P. Naert — “Mode de Présentation, Aspect, Mode d'Action”, p. 3. E não apenas Marouzeau: veja-se R. Lucot, para quem o aspecto (= modo da ação) traduz uma atitude geral do espírito, “mais ne se manifestant que dans le particulier, inhérent aux notions verbales, liée à des états de langue, ne se saisissant que dans les nuances toujours délicates, souvent fuyantes, baignant dans le subjectif”. Cf. “Remarques sur l'expression de l'aspect”, 53.

(75) Noções relacionadas por Luis Cifuentes García — “Acerca del Aspecto”, 61.

de fraqueza, “aspecto” inversivo, cessativo, negativo, aditivo, desiderativo, intencional, de predileção, reflexivo, aspecto de interesse pessoal, aspecto determinado (76). Fácil é ver que uma grande confusão entre aspecto e modo ia-se estabelecendo (cf. as designações “aspecto conativo (77), desiderativo e intencional [êstes propostos por L. Roussel (77a), distanciando-se o intencional do desiderativo por se poder ter uma intenção que deriva do dever e não do desejo. . . ], potencial, obrigatório) o que concorreu para a crescente com-

---

(76) *L'aspect en grec attique*, pp. 23-38. R. Lenz — *La Oración y sus Partes*, § 268 acrescenta o causativo e o factitivo; Brunot-Bruneau — *Précis de grammaire historique...*, § 542, estudam a ação “quase realizada”. G. Piffard — “L'Aspect”, 4, fala em “alterativo”; ex.: “O Presidente morreu...”

(77) Cf. A. Traglia — *La Flessione Verbale Latina*, p. 225; L. Roussel — *o.c.*, p. 28. Outra confusão quanto à verdadeira natureza da conação verifiquei em H. Sten — *Les temps...*, p. 136: tentando justificar a mudança de verbos tólicos em atólicos (v. § 44), como *tomber*, *mourir*, nas orações “Il tombait de fatigue”, “Il mourait de faim”, chama conativos a êstes imperfeitos para, a seguir, inquinhar de impropriedade o termo *imperfectum de conatu*, talvez por verificar que não se nota qualquer idéia de esforço nos exemplos dados. Também B. de Climent, na *Sintaxis Latina*, I, § 304, classificou torneios como êsses de conativos: diz que o imperfeito *de conatu* anuncia uma ação que não se realiza, mas em que “el sujeto puede sentir el deseo de que se realice la acción verbal o no sentir deseo alguno a este respecto”; como exemplo para o primeiro caso cita os versos “talibus Aeneas ardentem [Didonem]/lenibat dictis animum” (Virg., *En.* VI, 467-468); mas “en el segundo caso tiene [o imperfeito] una acepción más bien inceptiva y equivale a una perífrasis, como “estaba a punto de”. En español este uso es muy frecuente; por ej. “se ahogaba de risa”, “se moría”, etc”. Em nosso estudo *A Sintaxe do Verbo...*, § 41, escrevemos sobre tais casos: “Há um emprêgo discutidíssimo do imperfeito, no qual se indica ação iminente no passado, podendo o processo não ter começado, ou ter então dado os primeiros passos para seu desenvolvimento. Exemplo da primeira possibilidade: “Sentada na cama, afinal ela ia embora”. D. Trevisan — CE 52. “A porta da pensão, quando ia introduzir a chave na fechadura, ouvi rumor lá dentro”. G. Ramos C 114. Exemplos da segunda possibilidade: “A criança afogava-se quando surgiu o salvador”. “Teve sorte em encontrar-me, pois já sata”. Compreende-se que nos dois primeiros exemplos a ação não se deu, ficando apenas a noção temporal de iminência, inexistindo a categoria aspectual. Já no segundo grupo, além da noção de iminência entende-se que o processo percorreu os primeiros passos para sua completa efetivação, que entretanto não se consuma; há, pois, um valor temporal (iminência) e outro aspectual (primeiros graus de uma duração)”.

(77a) *L'aspect en grec attique*, pp. 36-37.

plicação da matéria (78). Não admira que Vaillant houvesse dito do sistema gramatical do aspecto que êle “reste tout encombré de sémantique” (79).

28. Aprofundaram-se com isto as “diferenças” entre o aspecto e o modo da ação, tal como se êste conceito fôsse distinto do primeiro (e sabemos que o modo da ação engloba o aspecto, pois indica *também* duração e completamento). Mas o impasse gerado pelas discussões em tórno do aspecto e do modo da ação anula-se se nos pomos no papel do falante que precise figurar espacialmente o processo verbal, valendo-se dos recursos que a língua lhe oferece, tanto léxicos quanto morfológicos ou sintáticos.

Vistas as coisas dêsse modo, evidencia-se o que há de comum entre o aspecto e o modo da ação, marginalizando-se os tipos que escapam às noções de duração e completamento (e que, como vimos, invadem muitas vêzes a área do modo).

Não hesitamos, pois, em juntar o que se havia separado, usando o tórno aspecto onde o escrúpulo dos que opõem aspecto a modo da ação adotaria êste último tórno. Sobretudo não nos desviamos das noções fundamentais indicadas no parágrafo anterior, adotando a Onomasiologia como o método mais indicado para o desvendamento do quadro dos aspectos em português, reduzindo ao mesmo tempo o conflito entre aspecto e modo da ação às suas reais dimensões.

---

(78) Pierre Guiraud — *La grammaire*. Paris, PUF, 1961, p. 31 foi vítima da não distinção modo-aspecto (=Aktionsart) quando escreveu: “Le mode exprime la manière dans laquelle l'action s'accomplit, c'est une forme de l'aspect”. V. n. 68.

(79) Apud J. MacLennan — *El Problema...*, p. 78. Muitos são os estudos em que se pode encontrar a caracterização do aspecto e do modo da ação: F. Lázaro Carreter — *Diccionario de Términos Filológicos*, 2.<sup>a</sup> ed. Madrid, Gredos, 1962, s. v. “aspecto”; K. van der Heyde — “L'aspect verbal en latin”, 115; H. Lüdtke — *Sobre a Função do Verbo...*, 160; Oskar Kelle — “Aktionsart oder periphrastisches Perfekt”, 522; J. Roca Pons — *Estudios sobre Perífrases Verbales*, pp. 28 e 55. P. Naert — “Mode de présentation, aspect mode d'action...”; A. Klum — *Verbe et adverbe*, pp. 107-122 e bibliografia na p. 22; ver também o comentário feito a êsse autor por R. Martin — “Temps et aspect en Français moderne...”, 77 e ss.; G. Ivanescu — “Le temps, l'aspect et la durée de l'action dans les langues indoeuropéennes”; J. Brunel — “L'aspect et l'ordre de procès en grec”; G. Devoto — “L'Aspecto del Verbo”; L. Cifuentes Garcia — “Acerca del Aspecto”; E. Alarcos Llorach — “Sobre la Estructura del Verbo Español”, 72, nota 34; K. Heger — *Die Bezeichnung...*, pp. 50 e ss.; A. Schossig — *Verbum, Aktionsart und Aspekt...*; S. Gil y Gaya — *Curso Superior de Sintaxis Española*, p. 132; B. de Climent — “La Cualidad de la Acción Verbal en Español”.

### 3. *O Método*

29. A Onomasiologia é fundamentalmente a investigação das formas a partir dos conceitos. Dois fatos concorreram para seu desenvolvimento como método de estudo lingüístico.

1) Foi a Geografia Lingüística que passou a certidão de nascimento à Onomasiologia; o grande número de termos regionais recolhidos pelos inquéritos lingüísticos reclamava dos dialetólogos um método capaz de avaliá-los a extensão e a profundidade, encarando-os de modo orgânico; somente assim se poderia compreender o homem regional em sua totalidade — alvo buscado por aqueles pesquisadores, movidos que foram pelo desejo de conhecer a cultura popular (80). Decidiu-se então dispor esses termos segundo campos semânticos, surgindo assim uma série de estudos monográficos bastante conhecidos (81).

2) As afirmações de Bally, Brunot e Jespersen, expendidas a propósito da necessidade de se renovar a descrição científica dos fatos da língua. Esses autores não falam propriamente em Onomasiologia, mas o que disseram se pode considerar sem dificuldade referente a ela; recordaremos inicialmente Charles Bally, que dizia num estudo de 1912:

“Les grammairiens partent des **formes grammaticales**; comment ne voit-on pas combien cette méthode paralyse les études de syntaxe? Quand on y réfléchit, c'est une chose monstrueuse que la description d'un état de langage qui procède par énumération des emplois des modes, des temps, des conjonctions, des prépositions, etc. Cette méthode est le chaos organisé (). Si au contraire l'on part d'une forme de pensée typique, mais non posée **a priori**, d'une forme que l'usage même d'une langue révèle comme caractéristique du groupe qui la parle, si l'on cherche ensuite, mais ensuite seulement, par quels procédés cette

---

(80) B. E. Vidos — *Manual de Lingüística Românica*, trad. de F. de B. Moll. Madrid, Aguilar, 1963, p. 65.

(81) Um relação deles se pode achar no relatório que escrevemos de parceria com Enzo Del Carratore e que foi apresentado no I Seminário de Lingüística de Marília — “A Onomasiologia no Léxico e na Sintaxe”, *Alfa* 11 março de 1967.

forme de pensée se reflète dans l'idiome que l'on décrit, alors tout change et les faits linguistiques apparaissent dans leur véritable perspective" (82).

Ferdinand Brunot, que renovou os estudos da língua francesa, deslocando o ponto de partida da forma para os valores, teoriza:

"Il faut se résoudre à dresser des méthodes de langage, où les faits ne soient plus rangés d'après l'ordre des signes, mais d'après l'ordre des idées. Ce sont elles qui doivent être classées, non point sans doute en elles-mêmes et pour elles mêmes comme elles le seraient en psychologie pure, mais en vue de leurs signes et relativement à eux. La scolastique, ici encore, doit mourir" (83).

E Otto Jespersen, concluía que:

"Now any linguistic phenomenon may be regarded either from without or from within, either from the outward form or from the inner meaning. In the first case we take the sound (of a word or of some other part of a linguistic expression) and then inquire into the meaning attached to it; in the second case we start from the signification and ask ourselves what formal expression it has found in the particular language we are dealing with. If we denote the outward form by the letter O, and the inner meaning by the letter I, we may represent the two ways as O → I and I → O respectively" (84).

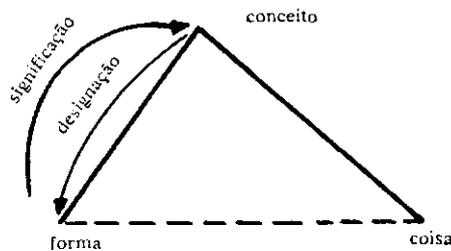
---

(82) Cf. "Le Style indirect libre en français moderne", in *Germanisch Romanische Monatsschrift*, IV (1912), 605, cit. por E. Lorek — "Passé Défini, Imparfait", 43. O mesmo Bally retomou a questão em outros locais: cf. *Le langage et la vie*, p. 67, e *Traité de stylistique française*, 3ème. ed., Paris, Klincksieck, 1951, § 251: "En revanche la syntaxe peut être autre chose si elle part du point où elle aboutit généralement, autrement dit, si elle procède de la pensée pour en étudier les réalisations linguistiques. Au lieu de collectionner et de classer les procédés formels de la pensée, autrement dit, les idées formes, et chercher les types grammaticaux que ces idées-formes revêtent dans une langue donnée à une époque donnée".

(83) F. Brunot — *La pensée et la langue*, p. XX. As idéias segundo as quais Brunot dispôs os fatos lingüísticos são cinco: os seres e as coisas, os fatos as circunstâncias, as modalidades e as relações.

(84) Cf. *The Philosophy of Grammar*, p. 33; v. também pp. 39-49 e 45. Informa c. A. à p. 57 que, ao sair o livro de Brunot, encontrava-se o seu em redação pelo que se deve levar à conta da casualidade a coincidência de pontos de vista.

Finalmente, deve-se lembrar que a Onomasiologia é o estudo do signo a partir do conceito. A representação gráfica dêsse princípio foi feita por Ogden e Richards, através de um triângulo, matéria que Stephen Ullmann retomou (85):



Se partirmos das formas para o conceito, teremos o estudo da significação ou Semasiologia; se do conceito para a forma, teremos o estudo da designação ou Onomasiologia.

30. Da lexicologia bandeou-se o método para o campo da sintaxe; os tempos verbais foram assim estudados por F. Brunot, William E. Bull e Klaus Heger (86); ignoramos se também o aspecto foi assim estudado, salvo quanto ao que vem em Brunot.

Constatamos a validade do método, no levantamento dos dados que nos desvendaram o quadro do aspecto em português; nem é esta uma categoria cuja presença no sistema verbal se patenteasse por generosos recursos formais, para que pudéssemos, com êxito, adotar procedimento metodológico diverso.

Um ponto, contudo, precisa ficar esclarecido: os resultados de uma pesquisa como a que empreendemos devem ser completados por uma abordagem formalista. Exemplificamos: indagando sobre a expressão da duração, encontramos vários casos de gerúndio que nos autorizam a considerar essa forma nominal tipicamente durativa. Imediatamente uma pergunta se formulou: será o particípio passado expressivo da noção contrária? Vamos ao exemplário e constatamos que

---

(85) K. Baldinger — "Sémasiologie et onomasiologie", 11. Para maiores detalhes sobre a discussão atual em torno dêsse método, v. o trabalho citado na nota 81.

(86) V. nosso estudo *A sintaxe do Verbo...*, §§ 14-17.

por um dêesses acasos enfadonhos a busca em tôrno do processo completado não nos havia levado a anotar nenhum participio passado. Seria oportuno perquirir os valores dessa forma, numa abordagem contrária à onomasiológica, para que se completasse o trabalho.

31. Quanto aos textos utilizados, procuramos reunir os que fôssem representativos das diferentes camadas da linguagem escrita.

Subdivide-se a linguagem escrita em linguagem tensa, mais polida e estilizada, e linguagem distensa, que retrata com mais fidelidade o falar livre e despreocupado.

A linguagem tensa está aqui representada pelos textos de linguagem erudita (ensaios de Pandiá Calógeras, Raimundo Magalhães Jr, José Honório Rodrigues: romances como os de Adonias Filho, Ciro dos Anjos, Paço D'Arcos, Raul Brandão, Graciliano Ramos, Fernando Namora); a distensa, em que se inclui a linguagem das crônicas jornalísticas (Rubem Braga, Carlos Heitor Cony, E. Moniz), do teatro (J. de Andrade, P. Bloch, A. Callado, A. Cortez, G. de Figueiredo, Dias Gomes, A. Redol, A. Ribeiro, B. Santareno), e do romance moderno, com seus impulsos de renovação e de fidelidade ao falar espontâneo e desataviado (J. Amado, M. de Andrade, J. Bethencourt, A. Callado, C. H. Cony, Alcântara Machado, F. Marins, J. Lins do Rêgo, A. Ribeiro).

Quanto à linguagem falada, não pudemos pesquisá-la de modo sistemático, recolhendo os fatos apanhados ao acaso de um diálogo ou de conversas da vida diária; tais exemplos aparecem sem indicação de autoria. Mostrou-se útil a consulta ao repertório de contos populares recolhidos por O. E. Xidieh.

Os textos compulsados pertencem à fase contemporânea da língua, situando-se em geral após o Modernismo (1920 no Brasil, 1930 em Portugal).

#### 4. *O aspecto verbal na língua portuguesa.*

32. Nosso objetivo foi estudar o quadro dos aspectos no português e os recursos de que a língua dispõe para sua expressão.

Havendo considerado o conjunto dos exemplos recolhidos, julgamos divisar-lhes quatro valores fundamentais, a que correspondem os quatro aspectos principais da língua:

QUADRO I

<i>Valor</i>	<i>Aspecto</i>
Duração	Imperfectivo
Completamento	Perfectivo
Repetição	Iterativo
Neutralidade	Indeterminado

33. Prosseguindo na análise dos casos encontrados, notamos que no interior de cada modalidade de aspecto se encontravam noções que não podiam ser desprezadas. Naturalmente algumas delas não são pròpriamente aspectuais (representando antes “modos da ação”), uma vez que fogem à oposição duração/completamento. Como, todavia, costumam aderir aos aspectos, servem de caracterizá-los. Referimo-nos às idéias de mudança de estado, progressão, resultado e cessamento que adiante se anotam. A duração (aspecto imperfectivo), por exemplo, apresenta três matizes:

a) duração de que se conhecem claramente os primeiros momentos, pressentindo-se o seguimento do processo: *aspecto imperfectivo inceptivo*, gráficamente assim representado: |—... O conjunto dos casos de inceptividade evidenciou, por sua vez, a existência de duas noções secundárias encontradas ao lado daquela noção geral: comêço da ação puro e simples (inceptivo pròpriamente dito), comêço da ação e conseqüente mudança de estado (inceptivo incoativo).

b) duração de que não se reconhece o princípio nem o fim, apresentando-se o processo em seu pleno desenvolvimento: *aspecto imperfectivo cursivo*, representado gráficamente assim: ...—... Admite duas variantes: aspecto cursivo pròpriamente dito e aspecto cursivo progressivo, que difere do primeiro por insistir num desenvolvimento gradual do processo.

c) duração de que se conhece o término: *aspecto imperfectivo terminativo*, gráficamente assim representado: ...—|

34. A noção de completamento, peculiar ao aspecto perfectivo, implica na indicação precisa do comêço e do fim do processo, pólos êstes separados por um lapso de tempo extremamente curto e não significativo (87). As nuances decorrentes da ação totalmente decursa permitem subdividir o perfectivo em três tipos:

a) *perfectivo pontual*, o perfectivo por excelência, representando grãficamente por um ponto (·).

b) *perfectivo resultativo* (→): indica o resultado consequente ao acabamento da ação.

c) *perfectivo cessativo*: depreende-se da ação expressa pelo verbo uma noção de negação que se reporta ao presente.

35. A noção de ação repetida levou-nos ao aspecto iterativo, que é um verdadeiro coletivo de ações quer durativas (*aspecto iterativo imperfectivo*: |———| |———| |———|), quer pontuais (*aspecto iterativo perfectivo*: .....). Trata-se de um aspecto intermediário entre os dois primeiros considerados neste trabalho. Quando a repetição se faz inconsciente, temos o hábito.

Finalmente, conta o português com um tipo de aspecto que se caracteriza por não ser nem imperfectivo nem perfectivo, e por isso o chamamos aspecto *indeterminado*. Além de avêso à expressão do aspecto, é-o também à do tempo.

36. Podemos agora esquematizar o quadro do aspecto português em seus lineamentos gerais (quadro II) e em suas subdivisões (quadro III). Não é nosso desejo que a simetria dêste quadro leve o leitor a conceber o verbo português como dotado de um mecanismo absoluto. À parte as questões de paralelismo entre aspectos, que documentamos no § 8, nunca é demais lembrar que a língua é o produto de um equilíbrio instável em que a tradição e a evolução se digladiam. Cremos ser bastante oportuno transcrever estas palavras de C. Bally:

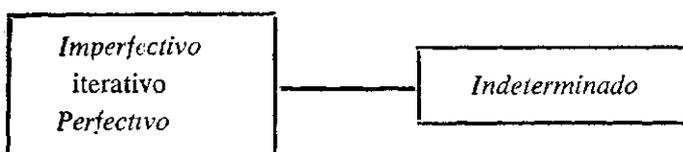
“on se tromperait grossièrement si cette vue générale aboutissait à présenter la langue comme une construction

---

(87) Insiste-se com isso na impossibilidade de coincidência perfeita do princípio e do fim num ponto; não é, portanto, no sentido matemático que chamamos “pontual” a uma das variedades de aspecto perfectivo. M. Sánchez Barrado — “Estudio Comparativo del “Praesens pro Futuro”, 220, resenha as discussões em tôrno do conceito lingüístico de pontualidade.

symétrique et harmonieuse. Dès qu'on essaie de démontrer la machine, on est bien plutôt effrayé du désordre qui y règne, et l'on se demande comment des rouages si enchevêtrés peuvent produire des mouvements concordants" (88).

QUADRO II



QUADRO III

<i>Valores</i>	<i>Aspectos</i>
1. Duração	<i>Imperfectivo</i> Inceptivo Cursivo Terminativo
2. Completamento	<i>Perfectivo</i> Pontual Resultativo Cessativo
3. Repetição	<i>Iterativo</i> Iterativo imperfectivo Iterativo perfectivo
4. Negação da duração e do completamento	<i>Indeterminado</i>

(88) *Linguistique générale et linguistique française*, p. 17. Também Maurice Leroy escreveu sobre isso, e não resisto à tentação de transcrevê-lo: "la linguistique est science de l'homme et non de la nature (); les sciences humaines ne se laissent pas ramener à ces schèmes rigoureusement compartimentés, à ces beaux tableaux à accolades que nos collègues des sciences exactes peuvent dresser avec une assurance que nous leur envions fort". *Les grands courants de la linguistique moderne*, p. 28. Estas palavras se tornam ainda mais enfáticas quando se tenta esquematizar uma categoria espacial como é o aspecto, mais sujeita à dispersão do que a de tempo.

37. A tipologia do aspecto é bastante controversa e a razão disto estará na variedade de métodos e interpretações que o aspecto conheceu. Além disso, não raros são os casos em que um mesmo termo apresenta variações conceituais ao longo de um mesmo trabalho, como muito bem assinalou Hayward Keniston (89).

A fim de estabelecer com clareza nossa compreensão de cada tipo, afigurou-se-nos útil compará-la com a terminologia corrente em outros estudos, mostrando os pontos de contacto e os de divergência.

38. Imperfectivo: indica a duração pura e simples. Comporta três variantes, conforme se conheçam o começo (imperfectivo inceptivo) ou o fim da duração (imperfectivo terminativo), ou se ignorem ambas as coisas (imperfectivo cursivo).

Paul Imbs estabelece diferenças muito sutis entre os diversos casos de duração, criando três oposições: “inaccompli/accompli”, “duratif/ponctuel” e “imperfectif/perfectif” (90). No primeiro caso opõe-se uma duração ilimitada (ou “permansivo”, para alguns) a uma duração limitada (...—.../ |——|), no segundo caso, uma duração a uma não duração (—/ .) e no terceiro adota-se um critério formal, contrastando-se um verbo simples com um composto, o que parece contrariar as afirmações preambulares pelas quais se consideraria apenas o verbo na oração: “les emplois ne se révèlent que dans le contexte de la phrase” (90a).

Pode-se objectar que o quadro ganharia em simplicidade se se reunissem os casos de duração num só grupo, apartando a pontualidade para um segundo grupo.

Quanto às variantes do imperfectivo, que denominamos “inceptivo” e “terminativo”, assinalamos que diversos tratadistas valorizam nelas apenas o ponto por que começa ou acaba a duração e é por isso que os consideram pontuais. Tal é o caso de Jose Roca Pons (91) relativamente ao inceptivo (a que chama “ingressivo”). J. Pohl, de outro lado, identifica o terminativo com o nosso perfectivo pontual,

---

(89) “Verbal Aspect in Spanish”, 164. Observações muito oportunas sobre a tipologia do aspecto foram feitas por A. Mirambel — “Aspect verbal et système”.

(90) *L'emploi des temps verbaux en français moderne*, p. 17.

(90a) *O.c.*, p. 11.

(91) *Estudios sobre las Perífrasis...*, p. 42.

quando diz que "on peut y ajouter [ao terminativo] ceux qui expriment un procès dont le début et la fin sont si proches, si confondus, qu'on peut les tenir pour simultanés: j'ai compris, j'ai trouvé, j'ai réussi" (92).

Encontramos conceituação de terminativo idêntica à que é exposta aqui em Franck G. Banta —, quando êle exemplifica êsse aspecto com a frase "He finishes work" (93), — e na definição que Streitberg dá para o seu "perfectivo-durativo": momento de acabamento de um processo que se visualiza como tendo tido uma duração (94).

39. Perfectivo: indica ação completamente decursa e pode assinalar o comêço e o fim simultâneos da ação (perfectivo pontual), o resultado que decorre de seu término (perfectivo resultativo) ou uma negação que se reporta ao presente (perfectivo cessativo).

Jose Roca Pons (94a) concebe o perfectivo mais como o perfeito indo-europeu, isto é, como indicador das conseqüências da ação perfeita; Antonio Traglia (95) admite como variantes do perfectivo o momentâneo, o pontual (que difere do primeiro por equivaler ao aoristo grego), o ingressivo e o terminativo; (quanto aos dois últimos, ver o que se disse no § anterior). L. Roussel curiosamente denomina "semelfactivo" ao perfectivo, talvez por desejar diferenciá-lo do iterativo; o semelfactivo ("feito uma só vez") representa o ato concebido em sua unidade, abstração feita da evolução (96).

Há certa unanimidade na definição do pontual de que se admitem como variantes o momentâneo, o ingressivo e o terminativo (97); dissentimos dessa tripartição por nos parecer que o pontual

---

(92) "L'expression de l'aspect verbal dans le français contemporain", 84.

(93) "Tense and Aspect in the Middle High German", 76.

(94) Apud Howard B. Garey — "Verbal Aspect in French", 91.

(94a) *Estudios sobre Perífrases Verbales del Español*, p. 5 s.

(95) *La Flessione Verbale Latina*, p. 235.

(96) *L'aspect en grec attique*, p. 23 e s.

(97) Cf. J. Roca Pons — *o.c.*, p. 42; A. Traglia — *o.c.*, p. 226, que, entretanto, equipara o pontual ao perfectivo; J. Humbert *Syntaxe grecque*, § 242; A. R. Adrados — "Observaciones sobre el Aspecto Verbal", 14. Enquadram-se nesta concepção os aoristos que citamos nos §§ 19 e 23 deste trabalho. M. Sánchez Ruipérez — *Estructura del Sistema de Aspectos y Tiempos...* p. 69, enriqueceu a variedade do pontual dando-lhe como subtipos o aoristo momentâneo, o inceptivo, o final ou efectivo ou terminativo ou perfectivo.

representa apenas a ação-ponto, isto é, aquela começada e acabada ao mesmo tempo (sôbre o significado de “ponto”, v. nota 87). Nunca será demais repetir que os autores citados na nota 97 se prendem ao ponto inicial ou final do processo, quando falam em pontual ingressivo ou pontual terminativo, enquanto que nossa compreensão de pontual é conforme a formulação acima. Em suma, diremos que o perfectivo designa a ação-ponto, e o imperfectivo a ação-linha.

O permansivo de que fala J. Mattoso Câmara Jr. (98) equivale ao nosso resultativo; há quem use êsse termo para indicar o imperfectivo ilimitado (§ 38).

40. Iterativo: compreendemos o iterativo como um aspecto intermediário, situado como está entre os dois primeiros, pois indica a repetição da ação, quer imperfeita, quer perfeita; novamente aqui coincide nosso ponto de vista com o de Streitberg, que já em 1896 conceituara o iterativo como a repetição regular de um processo durativo ou de um processo perfectivo (ver nota 94).

O iterativo é geralmente equiparado ao freqüentativo, registrando-se algumas tentativas de diferenciá-los. Citamos as posições demasiado sutis de P. Naert (o iterativo designa a repetição de ações simples, separadas por um lapso de tempo mais ou menos longo e o freqüentativo se reserva para as ações de “segunda ordem” como *saltitar*) (99) e L. Roussel (o iterativo indica um fato cumprido uma segunda vez, sendo freqüentativo o ato repetido várias vêzes) (99a).

41. Nada encontramos relativo ao aspecto indeterminado; Franck G. Banta parece referir-se a êsse aspecto quando diz de uma categoria não marcada para o aspecto, a qual foi rotulada como “indiferente” e “comum” por Scherer e Goedsche, autores que, todavia, não pudemos consultar (100).

42. Alguns termos correntes nos estudos desta natureza não foram aqui utilizados; além dos relacionados no § 27, e que des-

---

(98) *Principios de Lingüística Geral*, p. 145.

(99) Pierre Naert — “Mode de présentation...”, 4.

(99a) *O.c.*, p. 32.

(100) Cf. “Tense and Aspect in the Middle High German”, 78.

crevem fenômenos de “modo da ação”, indicamos ainda as designações que revelam preocupações de natureza crítico-literária. Situamos aqui o “aspecto narrativo” e o “aspecto descritivo” com que alguns críticos procuram avaliar a razão estilística do emprêgo de tempos como o imperfeito do indicativo (101). Não reconhecemos validade lingüística nestas designações.

43. Após os levantamentos dos casos, observamos que certos elementos se responsabilizavam, cada um a seu tempo, pela expressão da noção aspectual constatada, matéria que antecipamos em seus linimentos gerais no § 28. Concluimos que o aspecto na língua portuguesa é maiormente representado pelo sentido próprio do verbo, pela flexão temporal, pelos adjuntos adverbiais e pelos tipos oracionais. Daqui a afirmação do § 3: o aspecto é uma categoria de natureza léxico-sintática.

44. O semantema é responsável pela expressão do aspecto naqueles caso em que se dizia coincidirem o aspecto e o modo da ação.

A constatação da importância do semantema dos verbos levou-nos muito naturalmente a classificá-los. Notamos dois tipos de semantemas, uns a exprimirem ação tendente a um fim, sem o qual essa ação não se dá, outros figurando o processo em sua duração da qual não se exige completamento para admitir-lhe a existência. Aos primeiros chamamos “télcos” (*matar, morrer, cair, engolir, atirar, descobrir, iluminar, mergulhar rejeitar*, etc.) e aos segundos, mais numerosos, “atélcos” (*mastigar, viver, escrever, acompanhar, dormir andar, atuar, aumentar, chover, contemplar escutar, pensar*,

---

(101) Guizado de Carvalho — *Contribuição para o Estudo dos Tempos de Narração na Novela Camiliana*, p. 69, diz que o “imperfeito tem essencialmente um aspecto descritivo. Não apresenta, segundo nos parece, mais valor do que o de informar o leitor acerca dos acontecimentos”. Serve também para a apresentação das personagens, assinalando-lhes as peculiaridades duradouras do caráter. E exemplifica: Domingos Botelho *era* extremamente feio”. E Stephen Gilman — *Tiempo y Formas Temporales en el Poema del Cid*, p. 126 explica: “Para concluir, hemos visto como los pasajes en -- *ava* proporcionan un contrapunto durativo a las hazañas pretéritas del Cid (así como a las descripciones en presente del mundo narrativo). No limitado al papel ortodoxo de tiempo pasado y liberado de la errónea duración externa, el imperfecto obra aquí como un aspecto narrativo más”.

*rir, etc.* (102). Tais verbos, em suma, ou figuram uma ação-ponto (téllicos), ou uma ação-linha (atéllicos).

Há quem distinga duração limitada de duração ilimitada (a que chamam aspecto “permansivo”: § 38); analogamente, há quem subdivide o verbo atéllico em “determinado” (= duração limitada, como em *ler, ver*) e “indeterminado” (= duração ilimitada, como em *viver, pensar*) (102a). Neste trabalho, v. § 58, *a* e *b*.

Essa classificação semântica dos verbos atende a uma tendência geral, ressalvada a possibilidade de mudança de classe, quer em

---

(102) Tomamos a designação “téllico” e “atéllico” a Howard B. Garey — “Verbal Aspect in French”, 106. Não foi esta a primeira vez que se tentaram classificações semelhantes. Fr. Diez — *Grammaire des langues romanes*, III, pp. 186-187, chama “perfectivos” aos verbos “dont l’activité ne se prolonge au-delà d’un instant”, e “imperfectivos” aos que exprimem “une action qu’on ne commence pas avec l’intention de l’achever”. Diz Andres Bello: “Nótese que en unos verbos el atributo [=atributo é tudo quanto se declara do sujeito, havia dito no § 35], por el hecho de haber llegado a su perfección, expira, y en otros, sin embargo, subsiste durando; a los primeros llamo “desinientes”, y a los segundos, “permanentes”. *Nacer, morir*, son verbos desinientes porque luego que uno nasce o muere, deja de nacer o de morir, pero *ser, ver, oír*, son verbos permanentes, porque sin embargo de que la existencia, la visión o la audición sea desde el principio perfecta, puede seguir durando gran tiempo”. Andres Bello y Rufino J. Cuervo — *Gramática de la Lengua Castellana*, ed. de U. Alcalá-Zamora y Torres, 5.ª ed. Buenos Aires, Editorial Sopena Argentina S.A. 1958, § 625. William E. Bull fala em “cyclic” e “non cyclic events”, termos que tomou à física: ação cíclica é a que tem todos os seus atributos localizados numa das três etapas: começo, meio e fim. A ação não cíclica tem todos os atributos no seu começo, podendo-se prolongá-lo indefinidamente, pois tal ação não implica num término exato. Cf. *Time, Tense and Verb*, pp. 45-46. Outros autores que trataram disso: Arne Klum — *Verbe et adverbe*, pp.111-113 [critérios práticos para o reconhecimento de uma e outra modalidade] e Robert Martin num comentário ao primeiro: “Temps et aspect en français moderne”, 78, e no estudo “Grammaire et style: leur concurrence dans l’expression de ‘l’aspect perfectif en français moderne”, 23; J. Cretella Jr. — “O Aspecto e o Tempo...”, 136.

(102a) J. Brunel — *o.c.*, p. 25.

virtude da flexão, quer em virtude dos adjuntos adverbiais e dos complementos, como se poderá observar adiante (103).

Entre outras vantagens, a consideração do semantema permite que se explique a presença de diferentes noções aspectuais em casos formalmente idênticos; daremos disto alguns exemplos.

Quem leu o trabalho de M. de Paiva Boléo — *O Perfeito e o Pretérito em Português* — deve estar lembrado da objeção que o sintaticista coimbrão opõe a Gonçalves Viana, para quem o perfeito é sempre iterativo (“Tôda esta semana tenho comido peixe”), insistindo Paiva Boléo em que pode a perífrase encerrar também sentido durativo. E exemplifica com esta quadrinha:

“À sombra do lindo céu  
Eu jurei, *tenho jurado*,  
Não ter outros amôres,  
Só a ti eu *tenho amado*” (104).

O que Paiva Boléo parece não ter indagado é porque uma mesma forma pode encerrar noções aspectuais diversas, pois, se é verdade que “tenho amado” expressa a duração, não menos o é que “tenho jurado” indica repetição. A razão dessa diversidade nos parece estar na natureza do semantema do verbo. Se o verbo é télico e o tempo é o perfeito, temos o iterativo: “tem caído”, “tenho engolido”, “temos rejeitado”. Se o verbo é atélico, temos em geral um durativo ou cursivo (cf. § 58, mas § 84c): “têm vivido”, “tenho dormido”, “tem pensado”, etc. Eis por que não podemos concordar com Paiva Boléo, quando êle declara que a significação aspectual pode estar incluída no próprio verbo, mas que êsses casos devem ser afastados do estudo do aspecto, o que representa uma das “maiores dificuldades do sintaticista” (105).

(103) Hanckel quis assinalar que a divisão dos verbos em télicos e atélicos (êle dizla “perfectivos e imperfectivos”) não pode ser rígida quando falou em verbos “com tendência imperfectiva” e verbos “com tendência perfectiva” (apud H. Sten — *Les temps du verbe fini...*, p. 9); Karl-Heinz Klöppel *Aktionsart und Modalität...*, p. 14. Manifestaram-se também sobre a matéria M. Bassols de Climent — *Sintaxis Latina*, vol. I, § 294; M. Criado de Val — *Sintaxis del Verbo Español Moderno*, pp. 34, 98, 141; Knud Togeby — *Mode, aspect et temps en espagnol*, p. 65; S. Gill y Gaya — *Curso Superior de Sintaxis Española*, p. 132.

(104) *O.c.*, p. 6. Sílvio Elia parece endossar a opinião de Gonçalves Viana: cf. o *Dicionário Gramatical*, s.v. “aspecto”.

(105) *Ibidem*, pp. 8 e 9, nota 2. É provável que Paiva Boléo haja pensado assim à vista dos resultados negativos da utilização exagerada da semântica, na fase da descoberta das múltiplas *Aktionsarten*.

Outros exemplos semelhantes: “O menino *está fazendo a lição*” imperfectivo cursivo, verbo atélico; “Ó senhor, pois vocês já *estão recebendo* visita de general?” M. Donato — MSD II, 76=iterativo, verbo tético: “*Acabou de concordar conosco*” = aspecto perfectivo pontual, pois *concordar* é tético; “*acabei de estudar a lição*”=aspecto imperfectivo terminativo, pois *estudar* é atélico. No primeiro caso refere-se uma ação começada e acabada ao mesmo tempo; no segundo processo que cessou após haver durado, pois o sujeito “vinha estudando” até então.

45. Dizemos que a flexão temporal é decisiva na indicação do aspecto, quando ela consegue contornar a tendência aspectual do semantema, imprimindo-lhe um valor diferentes. Nestes casos se dizia haver um conflito entre o aspecto e o modo da ação. O conjunto “dar um passo” é de natureza tética, mas observe-se o contraste “completamento”/“duração”que encontramos neste exemplo:“Atualmente,, no Brasil, já se pode assinalar os que *deram um passo* para a frente e os que *dão um passo* para trás ( )”, os que se colocam ao lado da história, historicamente, e os que se colocam, historicamente, contra a história”. E. Moniz — GA3. Em “deram um passo” o aspecto e o modo da ação coincidem; em “dão um passo”, conflitam-se, podendo-se dizer que é o presente que impregna o conjunto de uma impressão de câmara lenta, donde o aspecto cursivo (106).

Papel muito importante neste particular desempenham as perífrases, cujo delicado mecanismo estudamos no § 101.

---

(106) Howard B. Garey esquematizou todas as relações entre a forma temporal e o semantema do verbo da seguinte maneira: 1) um tempo imperfectivo aplicado a um verbo tético (“Pierre arrivait”) sugere que a ação tende ao fim, porém esse fim é omitido; 2) um tempo perfectivo aplicado a um verbo tético indica que se atingiu a meta: “Pierre est arrivé”; 3) um tempo perfectivo aplicado a um verbo atélico indica que a ação se deu e que cessou: “Pierre a joué”; 4) um tempo imperfectivo aplicado a um verbo atélico expressa uma ação durativa que preenche totalmente um período de tempo: “Pierre jouait”. Cf. “Verbal Aspect in French”. Observações semelhantes: R. Martin e C. Muller — “Syntaxe et analyse statistique”, 208-211. Pierre Meile levantou a hipótese de que a natureza tética ou atética do verbo o predispõe a ser conjugado com certos tempos; desta forma, um verbo atélico é encontrado mais vezes no particípio presente, no gerúndio ou no imperfeito do indicativo. A escassez de pesquisas neste sentido impede-nos de apreciar a hipótese. Cf. “Interférence du temps et du aspect chez Plaute et chez Térence”, 68-69. V. também nota 26 e § 14 deste.

46. O papel dos adjuntos adverbiais como provocadores da noção aspectual é semelhante ao da flexão temporal. Exemplos: “Os preços *caem lentamente*”: *cair*, verbo télico, indica duração, no caso, em virtude do adjunto adverbial.

Só mais recentemente se tem prestado atenção maior ao papel dos adjuntos adverbiais no esclarecimento das categorias do verbo (107). Georges Galichet opinou que a necessidade de adjuntos para a expressão do aspecto assinala a obliteração progressiva dessa categoria; só um estudo de feição histórica poderia apreciar convenientemente tal afirmação (108).

47. Diversos contrastes aspectuais podem ser marcados pelo complemento do verbo:

— cursivo/pontual: “E êle *lançou-lhe um olhar fraternal* em que ia gratidão e admiração de si próprio”. A. Ribeiro — JT 204/. “Lançou-lhe uma pedra”.

— cursivo/iterativo: “A menina *desenhava uma casinha*”/“Casou-se com um grande costureiro, o mais bonito de todos êles, que *desenhava todos os seus vestidos de noiva*”. A. Moniz GA 96.

— pontual/iterativo: “*Deu a última badalada* e esperou que uma voz respondesse do outro lado do Assu... ‘Lins do Rêgo — PB 74’ Aqui que ninguém nos ouve, *dou-te um conselho*, mulher”. A. Ribeiro — JT 175, contrastando com “O marido é um banana ( ). A mulher *deu* nêles *uns gritos*”. Lins do Rêgo — PB 194. É normal que um complemento na plural leve o verbo a expressar o aspecto iterativo: já dissemos que o iterativo é um coletivo de ações

---

(107) Charles Bally lamenta a este respeito a falta de estudos monográficos esclarecedores: “Mais puisque le français donne une si grande place à l’expression nominale (c’est-à-dire statique!) des procès, ne peut-on pas s’attendre à ce qu’il arrive à rendre des nuances aspectives indirectement, par le véhicule des substantifs que la phrase met en contact avec des verbes? Question embarrassante, parce que les études ont été peu poussées dans cette direction; on cherche toujours “l’aspect dans le verbe lui-même, presque jamais dans son entourage”. Cf. *Linguistique générale et linguistique française*, § 587. E o estudo da *entourage* do verbo é precisamente o que vêm fazendo modernos sintaticistas do tomo de Arne Klum.

(108) Assim, o uso de “Il est à l’article de la mort” se fez necessário desde que “il meurt” perdeu seu valor original. *Physiologie de la langue française*. p. 65.

repetidas; acrescente-se mais êste aos últimos exemplos (109): “Passou depois por mim o tropel da vida e da morte, *assisti a muitos factos* históricos”. R. Brandão MI 9. Assinalaremos no § 87b o uso afetivo que por vêzes se faz desta relação entre plural e iteração; cf. “Não era mais o dr. Fernando Lemes de T. Fraga, opulento fazendeiro, industrial progressista, candidato a senador da República. Era um sujeito qualquer, que os pasquins *denunciavam* em manchetes e a polícia intimava a comparecer para declarações”. M. Donato — MSD II 68 [na ocasião em que isto foi dito, apenas um jornal denunciara o fazendeiro].

48. Alguns tipos oracionais parecem estar relacionados com o aspecto do verbo:

1) as orações absolutas exclamativas podem exprimir a iteração: “Ah!... como o *tentei*, como *desejei* que êle manifestasse remorsos...” D. S. Queirós — FS 27.

2) o mesmo pode dizer-se das coordenadas alternativas: “As crianças *ora choravam, ora brincavam*”.

3) Entre as subordinadas são as temporais as mais ricas de possibilidades; um levantamento exaustivo dêsse material — à semelhança do que fêz Barbelenet quanto ao latim, valendo-se de *Thesaurus* (109a) — muito contribuiria para o esclarecimento das relações entre a oração e o aspecto. Neste trabalho ocupamo-nos com poucas orações temporais. As de valor condicional-temporal exprimem a iteração: “Quando ela *chama*, nós *respondemos*” (v. outros exemplos no § 90). Já as orações introduzidas por *até que*,

---

(109) Guizado de Carvalho notou a relação entre o complemento no plural e a expressão da iteração dando êste exemplo colhido em C. C. Branco: “*Die tinha assistido em Braga a uns janitares de noivado das filhas da patroa*”. Cf. *Contribuição para o Estudos dos Tempos de Narração*, p. 185.

(109a) D. Barbelenet — “L’aspect verbal dans les propositions temporelles” e “Note additionnelle sur l’aspect verbal dans les propositions temporelles”.

(110) W. von Wartburg e P. Zumthor — *Précis de syntaxe du français contemporain*, § 397, examinam a oração temporal separada por uma pausa da oração principal, de aspecto terminativo “Eu *lia* o jornal/quando ela chegou”. Não resta dúvida que a ocorrência ou não da pausa é vital para o caso que examinamos. Em “*Pensava* assim / quando chegou o feriado”, o primeiro verbo é terminativo, pois “cessei de pensar” com a chegada do feriado. Suprimida a pausa o mesmo verbo é um imperfeito cursivo, pois “*continuel a pensar*” mesmo quando o feriado chegou.

quando e desde que afetam o verbo da principal que passa a exprimir término (“Caminhei bastante, até que minhas pernas se recusaram a continuar”; v. § 69. “Pensava assim, quando chegou o feriado”) e comêço do processo (“Chorou quando cheguei”. “Desde que ela chegou têm-se passado coisas terríveis aqui”). Até mesmo quando uma oração está contígua à temporal pode ocorrer essa espécie de condicionamento: “Quando Bentão apareceu com Domicio era noite alta. A velha Josefina chorou de alegria”. Lins do Rêgo — PB 170.

49. O contexto exerce grande influência sôbre tudo, e também sôbre o aspecto, o que acarreta sérias dificuldades na transcrição dos exemplos, como é óbvio. Apenas para exemplificar, gostaríamos de aduzir dois casos. No primeiro, percebe-se que se trata de duração que brota do passado lançando-se para o presente: “O que eu *sofri!* o que eu *sofri!*” (= tenho sofrido). R. Brandão MI 61. O segundo caso refere uma ocorrência na vida de Camilo Castelo Branco, exprimindo o verbo utilizado uma ação completamente acabada (aspecto perfectivo): “Ia-me um dia a matar ( ) quando meu filho entrou por aqui ( ). O que eu *sentii!*” *Ibidem*, II, 176. Subentende-se, à vista do que se seguiu: “e não sinto mais atualmente”. Eis como a mesma forma temporal usada em circunstâncias idênticas, conduz a aspectos diversos. Sirva o exemplo de amostra da complexidade desta matéria e da delicadeza do mecanismo que a rege (111).

---

(111) Numa comunicação apresentada à “Société Genevoise de Linguistique” em maio de 1940 e sumariada nos *Cahiers Ferdinand de Saussure*, n.º 1 (1941), 5 falou Charles Bally sôbre “L’Expression extra-verbale des aspects en français moderne”, enumerando alguns dos processos de que trato aqui. Jacques Pohl retomou a matéria dividindo em três classes os meios extragramaticais expressivos do verbo: alargamento da forma verbal através de afixos, pronomes, preposição, utilização de advérbios ou complementos e, finalmente, de locuções verbais. Cf. “L’expression de l’aspect verbal dans le français contemporain”, 861-868. Não nos pareceu que o prefixos portugueses indicassem aspecto; muitas vêzes apenas enfatizam o sentido do verbo, como observou Júlio Moreira quanto a *desadorar* (pedir com insistência, no Pôrto) e *desgastar* (gastar pouco a pouco), porém nestes casos não estamos diante de noções aspectuais. Cf. “Questões de Linguagem”, in *Revista Lusitana*, vol. XIV (1911), 271-272.

## Cap. II — A EXPRESSÃO DA DURAÇÃO

50. À duração corresponde o aspecto imperfectivo de que se conhecem três variantes, como vimos: o inceptivo, o curativo e o terminativo.

### 1. *Impêctivo inceptivo*

51. O inceptivo ocorre quando se indicam claramente os primeiros momentos da ação, escapando-nos a duração seqüente que é, todavia, pressentida pelo falante.

Há duas modalidades de inceptivo: o inceptivo pròpriamente dito e o incoativo, segundo se quer referir o comêço puro e simples da ação, ou o comêço seguido de mudança de estado. Antes de transcrever a documentação, gostaríamos de lembrar os critérios aqui adotados para êsse fim (v. nota 13), bem como o método acolhido; é que, partindo de noções, nelas fundamos a ordenação do material, deixando em segundo plano a seqüência costumeira das formas da língua. Daqui, por exemplo, a enumeração de tempos ao lado de formas nominais do verbo.

#### A) Inceptivo pròpriamente dito

52. Pode ser expresso pelo SEMANTEMA dos seguintes verbos *começar, encetar, principiar*; como o aspecto decorre do semantema, não importa o tempo ou forma nominal em que venha conjugado o verbo. Exemplos: “*Começa* aí nesses primeiros meses invernosos de 22, a sua época de rapariga solteira”. Paço D’Arcos — AP 41. “E daqui *começou* a sua adversidade”. A. Ribeiro — JT 173. “( ) ce-deu o passo à mãe cuja missão diferente com júbilo *encetava*”. Paço D’Arcos — AP 72. “Entrarão para o exame dez questões, *principiando* pelo que foi lecionado em agôsto”.

A diversidade dos tempos adotados tão sòmente dilui ou torna mais preciso o momento por que principia a ação. Em *começa, encetava*, temos o primeiro caso; em *começou*, o segundo, pois o presente e o imperfeito não contam com a precisão do pretérito. Por

esta razão chamei ao pretérito o tempo do “passado estrito”, em trabalho anterior (111a).

53. A FLEXÃO TEMPORAL indicaria aspecto inceptivo se contrariasse o valor semântico do verbo; não encontramos exemplos decisivos, pois os que seguem adiante trazem uma oração temporal contígua (v. § 48, 3), restando ao tempo — o pretérito — indicar com clareza o ponto por onde começa a duração. Exemplos: Alcmena: “Eu amo” Anfitrião como tu amas Sósia. *Amei* meu marido desde o primeiro dia em que o vi, nos jogos, derrubar dez Etíopes com os punhos fechados”. G. Figueiredo — DD9. Major: “Sempre de cama, cheia de complicações. Um dia é a enxaqueca, no outro o beribéri. Mas *chorou* de alegria quando lhe disse, esta noite, que você não tinha morrido e estava na cidade”. Dias Gomes — BH 66.

Meyer-Lübke (111b), estuda em várias línguas românicas um caso semelhante; dá entre outros o seguinte exemplo para o português: “( ) e a filha del rei Brutos que era muy fremosa coisa, *catou* muy gram peça Galaaz e semelhoulhe tam fremoso e tam bem talhado que o amou de coração, que nunca amou cousa do mundo tanto que nom partia del os olhos”. Parece-me que o adjunto adverbial “muy gram peça” insiste sobretudo no valor durativo do pretérito grifado, com o que sai prejudicada a explicação de Meyer-Lübke; muito mais claramente inceptivo é o primeiro *amou*.

54. Vejamos agora as PERÍFRASES que indicam comêço da ação; notamos que essa noção decorre: a) do semantema do verbo auxiliar; b) do todo formado pelo verbo auxiliar + verbo principal, que em ambas as situações pode vir no infinitivo ou no gerúndio. Exemplos:

a) *começar, principiar* + infinitivo: “Estou a escrever na madrugada e *começo a sentir-me* fatigado”. F. Namora — DT 8. “Na sua voz irradiante *começou* logo a *contar* uma complicada história familiar, atravessada de traições, de direitos e de deveres”. V. Ferreira — DP 59. “*Começou-se* de repente a *falar* em salvaguarda do ‘poder civil’”. Do editorial “Civilistas do peculado”, FSP 16.8.1964. “A sensação de alívio que experimenta à chegada da

---

(111a) *A Sintaxe do Verbo e o Tempos do Passado em Português*, § 26.

(111b) *Grammaire des langues romanes*, vol. III, § 110.

ambulância *começa a destruir-se* ( )”. F. Namora — HD 22. “E rapidamente, aproximou as cadeiras dos hóspedes, *começando a gesticular* uma resposta”. Ibidem 170. “*Principiou a falar* pausadamente, depois agitou-se, parecia louco”.

Não parecem comuns as perífrases *começar, principiar* + gerúndio, conquanto apareçam em determinados autores: “A partir de outubro, a cheia *começa baixando lentamente*” (112). “E por artes do Diabo *principiamos enxergando* através das paredes”. M. de Andrade — FC 27; casos semelhantes nas páginas 29, 34, 75, 136, 141, 173, 190, 215, 287 deste livro.

b) *passar a pôr-se a*, pop. (a) *garrar- a, dar-(se) a/para/em, deitar a, cair a, romper a, desatar a, entrar a*, arc. *filhar, pegar a*, pop. *despejar a, desandar a* + infinitivo ou gerúndio, em alguns casos. Exemplos: “*Passou* assim a família *a viver* os Invernos e as Primaveras em Lisboa”. Paço D’Arcos — AP 33. “E *passou a reparar* mais nos defeitos de cada um”. Lins do Rêgo — PB 53. “Nasceu a criança, e como era doentinha, eles *passaram a discutir*”. D. Trevisan — CE 11. “Depois, *pus-me a percorrer* as lojas, a fim de comprar um presente para Carlota”. C. dos Anjos — A 166. “Dona Glória formalizou-se, e um passageiro próximo *pôs-se a rir*”. G. Ramos — SB 84. “Agachou-se, atçou o fogo, apanhou uma brasa com a colher, acendeu o cachimbo, *pôs-se a chupar* o canudo de taquari cheio de sarro”. G. Ramos — VS 48. “Como sua conversação sempre remata em tórno de sua pessoa ( ) *pôs-se*, depois, *a falar* de si ( )”. C. dos Anjos — A 99. “O rapaz pareceu definitivamente agastado com a impassibilidade do cliente, e, de testa franzida, *pôs-se a enxugar* ( ) os faróis do automóvel”. F. Namora — HD 11. “Pedro não viu nada, *garrou a ficar* com dó da velha ( )”. De uma narrativa popular, recolhida por O. E. Xidieh — CP 38. “Não se hão de magoar eles, pois, de que eu *me dê a buscar*, na linguagem, meios de corresponder à intenção carinhosa do brinde e à comção da alma com que o recebi”. Rui Barbosa — AN 124. “Entretanto, a Maria Dorotéia *deu-se a consertar*, ou melhor, a adaptar às janelas ( ) as cortinas da Cruz Quebrada ( )”. A. Ribeiro —

---

(112) A. G. Mattoso — *História da Civilização*. Antiguidade, 3.<sup>a</sup> ed. Lisboa, Sá da Costa, 1947, p. 31. Estes exemplos nos foram apontados pelos nossos distintos Colegas, Profs. Clóvis B. de Moraes e Nilce Sant’Ana Martins.

ES 76. “Beber, beber até chegar perto da morte, como o major Evangelista fizera. *Dera êle para beber*, ficar de olhos empapuçados, ora lúcido, ora desconhecendo até os mais íntimos”. Lins do Rêgo — PB 112. “As vêzes Maximina ficava mais alegre, os olhos ficavam vermelhos e ela *dava para beber*”. Ibidem 55. “Você já pensou nisto, Salviano? Não numa conversão quieta e que fizesse o homem *dar para ir* à missa todos os dias, mas uma conversão que o transformasse ( ) num cabra feito o Padre Cícero lá do Ceará ou mesmo como Antônio Conselheiro?” A. Callado — AS 29. “Êle, hoje, é que *deu em chamar-me* prima”. F. Namora — RVM 160. “E êle, que remédio, *deitou a fugir* para não ser o êmulo de Santo Estêvão” A. Ribeiro — JT 92. “Ela *caiu logo a dormir* como pedra num poço”. Ibidem 147. “Entesou-se, crispou tôdas as energias no arranço e *rompeu a andar*”. Ibidem 212. “Subiu então a um paredal e *rompeu com voz irada a bradar e a maldizer*”. Ibidem 91. “*Desatou a chorar* convulsivamente”. Paço D’Arcos — AP 33. “Relinchou, relinchou, e, como não lhe valessem, ( ) *desatou a escarvar* a terra”. A. Ribeiro — JT 216. “( ) aquilo era a prova matemática da idiotice do meu filho. Pus a pistola do lado e *desatei a rir*”. R. Brandão — M II 176. Madalena *entrou a falar* com o Padilha”. G. Ramos — SB 139. “A idéia surgiu-lhe na tarde em que Fabiano botou os arreios da égua alazão e *entrou a amansá-la*”. Idem — VS 57. Alonso: “O mundo não as merece, mas Vossemecê *entrou a chorar?*” A. Ribeiro — MNS 308. “Entam se *filharom andar* e entraram na foresta e nom andaram muyto por ella que chegaram a casa do ermytam ( )”. Da Historia dos caualleiros da mesa redonda e da demanda do santo Graal — CA 106. “*Pegou a falar* que não aceitaría tais condições”. “*Despejou a dizer* asneiras”. “Logo a seguir, você *desandou a brigar* com sua irmã”. “E tia Vi, numa fúria, *desandou a chorar*”. M. Donato — MSD I 140.

Também neste caso pode vir gerúndio em lugar do infinitivo: “Contemplando essa gente do segundo andar, *me ponho imaginando* a classe a que pertence”. M. de Andrade — FC 285. “Quando vi êle e êle pôs reparo em mim, fêz uma cara de assustado, *deitou correndo*, entrou por esta casa sem abrir a porta”. Ibidem 25. “Crianças danadas para incomodar são as de entre um ano e cinco, que se chateiam logo e *pegam choramingando*: Mamãe, quero ir para casa ( )”. R. de Queirós — CE 9.

O verbo *ir* só se constrói com gerúndio, nessa acepção: “Es imposible señor, mis hermanos saben que no tengo amigos, ja-

más tuve un amiguito”. — “Pois tem um agora. Los hermanos precisam *ir se habituando*”. C. H. Cony — MM 142 (112a).

Gostaríamos de comentar ligeiramente a exemplificação acima.

Karl-Heinz Kloppel, por ser dos autores que valorizam na inceptividade o ponto por onde começa a ação (§ 38), classifica perifrases do tipo de *começar a* + infinitivo, estando o verbo auxiliar no imperfeito, como “lento-perfectivas” (113), ou seja, expressivas de uma duração principiada por um ponto, derivando a lentidão com que se processa a ação da natureza do tempo do verbo auxiliar.

Deve-se notar ainda, quanto ao primeiro grupo de perifrases, que o verbo *começar* normalmente rege a preposição *a* no português contemporâneo; na fase arcaica e clássica da língua vinha a preposição *de*: “E, quando Amaro ouuyo dizer que aquelle era o parayso terreal, ergeo as m̃aos ao ceo e *começou de chorar* e disse ( )”. Do Conto de Amaro — CA 62. “Depois da morte d’elrey Rreces-sundo e de seu filho Andassundo, fficou este Hermigio conde, como iá diss-mos, e *começou de argulhecer* em seu coraçom por ser rrey ( )”. Da Crônica de Espanha — Ibidem 103.

Karl-Richard Bausch examinou esta questão na língua francesa; êle opõe *commencer par* (que indica os primeiros passos de uma ação) a *commencer a*, ou *de* (que indica o comêço de uma ação determinada) (113a).

O observação feita no § 52 cabe também aqui: o auxiliar no pretérito marca com objetividade maior o comêço da ação em relação ao auxiliar no presente ou no imperfeito: comparem-se “começou a estudar”, “pôs-se a falar” a “começava a estudar”, “punha-se a falar”.

O paralelismo de valores aspectuais ocorre entre as perifrases, já em virtude do verbo principal, já em virtude do sentido próprio da perífrase considerada. No primeiro caso, parece que um verbo télico tende a indicar também a repetição, o que não acontece quan-

---

(112a) Hans Chmelicek — *Die gerundialumschreibung im Altspanischen zum Ausdruck von Aktionsarten*, p. 27 dá este exemplo: “Ya la yua urdiento la tela el pecado”.

(113) *Die Aktionsart und Modalität in den portugiesischen verbalumschreibung*, p. 24.

(113a) *Verbum und verbale Periphase im Fransösischen*, pp. 262 e ss.

do o verbo é atélico. Exemplos: “Começou a caminhar em direção à casa” [verbo principal atélico: noção de comêço da ação]; “Levada em parte pela sua natural solicitude ( ), começou a intervir na minha vida ( )”. C. dos Anjos — A 57, e “Era só receber ordens claras e iam ver com quantos pauzinhos se faz uma canoa ( ) assim que tudo tivesse juramentado, começava a disparar”. F. Marins — GCA 79 [verbos principais télicos: noções paralelas de comêço e de repetição]. No segundo caso, gostaríamos de chamar a atenção para a perífrase de *dar para / em + infinitivo*, em que sistematicamente confluem os dois aspectos, o inceptivo e o iterativo.

55. São de tempo os ADJUNTOS ADVERBIAIS que despertam no verbo a noção de inceptividade estranha à sua raiz; é interessante notar que sejam de tempo tais adjuntos, sobretudo por causa da relação entre a oração temporal e o aspecto inceptivo já assinalada no § 48.3. Exemplos: “Agora, ao lado de Bianca, notava que a italianinha ( ) viera para o encontro com a alma diferente”. M. Donato — MSD I 94. “De repente, na tarde ensolarada, corre inquieto de um lado para outro, um pedaço de língua de fora”. D. Trevisan CE 55. “Tempos depois nosso orçamento permitia-nos distribuir um almôço às crianças ( )”. F. Namora — RVM 66. É fácil notar que *notava, corre e permitia-nos* equivalem a *começava a notar, põe-se a correr, começava a permitir*.

#### B) Inceptivo incoativo

56. O aspecto inceptivo incoativo representa o comêço da ação a que se segue uma mudança de estado. Neste segundo valor está a diferença entre “inceptivo pròpriamente dito” e “inceptivo incoativo”. Não nos agrada a denominação que demos a esta variedade de aspecto, pois tanto *incipio* quanto *inchoo* querem dizer “começo”, pôsto que não se empreguem rigorosamente da mesma forma. Sucede porém que o termo “incoativo” é bastante generalizado e o desejo de esquematizar com clareza exigiu de nós esta concessão. *Sit uenia uerbo!*

Dois sufixos indicam em português a incoação, *-ecer* e *-ejar*, representando os escassos morfemas-afixo com que se expressa o aspecto na língua portuguêsã. À vista disso, transcreveremos o exemplário recolhido segundo tais sufixos, pois é óbvio que as demais vertentes do aspecto não ocorrem neste caso.

a) *-ecer*: trata-se de sufixo que ascende ao indo-europeu e que teve larga importância no latim vulgar (114). Exemplos: “Mas um dia ( ) a casa do velho *amanheceu* em polvorosa”. C. dos Anjos — A 22. “A conciliação *empequeneceu* muitos líderes e não foi feita para o benefício do país ( )”. J. H. Rodrigues — CR 102. “Ela *empalideceu*, gastou três fósforos para acender o cigarro...” V. Ferreira — A 108. — “Oh, é a maneira cômoda de ser tudo, rematou Aída”. — “Tudo, não... e *enrubeceu*” V. Ferreira — EP 73. “A feira se desmanchava; *escurecia*; o homem da iluminação, trepando numa escada, acendia os lampiões”. G. Ramos — VS 34. “O sol *amarelecia* as vidraças, quando chegou a Piedras Rojas”. A. Ribeiro — JT 206. “A noite *adormecia* sobre a terra, cálida, tranqüila”. V. Ferreira — A 38.

Se um verbo em *-ecer* forma perífrase com o auxiliar *ir*, entre laçam-se os valores de incoação e progressão (v. § 64): “A mata *ia enegrecendo*...” G. Ramos — SB 123.

Tal como o latim, não desconhece o português alguns verbos em *-ir* que indicam mudança de estado, sem contudo explicitarem a entrada na ação: “Sob o oiro da luz, a tez fria da imagem *coloriu-se*; as pregas da túnica *desembrulharam-se* numa assunção de vida e de movimento”. A. Ribeiro — JT 44.

Há verbos em *-ecer* que perderam completamente seu valor incoativo; T. Henrique Maurer Jr. enumera os seguintes: *esquecer*, *aquecer*, *arrefecer*, *esmorecer*, *empecer*, *merecer*, *éstarrecer*, *carecer*, *fenecer*, *obedecer*, *perecer*, *permanecer*, *oferecer* (115). Parece que mantiveram seu valor primitivo os verbos que indicam fenômenos naturais (*florescer*, *amanhecer*, etc.) e os que derivam de adjetivos (*empalidecer*, *amarelecer*, etc.). Verbos em *-ecer* neste trabalho: § § 58, 64, 72, 73c, 74, 75, 86, 89, 103.

---

(114) Sobre a vitalidade desse sufixo no domínio latino e seu relacionamento com os verbos da quarta conjugação, v. de Theodoro Henrique Maurer Jr. — “The Romance Conjugation in *-esco (-isco) -ire*. Its origin in Vulgar Latin”. Hans Chmelicek — o.c., pp. 2 e 46, entende o incoativo como uma das muitas *Mutationsaktionsarten*.

(115) O.c., p. 145. Na mesma linha de indagações, Herman Hirt cita *nosco* e *posco*, no latim. Cf. *Indogermanische Grammatik*, Syntax, I, § 152.

b) *-ejar*: êste sufixo procede de *-idiare* (*-idyare*), que evoluiu também para *-ear* (115a). Mas só os verbos em *-ejar* são incoativos, não se encontrando entre os em *-ear* aquêle valor: Exemplos. “Ignorava, mas envelhecida e *fraquejava*”. G. Ramos — VS 130. Machado de Assis escreveu no *Dom Casmurro*: “Estava deliciosamente bela, os morros *palejavam* de luar e o espaço morria de silêncio” (116).

## 2. Imperfectivo cursivo

57. O cursivo é o aspecto imperfectivo por excelência, indicando a duração de que se ignoram os limites. A ação é apanhada em seu pleno desenvolvimento, inexistindo preocupações em torno do princípio ou do fim do processo.

Comporta dois matizes, conforme a duração se apresente como acima se definiu, ou implicando numa aceleração ou gradação do processo; temos, portanto, o cursivo pròpriamente dito e o cursivo progressivo.

### A) Cursivo pròpriamente dito

58. A duração pode ser expressa pelo SEMANTEMA dos seguintes verbos: *preocupar*, *prosseguir*, *enganar*, *andar*, *falar*, *demorar*, etc.; a duração pode ser ampliada ou restrita, e sôbre os processos para indicá-lo falaremos adiante. Como essa noção decorre, nos casos adiante examinados, do semantema do verbo, não importa o tempo em que venha conjugado. Assim, em orações como “Mariana ficou pensativa” e “Cruzou-me o espírito a lembrança daquela hora” os verbos identificam-se do ponto de vista do tempo, pois em ambos os casos representa-se uma ação no passado. Já do ponto de vista do aspecto as coisas não se passam do mesmo modo, pois no primeiro caso o processo verbal é dado como contínuo, não necessitando de um completamento para ser entendido, enquanto que no segundo a ação exclui uma duração gramatical, pois começa e acaba logo em seguida. A imagem que o primeiro verbo evoca é a de um processo-linha, e o segundo, a de um processo-ponto.

---

(115a) O sufixo grego *-izein* suscitou dois sufixos no latim: o vulgar *-idiare* e o culto *-izare*.

(116) São Paulo, Saraiva, s/d, p. 119 [Coleção Saraiva, nº 127].

Eis aqui alguns exemplos de aspecto imperfeito cursivo pròpriamente dito expresso pelo semantema: [numa carta declara o autor:] “Escrevo às duas da manhã”. C. dos Anjos — A 219. “Conte lá o que a *preocupa*”. Paço D’Arcos — AP 142. “Eu sei a vida de perdição que *levas*, Rafael”. A. Ribeiro — JT 33. “O México, a Argentina, o Chile, também estavam pela independência econômica. Essa luta *prosegue*”. E. Moniz — GA 29. Melita: “( ) Xantós é extraordinariamente inteligente... No meio do riso geral disse a Crisipo: ‘Crisipo, tua mulher te *engana*, e no entanto não tens chifres: o que perdeste foi a vergonha’”. G. Figueiredo — RU 63. “Rafael ali *quedou* em suspenso, de olhos no rio, sem pensar que pensava”. A. Ribeiro — JT 39. “Por isso, repito, muitas fôlhas destes canhenhos serão mal interpretadas ( ). No que o leitor pode acreditar é na sinceridade com na ocasião as *escrevi*” [= fui escrevendo]. R. Brandão — MI 21. “*Demorou* para o homem se abrir sôbre os motivos da visita ( )”. F. Marins — GCA 67. Camilo Castelo Branco escreveu: “*Contemplou* os seus livros com tanto afeto, como se em cada um estivesse uma página do seu coração”(117). “( ) vitimou-a um mal do coração quando *negociava* sua anistia com a Intendência”. C. dos Anjos — A 22. “Depois, mudando repentinamente de resolução ( ), voltou-se para a mãe, que nos *observava*”. Ibidem 90. “*Chovia* que era um Deus nos acuda”. G. Ramos — SB 24. “A nossa vida *seguia* o regular e consabido destino...” A. Ribeiro — JT 69. “A História, para os conservadores brasileiros, era como um jôgo, onde *predominavam* os caprichos da fortuna”. J. Honório Rodrigues — CR 15. “( ) e, mesmo assim, a bôca *continuava* imobilizada no sorriso adulator”. F. Namora — HD 94. “E dos seus olhinhos claros / A vida *fugia*”. De uma canção popular. “O senhor não pode calcular como essa doença me *tem aborrecido*”. Lins do Rêgo — PB 106. “E com razão pensaste nisso, Lobato. Não *temos passado* muito bem”. Magalhães Jr. — CJ 13. “O Lobato *tem andado* agitado êstes últimos dias...” Ibidem 158. “Os seus sofrimentos *têm evolucionado* um pouco...” Paço D’Arcos — AV 274. “Não perdôo Lucília ( ) porque *tenho sofrido* muito”. D. S. Queirós — FS 48. Pai: “O destino não nos pertence”. Mãe: ( ) *Tens feito* dêle o que te *tem apetecido*”. A. Redol — F 192. “Há quase um século que *correrá* sangue pelos seus campos ( )”. Lins do Rêgo — PB 21. “O Toiregas, ( ) vendido a um mascate, *arrastara* uma vida nômada e miserável ( )”. A. Ribeiro — JT 190.

---

(117) Camilo Castelo Branco — *Amor de Perdição*. Obra seleta, Rio de Janeiro, Editora José Aguilar Ltda.; vol. I, 1960, p. 337.

“( ) êle e Luísa se *tinham sentido* como dois cúmplices procurando-se e completando-se até que a vida à sua vida os absorvera”. F. Namora — HD 46. “Firmiana contou tudo. Como *tinha sofrido*, coitadinho !” D. S. Queirós — FS 114. “O velho *dormindo* / na cadeira imprópria. / O jornal rasgado. / O cão *farejando*. / A barata andando. / O bôlo *cheirando*. / O vento *soprando*. / E o relógio inerte”. C. D. Andrade — P 183. “A princípio o capital se desviava de mim e persegui-o sem descanso, *viajando* pelo sertão, *negociando* com rédes, gado, imagens ( ), *ganhando* no fiado, assinando letras, realizando operações embrulhadíssimas”. G. Ramos — SB 17. “Fabiano fizera-se desentendido e oferecera os seus préstimos, *resmungando*, *coçando* os cotovelos, *sorrindo aflito*”. G. Ramos — VS 21. “Vá lá, para satisfazer a Vossa Alteza, se houvesse menos parasitas e mais homens de negócios *movimentando* capitais, êste país iria bem melhor...” R. Magalhães Jr. — CJ 60. “O homem tirava agora da carteira papéis de várias origens, *catalogando-os* minuciosamente”. F. Namora — HD 232. “Ela vivia agarrada nesses chefes grandes e êles sempre *subindo* pra riba, pro céu, como se fôsem jatobá”. A. Callado — FE 17. Semelhante a esta última forma é o infinitivo preposicionado: “Com o peito *a sangrar*, ( ) foi o servo de Deus deitar-se, queixoso, aos pés do metropolitano”. A. Ribeiro — JT 92. “Eu vinha chegando da carpintaria e só encontrei aqui o Manual *a falar* naquelas coisas dêles, de El-Rei D. Sebastião”. A. Callado — FE 117.

A duração pode ser afetiva, sobretudo quando o verbo está conjugado no chamado “imperfeito de fantasia” (118): “E num instante repararam também que a criadinha estava uma mocetona já. Carecia se casar. Que maravilha, Rose se *casava!* Havia de ter filhos!” M. de Andrade — CB 16.

Pode o falante, através de determinados recursos, variar a duração já expressa pelo semantema, quer ampliando-a, quer restringindo-a (v. § 44). Bastará que repita o verbo (119), ou que o faça acompanhar de certas conjunções ou adjuntos adverbiais. Exemplos:

---

(118) V. nesse estudo *A Sintaxe do Verbo e o Tempos do Passado em Português*, § 38.

(119) A repetição do verbo é um recurso de intensificação corrente sobretudo na linguagem falada. Meyer-Lübke dá-lhe o nome de “redôbro”: *Grammaire des langues romanes*, III, §§ 133-134 e 534.

a) Ampliação da duração por meio da repetição simples do verbo: “Estava em sua casa bem descansado, quando ouviu a voz de um anjo lhe dizendo: “Sebastião, *anda, anda* e vai para a Pedra Bonita”! Lins do Rêgo — PB 229. “Você *fala, fala, fala* mas também não faz nada”. A. Callado — FE 85. “O patrão, que era um homem que gostava de fazer brincadeiras brutas, *pensou, pensou, pensou* e depois mandou recolher os pedintes”. De uma narrativa popular recolhida por O.E. Xidieh — CP 32. “*Esperou, esperou* que viesse um filho”. Lins do Rêgo — PB 34. “*Relinchou, relinchou*, e como não lhe valessem ( )”. A. Ribeiro — JT 216. “*Andando, andando*, foram bater a uma aldeia”. Ibidem 159. A repetição do verbo é recurso que pode ser estilizado, donde casos como este: “Faz bem pensar nisto mais uma vez: Selma *vindovindo* no azul, despejada na terra como um ovo apodrecido”. C.H. Cony — MM 6.

Ampliação por meio da repetição com *que*, do tipo “corre que corre”: “E *foram que foram, andaram que andaram* e chegaram na casa do pai de S. Francisco de Assis”. O. E. Xidieh — CP 36.

Ampliação por meio de adjuntos adverbiais: “Depois, você quebra o braço direito [=dobra à direita] e *anda tôda a vida*”. “Que a gente ia receber visita, pois um cuitelo esverdeado entrou pela porta da frente e *esvoaçou tempo* na sala grande”. F. Marins — GCA 147. “À noite, chamou a pequena e *teve-a muito tempo apertada* contra si”. R. Brandão — P 298. “*Sempre temi* o ridículo”. C. dos Anjos — A 11. “Dr. Celso enxugou cuidadosamente a face da criança, *observando-a demoradamente*”. D. S. Queirós — FS 76. Para finalizar, um caso bastante enfático de ampliação da duração: “*Três meses a aturar* a mulher *tôdas as tardes*”. Paço D’Arcos — AP 142.

b) Restrição da duração por meio de adjuntos adverbiais e de conjunções: “É a saudade, e a vida que passa, e a morte que se aproxima, *enquanto* a tronco *arde* no lume, o pinheiro estala ou o carvalho *amorroa*”. R. Brandão — M II 24. “*Enquanto isso*, os alemães e italianos *experimentam* em Guernica o poder de suas bombas e *ensaiam* novas táticas de armas”. C. dos Anjos — A 32. “Este chão te é conhecido / *Bebe-te desde menino*”. J. Cabral de Melo Neto — “Vida e Morte Severina”, FSP 7.6.1966, p. 5 do 2.º caderno. “*Escutei uma hora*, desejoso de instruir-me”. G. Ramos — SB 78. “*Pensei por um momento* que ela ia olhar”. De uma canção popular. “*Amei Ninette 24 horas*”. A. Ribeiro — JT 80. “*Dois dias e duas noites* *lhe escutaram* os passos invariáveis de cá para lá, de

lá para cá, nas salas desertas”. Ibidem 126. “À noite, *enquanto* a negrada *sambava* ( ) e a música de zabumba e pífanos *tocava* o Hino Nacional, Padilha *cantava* com um lote de caboclos”. G. Ramos — SB 20. “*Naquela hora*, o seu sorriso promissor *irradiava*, à chama da lâmpada perpétua, ainda mais benigno e amorável”. A Ribeiro — JT 118. “Rafael de la Ronda *cismava um instante* nas suas razões ( ) e *volvía* a cantar”. Ibidem 30. “Quanto ao Jaime, o seu sofrimento e a sua tragédia *prolongavam-se havia dois anos*”. F. Namora — HD 51. “Em *que pensara todo aquê tempo?*” Paço D’Arcos — AP 26. “Depois, mais preciso noutros pontos, a todos *acorrera, batalhara três noites*”. C. dos Anjos — A 48. “Os infelizes *tinham caminhado o dia inteiro*, estavam cansados e famintos”. G. Ramos — VS 7.

59. Quando um verbo télico exprime duração, dizemos que à FLEXÃO TEMPORAL se deve o aspecto resultante. Queremos com isto ressaltar a fonte da noção aspectual, sem vincular aspectos a tempos; como se dirá no § 100, há tempos tão sòmente de “tendência aspectual”. Exemplos:

a) Presente: “Sebastião, é o teu dia. Vai salvar o mundo que se *perde*”. Lins do Rêgo — PB 229. “Sérgio puxara a baleeira para fora, com a lata velha *retira* água acumulada no fundo”. C. H. Cony — AV 149. “Se essa minha filha não volta, vou ter que fechar a loja, logo agora que os fregueses *chegam*”. A. Callado — FE 85. “Na gravura, vejo um homem que *dá* o braço à mulher”. É bem claro que *perder, retirar, chegar, dar o braço* são ações que se cumprem tão logo iniciadas, mas nos casos citados foram “dilatadas”, para me valer de uma expressão de Holger Sten (120).

b) Imperfeito: “Debruçada sôbre o lar, a mulher *deitava* um feixe de sarmentos da poda sôbre as brasas...” R. Brandão — M II 11. O carácter durativo conferido pelo imperfeito ao verbo *deitar*, no caso citado, sugere a imobilização do gesto de lançar lenha ao fogo. “Agora, Alaíde *voltava*. E a sua volta punha-o aflito, obrigava-o a um reexame das próprias atitudes”. M. Donato — MSD I 150. Moacir *despedia-se*. Ia passar uns meses num sanatório”. D. S. Queirós — FS 30. “Pareceu-lhes o momento oportuno”

---

(120) “Longue conversation avec Douviers, qui *sort* avec moi de chez les parents de Laura et m’accompagne jusqu’à l’Odéon” (Gide — Faux-Monn. 122). Ici le sens de sortir est “dilaté” ( ) On peut dilater le sens d’un verbe, on peut aussi ne pas le faire”. *Les temps du verbe fini*, p. 31.

É claro. Eu escrevia, *pedia* socorro... Estava portanto na altura de me render”. A. Cortez — 0 19. “Pedro Ticiano morava agora com o filho. Piorava muito da vista e sentia um enfraquecimento geral. A morte *chegava*”. J. Amado — PC 83. “O que sei, Alexandre, é que Abílio sempre fugiu de si mesmo, e ainda fugia de si mesmo quando se *ligava* a uma mulher como Paula”. A. Filho — ML 65. “E o major *morria*. Não era tão velho. Nem chegara ainda aos setenta ( )”. Lins do Rêgo — PB 112. “O amigo *morria*. *Morria* segurando-se às últimas ilusões que mantêm uma vida ( )”. F. Namora — HD 176 (121).

c) Gerúndio: “Estava cada dia mais acessível ao debate de assuntos correntes, *mergulhando* insensivelmente no convívio dos homens”. M. Donato — MSD I 32. Eça de Queirós escreveu: “Amélia enfim melhorou — com grande alegria de João Eduardo, que ( ) vivera numa aflição ( ), *derramando* às vêzes no cartório uma lágrima triste sobre os papéis selados do severo Nunes Ferral” (121a).

60. PERÍFRASES que exprimem a duração: *ficar, continuar, estar, ir, vir, seguir, permanecer* + *a* + infinitivo ou gerúndio, neste caso sem a preposição. Exemplos: “Vendo-as caminhar, lentamente ( ), *fico a imaginar* que mãe Blandine tem razão...” C. dos Anjos — A 53. Amélia — “E *ficaste a adorá-la*, claro! Pois leva-a contigo e continuem a conversa na cozinha ( )”. B. Santareno — A 221. “*Continuava a observar*, mas a observação era instintiva”. G. Ramos — SB 35.” ( ) ganhou montanhas de dinheiro no câmbio negro, mas a Companhia *continuava a brilhar* em sua constelação como sol único, a aquecer e a dar sentido a todos os demais negócios ( )”. C. H. Cony — AV 69. “*Está ali uma senhora a procurá-lo*”. V. Ferreira A 59. “*Estou só a ouvi-la*”. Ibidem 91. “*Estou rezando* à minha padroeira, Santa Isabel, disse a menina”. D. S. Queirós — FS 85. Uso afetivo dessa perífrase: — “Já *estou indo!* Prepara o café, daqui a quinze minutos estou pronto!” C. H. Cony — BB 83 (= a personagem que o diz realmente está parada). Ou então determinado processo já se acha consumado, mas o falante, por abrandá-lo, dá-o como ainda em desenvolvimento: “Por isso vim ontem e *tou vindo* hoje, para saber a resposta”. J. Amado —

---

(121) Sobre os valores extra-aspectuais de casos como êsses, cf. A. Klum — *Verbe et adverb*, pp. 182 e ss. e 184, nota 6.

(121a) *O Crime do Padre Amaro*. Porto, Lello e Irmão Editôres, 1950, p. 172.

PN 157. Ante o temor de ofender com sua presença, o sujeito procura fazer crer que ainda não chegou, pois apenas “está vindo”. “Você *está perdendo* a melhor idade de seus filhos”. D. Trevisan — CE 19. “Mais um... mais um... a angústia aumentava; sua vez *estava chegando*”. D. S. Queirós — FS 29. (122). “*Estivera desmaiado* tão pouco tempo, mas no elevador me parecia que eu tinha regressado de uma longa morte”. R. Braga — PM 17. “Uma delas, sorradeira e dengosa, a pedir uma carícia, *ia passando* devagar”. F. Namora — DT 93. “No apêrto incrível do trem, eu espiava, sôbre os ombros de um passageiro, a revista que êle *ia lendo*”. R. Braga — PM 56. Evaristo: “Gozei-lhe...?! [à vida] Não gozei quanto podia. Pelo menos não *vou a arrotar*. Por isso, amigos, eu não queria morrer”. A. Ribeiro — TI 195. Observe-se que manteve aqui o verbo auxiliar seu sentido; quando o perde, temos o valor de futuro: “vou ler o livro tão logo o possa”. “Tangido, saltando por vêzes e por vêzes trotando, o animal *foi permitindo* que a distância diminuísse”. A. Filho — ML 63. “*Venho dizendo* isso há tempos”. “Faz mais de mês que *venho fugindo* do Paraná para cá...” F. Marins — GCA 149. “( ) e quis o acaso que tivesse por companheiro ( ) o rapaz que *havia algumas semanas vinha escandalizando* ( ) a pudicícia do pequeno burgo”. Paço D’Arcos — AV 198. “Os soldados *vinham vindo, vinham vindo*”. De uma narrativa popular recolhida por O. E. Xidieh — CP 18 (123). “*Seguiu falando* de tudo que lhe vinha à cabeça”. “*Permaneceu falando* monòtonamente”.

A duração expressa pela perífrase pode vir ampliada ou restrita, de acôrdo com o adjunto adverbial que a acompanha: “*Estou observando você há muito tempo*”. C. dos Anjos — A 156.

---

(122) Sôbre esta perífrase, v. Salvador Fernández — “Algo sobre la fórmula estar + gerúndio”.

(123) Comentando perífrase semelhante, Eduardo Carlos Pereira — *Gramática Histórica*, § 700, dá uma ilustração de como em sintaxe se fazem às vêzes confusões entre as categorias lógicas e as categorias gramaticais. Com efeito, considera ali a perífrase de “O dia vem vindo” como detentora de dois valores, o incoativo e o freqüentativo, certamente motivado pelo seguinte raciocínio: a) “O dia vem vindo” equivale a “começa um novo dia”, donde o valor “incoativo”; b) como êsse ato se processa diariamente, temos o valor freqüentativo. É patente, entretanto, que as noções encontradas por E. C. Pereira estão à margem da simples duração indicada pela perífrase, decorrendo apenas de idéias evocadas por ela. Objetivamente, é bom insistir, temos apenas a idéia de duração.

A locução *fazer é* + infinitivo aparece adulterada em expressões durativas como: “Pois, Bentinho, ainda não pude pregar olho. Só *faço ouvir* o cantar da cabocla”. Lins do Rêgo — PB 167. Entenda-se: “só *faço é* ouvir o cantar da cabocla”, isto é, “ouço continuamente o cantar da cabocla”. Outros exemplos: “A Tia Generosa, quase cega, só *fazia falar* dos bons tempos”. Idem — U 99. “Os parentes, para um canto, só *faziam culpar* o responsável pelo fracasso”. Ibidem 203.

61. Os ADJUNTOS ADVERBIAIS que têm a virtude de tornar durativos os verbos de tendência télica denotam em geral a extensão do tempo ou o vagar: “( ) foi a Balsa que lhe *inoculou através dos anos* de infância e mocidade a seiva que faria dela a mulher sã e formosa ( )”. Paço D’Arcos — AP 31. “Ela não tinha história, *descobriu* Joana *devagar*”. C. Lispector — PCS 66. *Lentamente, sem pressa, os homens se retiram*, novamente indiferentes, como estranhos”. A. Filho — ML 81.

#### B) Cursivo progressivo

62. Esse aspecto indica uma duração que importa numa aceleração ou gradação do processo; pode ser expresso por SEMANTEMAS verbais tais como *estreitar, aumentar, diminuir, multiplicar, denegrir*, etc. Exemplos: “A amizade entre os dois políticos *estreitava-se*, e disto alguns tiraram o melhor proveito”. “E ia para diante, o comércio *crescia* e as construções *aumentavam*”. Lins do Rêgo — PB 22.

Alguns adjuntos adverbiais podem reforçar o caráter cursivo progressivo do semantema verbal: “Segue a ‘Macau’ entre as suas margens que *pouco a pouco se estreitam*”. Paço D’Arcos — AV 145. “Escreveu com acerto José Maria dos Santos que a administração pública *cada vez mais se reduzia* a vasta cultura de interesses privados”. J. H. Rodrigues — CR 76.

63. FLEXÃO TEMPORAL: “O cavalo de onde eu *caíra* esperava-me junto ao rio. *Montei-o* e *voei* pelas encostas que a sombra já *invadia*” (=ia invadindo). C. Lispector — PCS 62. Note-se o valor paralelo de inceptividade.

64. As PERIFRASES que correspondem ao aspecto cursivo progressivo (em geral *ir e vir* + gerúndio) trazem o verbo principal semanticamente progressivo, ou terminado pelo sufixo *-ecer*, pois a noção

de mudança de estado típica dos verbos incoativos implica também numa gradação. Exemplos: “Realmente não latia: uivava baixinho e os uivos iam diminuindo, tornavam-se quase impercetíveis”. G. Ramos. — VS 109. “No entanto, o que sobretudo os ia degradando para mim era um certo vício ( )”. V. Ferreira — EP 31. “E cheia de ódio, ia à bôca pequena denegrindo os Cletos”. A. Ribeiro — JT 234. “Um grito de sirene veio crescendo de longe”. V. Ferreira — EP 95 (124). “Ele ia empalidecendo, o vigor dos anos amolecia ( )”. Paço D’Arcos — AV 145.

Manuel de Paiva Boléo estudou essas perífrases com verbo principal incoativo (125); citando o exemplo: “É certo, Marquesa, como nós temos envelhecido!”, observa que em outros casos se nota o valor de progressão mesmo não havendo verbo incoativo; de nossa parte pensamos que em alguns desses outros casos o verbo deve, ao menos, indicar mudança de estado, no que se assemelhará aos incoativos; à parte os já citados estreitar e aumentar, observe-se que também diminuir, degradar, denegrir trazem essa característica semântica (126).

O adjunto adverbial pode insistir no caráter progressivo do verbo principal: “Despedindo-me, ouvi-lhe um musical ‘até à noite’ que minha memória auditiva recolheu avaramente e que se foi multiplicando em variações infinitas”. C. dos Anjos — A 117.

Há perífrases em que a noção de progressão decorre do conjunto; “Dioclécio foi transformando Antônio Bento, descobrindo para o criado do padre um mundo novo”. Lins do Rêgo — PB 65. “Lentamente, sãbiamente, amorosamente, fui despertando aquêlc corpo adolescente para a vida e para o prazer”. C. H. Cony — BB 128. “Há no Brasil uma espécie de preciosismo técnico burocrático

---

(124) Hans Chmelicek — *Die Gerundialumschreibung...*, p. 35, dá exemplo semelhante: “van creclendo”; entende casos como estes representativos do “caráter aumentativo da perífrase imperfectiva”, uma das *Phasenaktionsarten*.

(125) *O Perfeito e o Pretérito*, p. 7.

(126) Estas considerações são paralelas a certas observações de José Roca Pons, numa passagem em que, discorrendo sobre casos como “ya va amaneciendo”, diz: “El incoativo tiene especial importancia en el grupo que estudiamos. Tomamos aqui este concepto, no en el sentido de acción o proceso inceptivo — o sea “inceptivo” — sino en el de cambio gradual hacia un nuevo estado o, tomando la palabra en un sentido más amplio todavía, el cambio que, sin tender propiamente a un nuevo estado, aumenta o disminuye más o menos gradualmente y en algun aspecto, el estado o situación ya existente” (grifos nossos). *Estudios sobre Perífrases Verbales del Español*, p. 64.

que *vai complicando* os problemas”. R. Braga — PM 25. “Ninguém a atende, os soluções *vão se espaçando* e ela dorme”. D. Trevisan — CE 31. “Pelo contrário, os boatos correntes afirmam que o Bufo *vem se afastando* de seu grupo já há algum tempo”. J. Bethencourt — VJ 15.

Estão no mesmo caso as perífrases que indicam o aspecto de que tratamos mediante a repetição: “E a onça *vinha vindo, vinha vindo*; o caçador não podia mais, de tanto medo”. “O trem *foi chegando, foi chegando*”. Esse processo também se acha com verbos simples: “E também se podia esperar o instante que *vinha... que vinha...*” C. Lispector — PCS 41.

65. A duração progressiva pode ainda ser expressa pelos seguintes ADJUNTOS ADVERBIAIS: *aos poucos, pouco a pouco, a pouco e pouco, pouco e pouco, lentamente, vagarosamente, gradualmente, progressivamente, paulatinamente, desmesuradamente, à medida que mais... mais, mais e mais, quanto mais... mais*. Alguns exemplos: “Agosto principia, e *aos poucos* a paisagem *toma* um tom esmaecido”. D. S. Queirós — FS 52. “A imagem de Maria de Lourdes *apagava-se aos poucos* no pensamento de Paulo Rigger”. J. Amado — PC 98. “Ou, talvez, o cérebro *vá-se adaptando aos poucos*, até voltar ao normal”. M. Donato — MSD I 38. “( ) de quando em quando me interrompendo para contar qualquer coisa acerca dos meninos, em cuja alma *ias penetrando aos poucos*”. C. dos Anjos — A 129. “Pior que a atoarda geral, é a dor que *pouco a pouco está brotando*, cada vez mais funda ( )”. C. H. Cony — AV 98. “Foi-se fazendo escuro e *aos poucos* círculos e manchas vermelhas ( ) *surgiam* ( )”. C. Lispector PCS 33. “Afirmou que a Petrobrás *retira-se pouco a pouco* das pesquisas da Amazônia”. FSP 1.6.1965, p. 8 do 1º cad. “Dominada seja a humana curiosidade porque, enquanto a água empoçada animava o movimento dos lábios, *retornava lentamente* a realidade”. A. Filho — ML 124. “O morto, que estivera sepulto em si mesmo tanto tempo, e *vagorosamente recuperara* a vida, encontrou finalmente ( )”. A. Filho — ML 141. “Ao tédio e ao desespero *substituiu-se gradualmente* na alma de Jorge estranha inquietação”. Paço D’Arcos — AP 17. “( ) à medida que mais se distanciava de Jorge, *mais se aproximava* de Eduardo”. Ibidem 139 (127). “*Cada vez mais me aproximo* de ti”.

---

(127) Veja-se o exemplo semelhante dado por Paul Imbs — *L’emploi des temps verbaux*, p. 96: “à mesure qu’il s’avancait dans le cercle de lumière projeté par la lampe, Milady se reculait involontairement”.

R. Brandão — M II 23. “Vou embora desta casa, gritou-se agitada. E cada vez mais a sala se fechava ( )”. C. Lispector — PCS 58. “João Eduardo sentia-se progressivamente ansioso”. F. Namora — HD 236.

Não é impossível ocorrer a idéia de progressão até com um verbo neutro como *ficar*, atestando a utilização afetiva desse aspecto: “No começo mandaram-no ir embora”. Mas *aos poucos foi êle ficando* até que se esqueceram”. Lins do Rêgo — PB 45.

### 3. Imperfectivo terminativo

66. Quando a ação terminou após ter durado estamos diante do aspecto imperfectivo terminativo, que pode ser expresso por meio do SEMANTEMA de verbos como *acabar*, *terminar*, *cessar*. Exemplos: “A fita *acabou* e não falamos no incidente”. R. Braga — PM 9. “*Terminada* a festa, retiraram-se os convidados”.

67. AS PERÍFRASES que indicam término são as seguintes: *acabar*, *cessar*, *terminar*, *deixar de*, *vir+de+infinitivo* de verbo atélico (128), pois sendo télico, teremos o aspecto perfectivo pontual (v. § 74). Exemplos: “( ) mal sabia êle que *acabava de consolidar* a sua melhor conquista”. Paço D’Arcos — AP 50. “Na manhã do terceiro dia atravessamos a Serra Nevada, que separa a fértil Califórnia do país estéril que *acabávamos de percorrer*. Idem — AV 49. “Só de ‘ouvir dizer’, porque, como *acabo de contar*, nunca os

---

(128) Estudamos o valor temporal dessa perífrase em nosso trabalho *A Sintaxe do Verbo ...* § 34: “*acabar + infinitivo*: há certo paralelismo entre esta e a perífrase anterior (referia-me a *vir + infinitivo*), complicada, entretanto, por questões de regências: “O Dr. Borges de Medeiros acaba de reconhecer a vitória do Dr. Júlio Prestes”. M. Donato — MSD I 17: passado próximo. “Fulana acaba por receber o prêmio”: valor de futuro. “F. acabou de receber o prêmio”: passado próximo; “acabou por receber”: passado remoto, supondo-se um esforço prévio ao desfêcho do processo: “Ele acabou por se sentar”. V. Ferreira — A 247. Gili y Gaya, *o.c.*, § 94 aplica diversamente o termo *terminativo*, entendendo por êle as ações que se supõe aproximarem-se do término: “Ojala vengan a reconciliarse”. Parece que estamos aqui diante de mais um caso de valorização do elemento lógico, pois Gili y Gaya terá usado o termo *terminativo* por supor que a reconciliação consiste numa série de medidas conducentes a um fim. Esqueceu-se de que a perífrase por si mesma possui outros valores que não o terminativo. Cf. também Roca Pons — *o.c.*, § 70, item 8, n.º 3.

vira juntos”. Ibidem 198. “Não respondeu, *acabou de fumar* e sentou-se na cama”. D. Trevisan — CE 54. “( ) talvez porque lesse em meus olhos o que eu *acabara de passar*”. R. Braga — PM 17. “( ) quando nossos pais já morreram, os amigos da adolescência se dispersaram e as amadas *cessaram de existir* C. dos Anjos — A 78. Observe-se que em todos êstes casos a ação vinha-se efetivamente cumprindo, ocorrendo a seguir sua finalização; no primeiro exemplo dado, a personagem “vinha consolidando” uma conquista, até que a ação chegou a seu término; neste último caso, as amadas “vinham existindo”, até a exaustão completa do processo. Se, porém, o verbo principal é télico, a noção é de pontualidade, como já se assinalou: “Ele *acabou por se sentar*”. V. Ferreira — A 247 não significa obviamente que a personagem “vinha se sentando”. . . “*Deixam de escrever*”. “*Terminei de estudar a lição e saí à rua para espairosear*”. “Aquêles *vêm de jornadaear*. Logo demonstram / pelos seus modos, que não são da terra” (129). “Eu *venho de ouvir missa*”. A observação quanto ao tempo do verbo auxiliar feita no § 54 vale também para êste caso.

68. ADJUNTOS ADVERBIAIS podem atribuir ao verbo um valor de término que não decorre de seu valor semântico: “Súbitamente, os sábios descobriram segredos que os teólogos *até aquela data supunham* apenas pertencerem a Deus”. A. Ribeiro — JT 299.

69. Também aqui o TIPO ORACIONAL exerce influência, pois as orações temporais introduzidas por *até que* influenciam a oração contígua, passando o respectivo verbo a indicar duração de que se conhece o término: “*Ficam a pairar no ar até que* o seu conteúdo se condensa nas lágrimas que umedecem os olhos de Maria Antônia”. Paço D’Arcos — ETF 451. “Como se nada houvesse acontecido, *prosseguiu andando*, descuidado *até que* encontramos Mano, despido da cintura para cima, lutando com a terra”. A. Filho — ML 153. “Investigou com frenesi todo aquêlo corpo tenro; e *beijou-o, beijou-o* com carinho e violência, *até que* seus nervos afrouxaram, desfazendo-se num chôro repousado”. F. Namora — RVM 261.

---

(129) Apud Modesto de Abreu e Gomes de Moura — *Regência Verbal*, p. 438. Não se considera vernácula a construção em que *vir* perde a noção de movimento: “Fulano *vem de escrever* um livro”.

### CAP. III — A EXPRESSÃO DO COMPLEMENTAMENTO DA AÇÃO

70. Ao complementamento corresponde o aspecto *perfectivo*; há três variantes de aspecto *perfectivo*, devidas a noções decorrentes da noção fundamental de ação decursa: o *pontual*, o *resultativo* e o *cessativo*.

#### 1. *Perfectivo pontual*

71. O aspecto *perfectivo pontual* indica o processo que é acabado tão logo começado. Do ponto de vista lógico não há processo sem duração, ainda que breve. De ponto de vista lingüístico só conta a duração quando expressiva, considerando-se *pontuais* aqueles processos em que a duração é irrelevante.

72. O *pontual* pode ser expresso por meio do SEMANTEMA de verbos como *partir*, *descobrir*, *apagar*, *fechar*, etc.; êstes são os verbos *télicos*. Exemplos: “*Tomo* o carro, *parto* para as férias”. V. Ferreira — A 251. “*Descobre*, com amargura, que de agora em diante jamais será completo para com ela”. C.H. Cony — AV 107. “*Até emudecer*, totalmente, quando a luz se *apaga*”. *Ibidem* 10. “*Fecho* os olhos para não ver”. A. Filho — ML 93.

Dá-se a êsses presentes de verbo *télico* o nome de “presente momentâneo” (130); surpreende-se nêles, às vêzes, um tom de futuro: Adolfo: “Eu *esmigalho-te!* Dou cabo de ti!” B. Santareno — AM 42.

---

(130) A designação “presente momentâneo” foi tomada a P. Imbs — *L'emploi des temps verbaux*, p. 22, que assim a define: “Le présent momentané ré-présente dans le présent ce que le passé simple représente dans le passé: l'action est conçue comme un processus unique non répété, et en dehors de toute considération de durée (aspect perfectif)”. P. Imbs notou que muitas vêzes é ao semantema verbal que se deve a existência do presente momentâneo ao dizer que “c'est le *sens* du verbe, ou encore le contexte, qui permettent de l'identifier” (*Ibidem*). M. Grevisse — *Le bon usage*, § 714, usa o termo “presente momentâneo” apenas para indicar o conteúdo temporal dêsse tempo, o que não é nosso caso; também Bassois de Climent se preocupa com êsse particular, dizendo que o presente é incompatível com a ação perfeita, donde o senso de futuro decorrente. Cf. *Sintaxis Latina*, I, p. 195.

Outros exemplos de aspecto pontual: “Em uma das vindas à capital, *descobriu* o vago namôro que me ligava a Carlota”. C. dos Anjos — A 57. “Meu espírito *se turbou* de tristeza quando fiquei a sós com Gabriela ( )”. Ibidem 102. “Abrindo num assomo de cólera, *deparou-se-lhe* uma dama que escondia o semblante em negra mantilha”. A. Ribeiro — JT 126. “Azevedo Gondim *apagou* o sorriso, *engoliu* em sêco, *apanhou* os cacos de sua vaidade e *replicou* amuado que um artista não pode escrever como fala”. G. Ramos — SB 9. “A galinha *tombou* num baque surdo e lá ficou”. V. Ferreira — A 137. “*Engoliu-o* como quem toma uma purga açucarada”. F. Namora — DT 144. “O passado *desapareceu*, de futuro nem aliterceres existem”. R. Brandão — MI 17. “Guerras e guerras sem dó, sem piedade cristã *exterminaram* mais que integraram os povos indígenas”. J. H. Rodrigues — CR 25. “*Cruzou-me* o espírito a visão do Niágara ( )”. Paço D’Arcos — AV 192. “*Alijei* ao mar parte da minha saudade. Mas ainda me ficou o bastante para chorar não a trazer comigo à terra onde penou o infante ( )”. Ibidem 267. “*Raiou* a era da profecia: agora só os mortos enterram os mortos!” A. Callado — FE 122. “Por causa do preconceito muitos *rejeitaram* o que seus ouvidos ouviam e seus olhos viam”. “Confortado, *mergulhou* nos mistérios daquele corpo cuja alma se estendera sôbre êle”. J. Amado — PN 65. Rosa: “Pumba! ainda não tinha acabado de dizer isto, e já o Zé Martinho lhô arriara outra punhada, que a *deitou* ao chão!!...” B. Santareno — AM 16.

Examinamos em outro local (131) o valor do pretérito nas seqüências; anotamos ali que entre outras coisas delas se servem os escritores quando desejam imprimir certa velocidade às suas narrações. Em textos tais pode aparecer o pretérito pontual, contrastando com pretéritos durativos: “Por isso nunca hão de faltar sonhadores que evoquem essa singular figura de poeta, que uma vez atravessou a terra, soluçou, monologou como Hamlet e *sumiu-se* logo no sepulcro”. R. Brandão MI 81. “Um vulto *surgiu*, *parou*, *errou*, *debruçou-se* sôbre ela, depois sôbre Anastácia, *suspendeu-se* à escuta e, afinal, *sumiu-se* por onde viera”. A. Ribeiro — JT 149. “*Nasceu*, *morreu*, e pelo mundo passou sem que ninguém desse por isso”. Paço D’Arcos — AP 27.

“Respondi que tive aborrecimentos no Arquivo e que *recebera* carta de uma editôra do Rio ( )”. C. dos Anjos — A 107. “Uma

---

(131) *A Sintaxe do Verbo...*, § 30.

tristeza sem fim ( ) *apoderara-se de mim* ( )". Ibidem 141. "*Surpreendera* o grande segredo e ia publicá-lo". A. Ribeiro — JT 45.

Tratando-se do mais-que-perfeito, distinguir-se-ia a forma simples da composta, do ponto de vista aspectual?

Acredita Criado de Val (132) que o mais-que-perfeito composto não pode ser entendido simplesmente como momentâneo, encerrando antes a noção de processo cuja intensidade aumenta e chega ao fim. É, portanto, um terminativo que deixa entrever ligeiramente uma duração; ambos os valores são explicados pelo mesmo Autor como oriundos da estrutura desse tempo: o valor terminativo se origina do participio passado e o durativo do imperfeito em que se acha o auxiliar. Pode-se todavia objetar que o exemplo dado por Criado de Val ("hasta ahora no había yo conocido a Jaime") deve os valores acima apontados à presença da locução *hasta ahora*; omitindo-se ela, teremos um pontual: "yo no había conocido a Jaime, creo que él tampoco me conocía a mí".

Não pudemos aprofundar nossas indagações nessa direção, mas parece possível formular uma hipótese; enquanto expressivo da pontualidade, será indiferente a utilização desta ou daquela forma do mais-que-perfeito; comparem-se aos exemplos acima, outros: "Gabriela refletira melhor e *tinha-me perdoado*". C. dos Anjos — A 118. "Afinal, uma burocracia que se dizia tão mal e que se sai tão meticulosa e honesta que até as contas das fraudes *tinha pregado* com alfinetes na papelada". R. Brandão — M II 118. Mas é provável que nos casos em que a forma composta guarde o sabor que lhe era habitual antes da gramaticalização (construções do tipo "essa mão que *tinha metuda* em seu seio", "( ) quando foy luz, *tinha* êle já *andadas* duas léguas"). tenhamos um resultativo, à semelhança do "falso perfeito" (§ 74c). A forma simples não acentua tão bem o valor de resultado quanto a composta.

Alguns adjuntos adverbiais parecem insistir na pontualidade da ação: "Se tudo quanto cresce — eu fico a pensar *apenas um momento alcança* a perfeição ( )". C. D. Andrade — "Fernanda, Candinho", CM 27.2.1964. "E imediatamente tôda uma feira de janelas *se ilumina* no primeiro andar". V. Ferreira — EP 144. "A feira de luzes pálidas assinala o caminho e *de repente cessa* no vago

---

(132) *Sintaxis del Verbo Español Moderno*, p. 162.

da escuridão". Ibidem 50. "Pára agora, carregado de bagagem". Ibidem A 16. "Mas a vexatória situação culminou foi *no momento em que abri*, atarantadamente, o livro de chamada e fiquei a estropiar nomes e a gaguejar ( )". C. dos Anjos — A 12. "Neste momento, porém, os brandões *apagaram-se* e tôda a sala ficou mergulhada na obscuridade". A. Ribeiro — JT 169. "Súbitamente, os sábios *descobriram* segredos que os teólogos até aquela data supunham apenas pertencerem a Deus". Ibidem 299.

Essa sorte de "refôrço" da pontualidade se pode também alcançar repetindo o verbo no mesmo tempo: P. Facundo: "Cá na serra *fizeram-se calaceiros, fizeram-se*. Não é por falta de eu lhes estar sempre a pregar a regra do bom viver. Mas os tempos estão revolutos". A. Ribeiro — TI 24. Ou repetindo-o no particípio passado antecedido do advérbio *bem*. Alonso: "Hum, já o vou saber. Palpita-me uma coisa. . . Mas a mim não me comem o caldo na cabeça. A vida *mitrou-me, menina. Mitrou-me bem mitrado!*" A. Ribeiro — MNS 325. Ambos os casos parecem representativos da linguagem falada, pois que ocorrem em peças de teatro. "Surgira-lhe um dia, *de improviso*, das plagas da África, um primo próximo ( )". Paço D'Arcos — AP 43.

73. Anotaremos agora os casos de aspecto pontual devidos à FLEXÃO TEMPORAL, isto é, aquêles em que se manifesta o valor de pontualidade a despeito de ser atético o verbo.

a) Pretérito: neste verso de João Cabral de Melo Neto — "Vida e morte Severina", FSP 7.6.1966, p. 5 do 2º cad.: "De tanto te despiu a privação / que se *escapou* de teu peito a viração", a ação de *escapar*, que não precisa completar-se para existir, é encarada como completamente decursa, pontual, por estar o verbo no pretérito; êsse tempo tem, assim, a virtude de atribuir ao processo verbal um tom incisivo que não deixa dúvidas quanto ao seu efetivo cumprimento; por essa razão, um noticiarista que não duvida das boas intenções do nôvo prefeito em bem administrar sua cidade, dirá: "O que importa é que o senhor ( ) compreenda que tem compromissos ( ) com a cidade que se *propôs administrar*". De um editorial da FSP, 23.3.1965. Se tivesse dito "cidade que se *propõe administrar*", deixaria implícita a desconfiança de que os propósitos do prefeito não eram algo de definitivo e acabado.

b) Perfeito: sôbre os diversos valores aspectuais do perfeito perifrástico português, v. §§ 58, 77, 84c, 87c. Têm valor pontual:

“Não me diga nada! Que esta sirva-lhe de lição. O senhor está despedido. . . E *temos conversado*”. R. Magalhães Jr. — AA 14(133).

c) Mais-que-perfeito: “A ingratidão *embranquecera-o*”. R. Brandão — P 47. Observe-se a perda do valor inceptivo primitivo do verbo, de que resta apenas a noção de mudança de estado.

d) Futuro perfeito: “Às três horas você já *terá estudado* seu papel”.

74. PERÍFRASES: *acabar + de* ou *por + infinitivo*; *acabar + gerúndio* de verbo télico; já estudamos o valor terminativo dessa perífrase, quando o verbo é atélico (v. § 67); seu mecanismo, tal como o de outras perífrases, é bastante delicado, observando-se alterações temporais conforme o tempo do auxiliar, a preposição que o liga ao verbo principal, e a natureza semântica dêste. Considerando apenas os casos em que o verbo principal é télico, podemos assim esquematizar seus valores: “*acaba de receber*” / “*acabou de receber*”: aspecto pontual (e passado próximo); “*acaba por receber*” (futuro); “*acabou por receber*”: aspecto pontual (e passado remoto); “*acaba recebendo*” (futuro); “*acabou recebendo*”: aspecto pontual (e passado). Exemplos: “O Dr. Borges de Medeiros *acaba de reconhecer* a vitória do Dr. Júlio Prestes”. M. Donato — MSD I 17. “*Acabou por vencer* a vontade firme do déspota caseiro”. Paço D’Arcos — AP 74. “Roberto *acabou concordando em vir conosco*”. C. dos Anjos — A 98. Essa perífrase é substituível por *vir de + infinitivo*: “*Venho agora de perder* duzentas peças em casa da condessa de Alfarela”. V. nota 129. Observe-se que neste caso o verbo auxiliar perde o valor de movimento.

Há uma expressão complexa que pode ter o mesmo valor pontual dessa perífrase: “( ) limitando ( ) as minhas pretensões ( ) *cheguei ao termo de acieilar* a sua vontade”. Paço D’Arcos — AV 59.

Também a voz passiva perifrástica com verbo *ser* pode indicar a ação-ponto, sendo télico o verbo: “Chegou, entremetres o sorteio, e Norberto *foi apurado* para a artilharia”. A. Ribeiro — JT

---

(133) Exemplos de Paiva Boléo — *o.c.*, p. 34: “Quando o espírito imundo *tem saído* de um homem ( )”. *Meyer-Lübke* interpreta êstes casos como denotativos de uma “*action complètement achevée au moment actuel*”. *Grammaire des langues romanes*, III, § 301.

264. “Antes que pudesse fazer qualquer movimento de defesa, Joana foi sepultada entre aquelas duas massas de carne macia ( )”. C. Lispector — PCS 30. “Tão dos nossos, que desejava continuar a luta quando o presidente foi deposto”. M. Donato — MSD I 79.

75. Além das flexões temporais, podem certos ADJUNTOS ADVERBIAIS alterar a tendência atética dos verbos, convertendo-os em téticos. Possuem essa virtualidade notadamente os advérbios que imprimem à ação uma noção de subitaneidade. Assim, um verbo normalmente atélico como é *sentir* (cf. “Na manhã seguinte *sentime* um colegial comprometido ao iniciar a visita à enfermaria”. F. Namora — DT 31) passa a exprimir aspecto pontual nas seguintes circunstâncias: “*Sentiu, abruptamente* a vertigem da sedução”. *Ibidem* 93. “*Sentiu repentinamente* uma dor na nuca”. *Idem* — HD 16.

Outros adjuntos insistem mais vivazmente no completamento da ação: “O rapaz *ensurdeceu completamente*”. “A casa *ficou tôda borrifada*”. “Alguns participios *substantivaram-se de todo*”.

## 2. *Perfectivo resultativo*

76. Quando o completamente total da ação implica num resultado que decorre dêsse completamento, temos o aspecto perfectivo resultativo; de um modo geral, os exemplos correspondem à perífrase *estar* + participio passado, pois êste é o tipo fundamental do aspecto resultativo. Dado seu caráter particular, não se encontram exemplos de tal aspecto expresso pelo semantema verbal; começaremos, portanto, pela flexão.

77. O pretérito e o perfeito são as FLEXÕES TEMPORAIS que exprimem o resultado.

a) Pretérito: “Quem morreu, *morreu*”. “O que escrevi, *escrevi*”. “Perdeu, *perdeu*” (diz-se quando se quer assegurar a alguém que a consumação do processo não permite que se alimentem esperanças). “Vá para junto de papai e de Paulinho, não pense em mim. Se morrer, *morri*”. D. S. Queirós — FS 22. “Veio a República, com tantas esperanças, mas não quis assumir a culpa alheia. Resultado, quem perdeu *perdeu*, quem não perdeu *perdesse*. . .”. F. Marins — GCA 167.

Pode o pretérito ser deslocado para o final do trecho, posição em que se acentua o completamento da ação: Eromante: “Não se-

jas ignorante! Profecia é um tempo de verbo: é futuro. Não tenho nada a ver com a morte do teu parente!” Arconte: “Mandou matar todos”. Necros: “Não, não! Não o mates! Por piedade, não o mates!” Eromante: “*Profetizei*” G. Figueiredo — MC 193. “Que, já de manhã, soube que a sua bagagem tinha ido para o aeroporto, onde ela deveria depor; que, perto das sete horas, o Diretor do Teatro e um funcionário da Embaixada vieram buscá-la, levando-a ao aeroporto, onde, para efeito da lei, em fé da verdade, *disse*”. C. H. Cony — BB 99.

b) Perfeito: *ter* + objeto direto + particípio passado servindo inicialmente de predicativo a êsse objeto.

Este é um caso bastante curioso do aspecto resultativo; do ponto de vista da expressão do aspecto, o perfeito apresenta duas fases ao longo de sua história, que passamos a analisar.

Sabe-se que o *perfectum* latino abrigava três valores: perfeito, pretérito e aoristo. Para sublinhar o sentido de estado adquirido próprio ao perfeito, usou o latim desde a fase arcaica a construção *habeo* + particípio passado, aparecendo também em lugar de *habeo*, *do*, *teneo*, *facio*; o português preferiu *teneo*.

No latim medieval a coesão entre os termos desse conjunto aumentou bastante, surgindo construções como “*episcopum invitatum habes*”, imitadas pelo português: “*Tenho a lição estudada*” (eu a estudei no passado [tempo] e por isso agora ela está estudada [aspecto]). “E onde o levais a enterrar, / irmãos das almas, / com a semente de chumbo / que *tem guardada*?” J. Cabral de Melo Neto — “Vida e Morte Severina”, FSP 7.6.1966, p. 4 do 2º cad. Bernarda (que vestiu um casaco e *tem posta* uma mantilha preta. A observar Amália, com desconfiança): “Estás hoje muito janeleira, Amália!” B. Santareno — AM 49. Evaristo: “Onde queria V. Rª que eu estivesse *æ me tem aferrolhado*?” A. Ribeiro — TI 198. Paiva Boléo enumera ainda êstes exemplos: “Dava-te o meu coração / Se mo tiveras pedido / Agora já to não dou, / Já o *tenho prometido*”. “E eu, minha flor, quero-a dar / Ao noivo que *tenho eleito*” (134). Como é fácil constatar, ocorre nestes casos um valor temporal, de passado (mais precisamente, posse no passado refe-

---

(134) *O Perfeito e o Pretérito*, pp. 22 e 28. Observe-se que em alguns dos casos aqui citados o verbo *ter* conserva seu sentido pleno de “possuir”.

rida no presente, que talvez se explique pela importância do participio passado no conjunto), e um valor aspectual, de resultado (estado atual decorrente de ação passada).

Conservando ainda o valor de aspecto resultativo, aproxima-se o verbo *ter* do participio passado, que então não mais flexiona, principiando a gramaticalização do conjunto. Daqui casos como: “Foi a coisa de mais virtude que *tens feito*”. “O Camacho abraçou a Afonso Costa ao fim da leitura: ‘É a melhor lei que você *tem feito*’”. R. Brandão — M II 126. “*Tenho conhecido* em minha vida dois ou três santos e alguns homens superiores. Nunca vi mágico da fôrça de Junqueiro”. Ibidem II 253. “O Rogério *tem* quase *conseguido* os papéis falsos...” B. Santareno — A 74.

O pretérito anterior e outras formas compostas do passado estão nas mesmas condições da construção que vimos analisando: “O plano estabelecido e iniciado fecha-se com um ponto culminante: o tratado de comércio com o Brasil, que D. Carlos *teve realizado*, e que, ao que parece, tarde, dificilmente, ou jamais se conseguirá”. R. Brandão — M I 314.

Consideramos que a conservação dêsse uso do perfeito ao lado do que adiante enumeramos deve-se precisamente ao seu valor aspectualmente diversificado.

Na segunda fase da história do perfeito, o valor durativo localizado no verbo auxiliar impregna todo o conjunto, e com isto se indica ação cursiva (“*Não temos passado* muito bem”, § 58) ou iterativa (“*Tenho-o convidado* para ir à minha casa”, § 84c); em ambos os casos, a noção é a de passado que se estende ao presente, quer num movimento contínuo, quer num movimento interrompido e retomado diversas vezes. Em quaisquer das duas possibilidades estamos diante de uma forma nova, porque românica, e duma função também nova, pois que se distancia da primeira enumerada, que, ela sim, corresponde ao perfeito de estado indo-europeu.

Não sendo transitivo o verbo no participio passado, indica-se ação pontual (v. § 73 b).

78. PERÍFRASES que expressam resultado: *estar* + participio passado: “não precisa de visagem, mãe! A coisa se deu, *está dada*. Vim pra me despedir”. Lins do Rêgo — PB 163. “( ) mas enfim mataram-no, *bem morto está*”. R. Brandão — M II 284. “Já agora podés me contar tudo, Lobato. O meu dia já *está estragado*”. Magalhães Jr. — CJ 24. O verbo *estar* passa a ser conjugado no imper-

feito do indicativo quando a perífrase ocorre no discurso indireto: “E sêcamente lhe foi dito que o que estava feito, *feito estava*”. A. Ribeiro — JT 92. “Sizenando sacou do revólver e disparou, acertando no lado esquerdo da cabeça de Diogo, que derrubou a faca e gritou: “Ai, meu Deus, *estou atirado!*” D. Trevisan — CE 63. — “Domício, tu não queres sair desta terra?” — “Vontade não me falta. Tenho pena de mãe. Tenho pena de tudo. *Estou feito* nas coisas do Araticum”. Lins do Rêgo — PB 158.

Ao valor resultativo desta perífrase se deve interessante consequência no domínio temporal. Com efeito, é comum encontrar-se nas gramáticas que a passiva portuguesa se forma igualmente com os verbos *ser e estar*, além de outros meios. Resulta dêsse ensino que se consideram idênticos conjuntos como “é feito” e “está feito”, “era feito” e “estava feito”. Como mostrou o Prof. T. H. Maurer Jr. numa preleção, enquanto “é feito” representa um presente passivo, “está feito”, por denotar que a ação já se dera, persistindo seus resultados, representa uma ação preterital. Pela mesma razão, enquanto “era feito” é um imperfeito passivo, “estava feito” é um mais-que-perfeito, equivalendo a “fôra feito”.

79. ADJUNTO ADVERBIAL que exprime resultado: o advérbio *já* (135) assume essa função quando marca nitidamente o completamento da ação de que decorre um resultado presente; o conjunto “já + verbo” pode ser substituído pela perífrase “*estar + particípio passado*”. Exemplos:

— “A paciente está perigosamente fixando a idéia de sua incurabilidade”. — “Está fixando? *Já fixou*”. “Prova disso está na informação ( ) de que a SUMOC *já autorizou* o amplo uso de promissórias rurais para redesconto ( )”. De um editorial da FSP 1.4.1965. Alonso: “( ) E quem foi o ladrão da minha honra? Dizei-me quem foi êsse ladrão que me vou já a êle!...” Narciso: “*Já pagou...*” A. Ribeiro — MNS 334. “*Já disse e redisse que*

---

(135) Em nosso trabalho *A Sintaxe do Verbo...* § 29, consideramos o uso de *já* em suas implicações temporais: êsse advérbio indica que a ação se deu antes do momento esperado, decorrendo daqui um efeito de surpresa. Ex.: Geraldo: “Telefone ao Dr. Castro. Pergunte-lhe a verdade. Tôda a verdade”. Sílvia: “Eu *já telefonel*, Geraldo”. Pedro Bloch — INF 38. Faltou acrescentar que o mesmo advérbio pode indicar também passado próximo: “Fulano *já saiu*” = saiu agorinha mesmo.

seriam tentados pela conjura os elementos ( ). A. Ribeiro — JT 136. “Que vai sair daqui? Uma grande revolução, o terror, mortos?...” — “Não, sosseguem, quando se fizer a república — *já o anunciou* há anos o pontífice máximo Guerra Junqueiro — o que se há de ouvir não é um grande ruído de espadas, é um grande ruído de talheres...” R. Brandão — MI 275. “O rei fugiu ( ). Um dêles [os companheiros do rei] dizia-lhe: — Vossa Majestade *já fez* o que tinha a fazer”. Ibidem II 30. “Os ventos, ou os passos de infinitos passantes *já removeram* a areia”. C. H. Cony — AV 135. “*Já fizera* todo o circuito que projetara e mostrava-se encantado ( )”. Paço D’Arcos — AV 170.

### 3. *Perfectivo cessativo*

80. Por vêzes a noção de acabamento perfeito e total da ação implica na noção de negação que se reporta ao presente. Chamamos “cessativo” a tal caso, pois se marca fortemente a interrupção do processo: “O povo *acreditou* na Revolução pelos propósitos que alegadamente a *animaram* e que sem dúvida são aquêles a que nos referimos”. De um editorial da FSP 16.8.1964.

Entendemos o cessativo como a terceira possibilidade do aspecto perfectivo: não será demais insistir em que a noção de negação que se reporta ao presente não é aspectual (antes temporal), servindo apenas para configurar a perfectividade. Também esta variante do aspecto perfectivo não nos pareceu que pudesse ser expressa por se mantemas especiais.

### 81. Por meio da FLEXÃO TEMPORAL:

a) Pretérito: Major: “Estêve aqui?”. Antonieta: “*Estêve*. E agora eu acho que nós estamos mais perto do xilindró do que êle”. Dias Gomes — BH 128. Verônica: “Que tolice. É a casa que foi de seu bisavô. São coisas que *pertenceram* aos seus antepassados!” Isabel: “Não pertencem mais!” ( ) A senhora não sente vergonha, mamãe?! ( ) Vir à casa de um ex-colono comprar coisas que *já nos pertenceram?*” J. Andrade — OB 131. “Hás de chorar / Como eu chorei / Quando tu souberes amar / Como eu te *amei*”. De uma canção popular.

Muitas vêzes ocorre que o pretérito portador do aspecto perfectivo cessativo venha acompanhado do advérbio *já*, que lhe reforça então o valor; no penúltimo exemplo citado ocorre um caso dê-

ses, ao qual acrescento mais os seguintes: Antenor: “O senhor sabe que *já andei* de banguê?” J. Andrade — E 14. — “Vejo-a melhor agora, Acertei, um sol meridional no verde-cinza dos olhos, mais verde que cinza, não?” — “Ninguém chegou a um acôrdo”. — “Muita gente assim?” — “Muita: *Já tive* vinte homens”. — “E nenhum marido no meio?” — “O primeiro”. C. H. Cony — MM 61. “*Já tive* uma letra tão linda e agora...” R. Brandão — P 90. “Você *já foi* bom!” Exemplo recolhido pelo Prof. T. H. Maucer Jr e apresentado em aula.

b) Imperfeito: Antônio: “( ) eu sou um farrapo, tampa de valeta, um piolho! ( )”. Amália: “És? ainda és isso, Antônio?...” Antônio: “*Era*. Já não sou”. B. Santareno — AM 58.

82. PERÍFRASE: *estar* + particípio passado, estando o auxiliar no pretérito. Exemplos: “A Revolução *estêve perdida*. Houve um momento tão duvidoso que Cândido dos Reis se suicidou”. R. Brandão — M II 39. “A cidade *estêve ocupada*”.

Não nos parece possível ocorrerem exemplos dêsse aspecto motivado por adjuntos adverbiais.

#### CAP. IV — A EXPRESSÃO DA REPETIÇÃO

83. A repetição corresponde o aspecto iterativo, de que se conhecem duas variantes, o aspecto iterativo imperfectivo e o aspecto iterativo perfectivo, conforme se repitam ações durativas ou ações pontuais.

Já assinalamos, páginas atrás, a posição intermediária desse aspecto em relação ao imperfectivo e ao perfectivo; a conceituação do iterativo como um coletivo de ações exclui a repetição simples expressa pelo prefixo *re-* ou pelo adjunto adverbial *de novo*, como em "*Pensei de novo no que disse anteontem*". C. dos Anjos — A 199. Nessas circunstâncias o que ocorre é meramente uma reiteração.

Por outro lado, pode a repetição ser ou consciente, intencional, ou automática, rotineira, caso em que teremos o *hábito* (136); em nosso exemplário não discriminamos os casos de repetição intencional dos de repetição rotineira por nos parecer que tal diferenciação deriva de uma consideração de natureza modal. Uma vez que o iterativo representa uma coleção de ações durativas ou pontuais, situando-se a meio termo do imperfectivo e do perfectivo, não haverá, em decorrência disso, semantemas propriamente iterativos, salvo alguns casos escassos: *costumar*, *soer*, *habituarse*. Eis por que o critério de disposição dos exemplos sofrerá pequena alteração, recensando-se os casos unicamente segundo a flexão, as perífrases e os adjuntos adverbiais.

---

(136) Hans Chmelicek — *Die Gerundialumschreibung im Altspanischen zum Ausdruck von Aktionsarten*, pp. 3 e 37, faz essa distinção opondo *iterativo* (repetição automática) e *frequentativo* (repetição intencional).

1. *Iterativo imperfectivo*

84. Por meio da FLEXÃO TEMPORAL de verbos atéticos:

a) Presente: “Pensa que pode penetrar no mundo das glândulas com a sem cerimônia com que *anda* no meio dos seus alfarrábios?” C. dos Anjos — A 114. “Eu sei que *falam* de mim”. Lins do Rêgo — PB 178. Geraldo: “Ameaças?! Como é que nunca telefonaram contra mim?” Sílvia: “Para mim *telefonam*”. P. Bloch — IM 21. Anfitrião: “Hidromel? Vinho, mulher, vinho... Desde que o mundo existe, os homens, antes de brigar e de amar, *bebem* vinho...” G. Figueiredo — DD 12. “Nunca *leio* políticos. Sou apenas juiz. *Estudo, compulso* os meus livros ( ). Acordo cedo, tomo uma xícara de café ( ), *faço* a barba, vou ao banho. Depois *passeio* pelo quintal, volto ( ). À noite recebo os amigos, quando não aparecem, *durmo*”. G. Ramos — SB 76. “Bebu *lia* no meu pensamento, e, o que era pior, *lia* sem nenhum interêsse, como se *lê* um jornal de anteontem”. R. Braga — PM 11.

b) Imperfeito: “Com habilidade conseguiu fugir antes do baile acabar e tornou às roupas feias com que *servia* na cozinha”. Do conto “Cara de Pau” reproduzido no *Boletim de Filologia* VIII (1946) 136. “Tudo isso eu ia pensando ao chegar a Bad Godesberg, ao mesmo hotel onde se *hospedava* Hitler”. Silveira Sampaio — “Dois Quixotes e um Sancho”, FSP 16.8.1964. “Sua grande tentação seria escrever um romance sôbre a vida do pequeno funcionário público, em que *via*, antes de tudo, um oprimido”. Magalhães Jr. — AA 47. “D. Fausta *brigava* com o pai, era uma onça acuada, um gênio de fera”. Lins do Rêgo — PB 53. O imperfeito pode dispor-se em séries: “*Dormia, almoçava, jantava, ceava, lia* romance à sombra das laranjeiras e *atenazava* Maria das Dôres”. G. Ramos — SB 127.

c) Perfeito: “Você precisaria ouvir o que *tenho ouvido*”. M. Donato — MSD II 83. V. § 87c.

d) Gerúndio, também em séries: “Por que o seu padrinho ficara no Assu, sempre no mesmo lugar, no meio de um povo que nem respeito tinha por êle? Um Joca Barbeiro *falando* dêle nas conversas da tamarineira, um juiz *dizendo* horrores, um Lula, um maluco, *fazendo* mangação com o padre no meio da rua”. Lins do Rêgo — PB 88. “O que valia aquela gente tôda comparada com êle? O

major Evangelista *criando* passarinho, Joca Barbeiro falando da vida dos outros, o coronel Clarimundo dentro da loja *contando* dinheiro?" Ibidem 68. O processo é particularmente vivaz na linguagem de Lins do Rêgo, e a exemplificação poderia ser multiplicada; cremos poder explicar o fato lembrando que a repetição do verbo responde ao tom tautológico característico do próprio enredo do romance, transformando-se pois numa verdadeira necessidade estilística.

85. Por meio das seguintes PERÍFRASES: *costumar*, *habituar-se* + infinitivo de verbo atético; *andar* + gerúndio ou infinitivo e *viver* + gerúndio de verbo atético. As duas primeiras devem ao semantema do verbo auxiliar a noção de repetição; as demais exprimem repetição por obra do conjunto formado pelo verbo auxiliar + verbo principal. Exemplos: "*Costumo passear às seis horas*". "*Habitou-se a estudar pela manhã*". "Eu ainda não te contei, mas a Valda *anda fumando* uma coisa esquisita, eu também já senti aquele cheiro". C. H. Cony — BB 203. "Mas se eu fôr dizer a êle que o senhor *anda achando* que o açude não é idéia do MOLOCS êle é capaz de ficar triste". A. Callado — FE 99. "Depois disto o Dr. Carmo *andou espalhando* que rasgaria a batina do padre". Lins do Rêgo — PB 76. "Disse-me a Lolita, da Chica Menuda, que êle *anda a desinquietar* lá para o bazar". A. Ribeiro — JT 31. "Por isto, sobretudo nestes dias de inverno, em que *anda* uma prodigiosa voz de Adamastor *a pregar* à terra e às coisas dilaceradas, eu me ponho ( ) a discutir o enigma". R. Brandão — P 71. "*Tinham andado a procurar* raízes, à toa: o resto da farinha acabara". G. Ramos — VS 9. Roxo: "( ) A espinhela caída é que é ( )". Eu me *andei a tratar* com um bom facultativo, em Cuiabá ( )". A. Ribeiro TI 20. "Por outro lado, D. Auta *vivia chorando* de desgosto". Lins do Rêgo — PB 207. Clara: "É isso mesmo! Um marido que só *vive pensando* em internar papai, que reclama até do jornal que papai lê!" J. Andrade — E 41. Há uma diferença entre o primeiro e o segundo tipo de perífrases, pois "*anda fumando*", "*anda achando*", etc. indicam repetição de ato não habitual, enquanto que "*vivia chorando*", "*vive pensando*" assinalam a repetição de ato já costumeiro. A causa da diferença está na natureza dos verbos auxiliares.

Karl-Heinz Klöppel (137) inclui aqui as perífrases *ir/vir* + infinitivo: "Era a hora calada em que os lobos do monte *vão beber*".

---

(137) *Die Aktionsart...*, pp. 46, 63, 85 e 88.

“E esta dona Clarissa tiinha huu filho, e bautizarõ-no em Jherusalem; e améude *hiam honrrar* a Jhesu Christo ( )”. “Aquele que cada dia te *vinha confortar* ( ) me embiou a ty por te confortar ( )”. Pode-se ver pelos exemplos de Klöppel que certas condições são exigidas para que haja interação neste casos: o sujeito no plural (1º exemplo) e a presença de um adjunto adverbial no 2º e 3º, respectivamente, *ameúde e cada dia*.

86. Por meio de ADJUNTOS ADVERBIAIS; são de natureza temporal os adjuntos adverbiais expressivos da repetição: “Essa rapariga era a esplêndida Ataíde da miniatura de marfim que D. Constança *sempre trazia* consigo”. C. dos Anjos — A 8. “*Conversávamos amiúde* sôbre o andamento dos negócios”. “Mas *em certos momentos parecia* que se cumpria a palavra de São Paulo, de que sem derramamento de sangue não há remissão de pecados”. J. H. Rodrigues — CR 114. “*Pressinto* que isto fará acabar de vez com essa ridícula história em que, *de tempos em tempos, me enleio*”. C. dos Anjos — A 229. “Os rádios *noticiavam de instante a instante* o constrangimento que passava o ministro da Guerra numa das salas do Catete”. E. Moniz — GA 9. “*Estendiam-se* no pinhal, *à hora quentinha do sol*, com boas mantas de agasalho ( )”. Paço D’Arcos — AP 64. “( ) afeitos àquele caminho que ela *diàriamente trilhava* e que êle se não *diàriamente* pelo menos *freqüentes vêzes percorria*”. Ibidem 9. “E *tôdas as sextas-feiras, moíamos* duas horas bem moídas para alcançar lugar no Collège de France ( )”. A. Ribeiro — JT 65. “*Em abril e maio* florinhas amarelas, aos milhares, *alcatiçam* as fraldas das colinas ( )”. C. dos Anjos — A 27. “A vida *começa todos os dias*, João, e nunca repete o gesto de nos abrir uma porta”. F. Namora — HD 153. Nota-se neste último exemplo que a ação imperfectiva repetida pertence à modalidade inceptiva.

Aconteceu-nos encontrar alguns casos em que o adjunto era repetido, à semelhança das orações alternativas estudadas no § 48, item 2: “Dividiu os dias, então, em duas partes: *noites dormia* em minha casa, *noites dormia* em sua cabana”. A. Filho — ML 64.

Adjuntos adverbiais formados com a palavra *vez*: “Por que me *procurara tantas vêzes e tantas vêzes demonstrara* por mim ( ) alguma coisa que parecia ir além da simples amizade?”. C. dos Anjos — A 152. “*Quanta vez* Ana Paula *subiu* o Chiado ( )”. Paço D’Arcos — AP 123. “Sinhá Vitória, inquieta, *fôra muitas vêzes escutar* na porta da frente”. G. Ramos — VS 30. “*Penso ainda muitas vêzes, e apesar de tudo o que se passou, no significado dessas minhas ondas de fastio...*” F. Namora — DT 3.

## 2. *Iterativo perfectivo*

### 87. Por meio de FLEXÃO TEMPORAL de verbos télicos:

a) Presente: “Maná, Roque cego, surdo e mudo, maná, a comida que Deus *aira* do céu para os escolhidos, como atirou para seus filhos que fugiam do cativeiro do Egito”. A. Callado — FE 84.

São comuns as séries de presentes iterativos, já imperfectivos, já perfectivos (grifados): “*Levanto-me* cedo, *vou* aos templos. Depois *passo* pelas bibliotecas e pelos livreiros e *venho* para casa escrever. Almoço e janto onde calha. Quanto tenho, bebo para esquecer, à noite escrevo, *deito-me* cedo e durmo”. R. Brandão — MI 87. “O marido *entra, sai, acorda, levanta-se, lê* o jornal, *liga* a telefonia, *arrasta* a mulher a um cinema ( )”. Paço D’Arcos — AP 77. “Quando *vai* para casa almoçar, os filhos já estão no colégio. De tarde, a copiar faturas, não pensa em nada; *engole* dezenas de cafés bem quentes — uma de suas habilidades — sem queimar a língua, um sanduíche e um copo de leite, demora-se a ler no escritório ou *vai* ao cinema. Às dez horas, *sobe* no ônibus, com o jornal dobrado no bolso. Caminha três quarteirões, na rua de barro, até a casa silenciosa, apenas com uma luz na varanda”. D. Trevisan — CE 17-18.

Encontram-se também aqui casos de repetição do mesmo verbo: “Pois é, Sr. Doutor, meu irmão, *bato-lhe* à mesma. *Bato* na mulher, *bato* na criança, *bato* no cão”. V. Ferreira — EP 60 (138).

b) Imperfeito: “A todos que me procuravam para informar-se sobre o que estava acontecendo *respondia* que de nada sabia ( )”. De uma notícia publicada na FSP, 13.8.1964, p. 4. “*Escondia* em casa os que a polícia perseguia ( )”. Paço D’Arcos AP 32. “*Pediam-lhe* o número, *fazia* a ligação, *escutava* a conversa”. Ibidem 89. “A mulher, em suma, a êle que fôra casto e de mente pura, *deparava-se-lhe* em cada partícula do templo”. A. Ribeiro — JT 38. “Com o

---

(138) Parece-nos que é assim que se devia explicar o valor iterativo dos seguintes futuros: “Je leur ai donné mon pain: la belle avance! Ils *auront* faim ce soir, ils *auront* faim demain!” P. Imbs, de quem é o exemplo, o.c., p. 55, diz, entretanto, que “le futur se prête aussi à l’expression de la répétition”. Deve ser o futuro repetido, e não o futuro.

nôvo curso, pretendiam as Ursulinas resolver ( ) êsse grande problema, que as mães *enfrentavam* ao saírem as filhas dos ginásios”. C. dos Anjos — A 10.

Quando se quer exagerar, usa-se afetivamente o iterativo como neste exemplo colhido em Eça de Queirós: “Não, não queria ficar na terra perversa donde partia, esbulhado e escorraçado, aquêlê Rei de Portugal que *levantava* na rua os Jacintos!” (139) (= a ação em verdade se dera uma vez apenas).

Alguns adjuntos adverbiais podem insistir no valor iterativo já contido na flexão: “Talvez a espôsa o houvesse carregado de chifres, *muitas vêzes sucedia*”. J. Amado — VM 23. “Antagonismos os mais violentos ( ), sentimentos nativistas exaltados, *explodiam a todo momento*”. J. H. Rodrigues — CR 44. “E Mestre Caetano *recebia tôdas as semanas* um dinheirão de Madalena”. G. Ramos — SB 139.

c) Perfeito de verbo tético: “A opinião pública, melhor juiz que todos, *tem identificado*, aqui e ali, casos em que as puniçôcs jamais chegaram a convencer ninguém”. Do editorial “Revisão” da FSP 1.6.1965. “Por que vossa senhoria não *tem ido* ao meu encontro no parque, conforme o combinado?... Magalhães Jr. — CJ 48. “*Tenho perdido* um dinheirão por causa dêle, nem tu imaginas”. A. Ribeiro — JT 219. “A êle tudo *tenho sacrificado* ( )”. Paço D’Arcos — AV 125. Amélia: “Não digas tolices, Sibila!... *Tens tomado* o remédio?...” B. Santareno — A 175. “( ) *tenho restituído* a algumas pessoas a fé que faz milagres”. A. Callado — AS 86.

Também aqui pode o sentido iterativo vir enfatizado por adjuntos: “*Tenho ido* algumas vêzes à sua casa”. C. dos Anjos A 200. “A divisão destas notas em parágrafos *tem muitas vêzes fugido* à cronologia”. Ibidem 178. “Eu também *tenho ouvido*, confessou o Dr. Magalhães, *tenho ouvido até muitas vêzes*” G. Ramos SB 73.

d) Gerúndio: “Andou entre as barracas, emproado, *atirando* coisas no chão”. G. Ramos — VS 96. “Percorreu atordoadamente as ruas do centro *detendo-se* diante das vitrinas”.

---

(139) *A Cidade e as Serras*. Pôrto, Lello & Irmão, Editôra, 1950. p. 7.

88. PERÍFRASES: *andar, viver* + gerúndio de verbo télico; *ser de, soer* + infinitivo de verbo télico. Exemplos: “Nosso filólogo *andou fathanao* no comêço do ano ( )”. C. dos Anjos — A 47. “Há tempos, numa festa de igreja, *andava* o menino *bulinao* com as matutas”. Lins do Régo — PB 46. “Ela agüentou firme. Se queixar, não podia se queixar do marido. Em muitas coisas podia passar por bom. Mau não era, não *andava danao* nos filhos, judianuo com os meninos”. Ibidem 130. “O Dr. Castro *anda me escondendo* alguma coisa”. P. Bloch — IM 37. “( ) não sou nenhum dêsses políticos iaiotas que *vivem salvando* a pátria com plataformas”. R. Braga — PM 13. “Ele é que *vive provocando* Leleco!” A. Callado — RE 22. “Eu *sou de perder* condução, você não me conhece!” (= cosumo perder a condução). “Uma só forma verbal *sói reunir* duas ou mais funções”.

89. Por meio de ADJUNTOS ADVERBIAIS: Como era de prever, há um paralelismo entre estes adjuntos e os examinados no § 86, pois em ambos os casos os adjuntos são temporais: “Porque nunca se fizeram reformas basicas, mas simpies remendos superficiais, as reformas *nascem, morrem e ressusciam desae 1931*” J. H. Rodrigues — CR 130. [as praças de pre] *so voaram de 1824 a 1846*”. Ibidem 169. “O senhor *sempre responde* bem”. A. Callado — AS 81. “Aos *aomingos meua-se* no quarto, *caçava* umas chinelas e tôda a tarue chorava lagrimas sem fim sobre um velho romance de Camilo”. R. Brandaão — MI 15. “*Várias vêzes tomei* o receptor do telefone ( )”. C. dos Anjos — A 86. “*As vêzes entrefechava* os olhos, bem no nível do mar e vaciava, tão aguda era a visão ( )”. C. Lispector — PCS 32. Maria Teresa: “A doença *fêz remissão*. Trouxe-o de lá completamente bom”. Paulo Maia: “Assim *sucede muita vez*”. É a marcha normal”. A. Cortez — O 18. “A barba, suja de lama, *protegia-me* o rosto contra o frio. *Detinha-me vez por outra*, para respirar o ar difícil, os pulmões doendo”. A. Filho — ML 128. “*A cada solavanco* do carro de boi que nos transportava, *levantava* a cabeça”. R. Ramos — SB 20. “Eu, por mim, entusiasmado com o assunto, *esquecia constantemente* a natureza do Gondim”. G. Ramos — SB 9. “Depressa, nhô Genésio, o doente está ruim, com chumbo na barriga!” O boticário sentiu um choque, imaginando as dificuldades. *Seguidinha vinham buscá-lo* para casos semelhantes”. F. Marins — GCA 17.

90. Refrimos ligeiramente páginas atrás (§ 48) a importância do TIPO ORACIONAL do ponto de vista da determinação do as-

pecto. É precisamente quanto ao aspecto iterativo que êsse fato se dá de modo mais notável, sobretudo quando investigamos as orações de valor condicional-temporal. Encontramos aqui a iteração tanto nos casos de justaposição (“Ele *começa a* falar, nós *tapamos* os ouvidos”). (140) “*Semicerrando* os olhos, *enxerga-se*, de asas abertas ( )”. A. Ribeiro — JT 110) como nos casos em que a conjunção vem expressa, observando-se então três possibilidades: repetição no presente, repetição no passado e repetição no futuro (141). Na transcrição do exemplário a seguir, deixamos indistinto iterativo imperfectivo de perfectivo:

a) Repetição no presente: “Se uma mulher *canta*, êle *foge* logo”. “Salvo Gabriela — que *finje* ignorar-me e *desvia* os olhos amuada se a *olho* de relance”. C. dos Anjos — A 15 “Que expressão abjeta a de Beirão quando *olha* uma mulher!” Ibidem 100. “Quando rico *ri* pra gente e se *achega* como quem não quer nada, só conversa e agrada, bota um olho nêle compadre, e o outro na muié, na terra e na criação, que um dos três vai”. De um conto popular recolhido por O. E. Xidieh — CP 86. “*Sente* isso sempre que *lembra* a primeira noite de casado ( )”. C. H. Cony — AV 9. “O beijo dado na bôca / Tem o gôsto de cerveja / Gôsto de muié rendera, / Se *namora* e se me *beija*”. De uma canção popular. “Deixo, deixo, está bem. Depois o senhor *estri-la* quando êles me *cantam*”. A. Callado — FE 24. Isabel: “( ) Mas eu sou sômente neta, bisneta, tataraneta! Cada vez que me *apresentam*... é como se lessem a nobiliarquia paulistana!” J. Andrade OB 147.

b) Repetição no passado (142): “Os olhos de Constança *brilhavam* quando me *contava* a história dessa Ataíde...” C. dos Anjos — A 19. “Formosa Glória! *partias*, de regresso a Diamantina, negro tédio *devorava* o céu e a terra”. Ibidem 15. “Sempre que *começava* uma dessas histórias, *olhava* para os cantos para ver se não

(140) W. von Wartburg et P. Zumthor — *Précis de syntaxe*... § 459.

(141) O grego clássico conhecia êsses valores: E. Ragon — *Grammaire grecque*, §§ 298 e 321, 3.º.

(142) Essa construção é chamada “eventual no passado” por Ernout Thomas, *Syntaxe latine*, § 390. Antonio Ruiz de Elvira estuda-a do ângulo do aspecto, dando entre outros êste exemplo: “Si quo casu limo caenoso ( ) prolapsus deruissem ( ) nullum quidem defesso mihi ferebat auxillium, sed ( ) me compilabat” = “si por casualidad *resbalaba y caía* en el lodo fangoso, no me *auxiliaba* lo más mínimo en mi agotamiento, sino que me *golpeaba*”. Cf. “*Syntactica Apuleiana*”, 132.

tinha menino por perto”. Lins do Rêgo — PB 54. “Se o outro *demorava* em servir, José *batia* o cálice na mesa”. D. Trevisan — CE 48. “O extraordinário é que dera 120 com Maria Clara ao lado, ela que se *queixava* quando êle *atingia* os noventa” (= refere-se à velocidade do carro). C. H. Cony — AV 44. “Êstes sons não interessavam Baleia, mas quando o galo *batia* as asas e Fabiano se *virava*, emanações familiares *revelavam-lhe* a presença dêles”. G. Ramos — VS 111. “Quando *discorria* curvado e esquelético por entre os mármore e mausoléus, *semelhava* um cadáver ambulante...” A. Ribeiro — JT 44. “Só de pequeno retenho impressões tão nítidas como na primeira hora: ouço hoje como ontem os passos de meu pai quando *chegava* a casa ( )”. R. Brandão — MI 8. “Sempre que *pretendia* forçá-la ( ), *notava* que a máscara se lhe ensombrava, e a voz tomava entoações de cáustica amargura”. Paço D’Arcos — AV 69.

c) Repetição no futuro: “Se uma mulher *cantar*, êle *fugirá*”.

O predicado composto ligado por *e* parece exercer influência na expressão da repetição: “O menino mais velho, passada a primeira vertigem, ( ) *adormecia e acordava*”. G. Ramos — VS 10. “Vêdes, além, na Estrada de Santiago, aquela estrelinha *a luzir e a apagar-se* como candeia ao vento?” A. Ribeiro — JT 110.

91. Alguns SUFFIXOS concorrem para a expressão da idéia própria ao aspecto iterativo.

a) *-ear, -etear*: “O garôto *cabeceava* de sono”. “Passamos o cruzamento nem sei como, o carro *balanceando* como um navio ao sôpro do tufão, até eu lhe moderar o pânico”. F. Namora — DT 98. “A rapariga sem nada para ocupar os dias, saía da pensão depois do almôço e *vagabundeava* sòzinha pelos caminhos”. Idem — HD 31. “*Vagueávamos* pela cidade morta, de arcadas desertas”. V. Ferreira — A 45. “*Resmoneava* em voz baixa, falava mais alto, tudo uma mistificação, sou forte, nasci para ser forte”. Idem — EP 286. “Aprendera, desde pequeno, com José Gomes e o Capitão Tito a *soquetear* queixo de burro ( )”. F. Marins — GCA 114.

b) *-ejar*: “Para o fundo uma fonte *gotejava*”. V. Ferreira — EP 210. “As traves do teto estalam, *boatejando* que o telhado vai arriar” (143). “Mordia a língua de desespero *voejando* à minha volta ( )”. F. Namora — RVM 138.

---

(143) Afonso Schmidt — *Primeira Viagem*. São Paulo, Editora Brasiliense, Ltda., s/d, p. 377.

c) *-itar*: “( ) quase todos, estendidos nas cadeiras de repou-  
sar, silenciosos, liam ou *dormitavam* ( )”. Paço D’Arcos — AV 60.  
“Os pássaros *saltitavam*”.

Outros sufixos iterativos: *-ilhar* (*fervilhar, dedilhar, polvilhar, cuspilhar*), *-inhar* (*cuspinhar, esquadrinhar, patinhar, caminhar, murmurinhar*), *-iscar* (144) (*petiscar, chuviscar, lambiscar e lembiscar, namoriscar, mordiscar*), *-icar* (*cocoricar, corricar, namoricar, mordicar*), *-ucar* (*falucar, por falar*).

---

(144) Bernardino Barbosa — “Sufixo *-iscar* nos falares do Algarve”, *Revista Lusitana*, vol XX (1917), 321-322.

CAP. V — A INDETERMINAÇÃO

92. Nos capítulos anteriores examinamos como se exprimem a duração, o completamento e a repetição, permitindo-nos o resultado alcançado que se avaliem de modo aproximado a presença e a extensão do aspecto na língua portuguesa contemporânea. Ao longo dessa pesquisa tivemos a atenção chamada para certos casos em que as formas verbais se mantinham avéssas à indicação do aspecto, conservando aquêles tom virtual próprio ao infinitivo. Referia-se a ação pura e simplesmente, sem a conhecida atualização que as categorias verbais trazem.

Durante certo tempo hesitamos sobre a denominação que daríamos a tais casos. Pensamos inicialmente em chamá-los “aorísticos”, mas o termo, além de largamente comprometido com a gramática grega, rotula alguns usos diversos destes: recorde-se que alguns sintaticistas vêem no aoristo o aspecto pontual.

Optamos então por “aspecto zero”, pois de modo geral nos casos encontrados parecia andar ausente a categoria de aspecto (e a de tempo). Mas o termo deveu igualmente ser abandonado, pois não representava aquêles mesmos fatos que tinham levado Saussure a propô-lo; com efeito, examinando o genitivo plural tcheco que perdera a vogal característica (aparecendo *slov* onde era *slovu*, “palavra”, e *zen* onde era *zenu*, “mulher”), disse o lingüista de Genebra:

“On voit donc qu’un signe matériel n’est pas nécessaire pour exprimer une idée; la langue peut se contenter de l’opposition de quelque chose avec rien; ici, par exemple, on reconnaît le gén. pl. *zen* simplement à ce qu’il n’est ni *zēna* ni *zēnu* [respectivamente, nom. pl. e ac. pl.], ni aucune des autres formes. Il semble étrange à première vue qu’une idée aussi particulière que celle du génitif pluriel ait pris le signe zéro ( )” (145).

(145) *Cours de linguistique générale*, pp. 123-124. Charles Bally — *Linguistique générale et linguistique française*, § 248: “Un signe zéro est donc un signe qui, sans signifiant positif, figure avec une valeur déterminée à une place déterminée d’un syntagme échangeable avec un ou plusieurs syntagmes de même espèce où ce suffixe a une forme explicite”. Cf. também o § 250. Sobre outras conceituações e aplicações do signo zero, v. R. Godel — “La question des signes zéro” e Ricardo Navas — “Pausa, Base Verbal y Grado Cero”.

Em suma, se nos níveis fonológico e morfológico é possível encontrar o signo imaterial ou zero, de que fala Saussure, no nível sintático não parece sê-lo, em virtude da presença frequente de elementos psicológicos, causadores do entrelaçamento das categorias. Tudo isso propicia o fenômeno das noções paralelas, tantas vezes documentadas nestas páginas (§§ 8, 54, 63, 86.)

Escolhemos por essa razão o termo “indeterminado”, que de todos me pareceu o menos atacável. De fato, a frouxa atualização patente em tais casos leva à apresentação do processo de maneira vaga, imprecisa (e ontemporal).

Eis aqui algumas amostras do aspecto indeterminado:

93. Presente gnômico: ocorre nas afirmações gerais, definições, ditados e truísmos: “A terra *gira* em tórno do sol”. “Os ângulos do triângulo *somam* cento e oitenta graus”.

A intenção do falante ao servir-se desse aspecto é a de apresentar apenas a noção expressa pelo verbo, sem cuidar de sua duração, completamento ou repetição, ou mesmo do momento em que deva dar-se: “Nenhuma Revolução se *consolida* sem apoio popular”. De um editorial da FSP 26.12.1964. “( ) a lâmina metálica do barômetro *se curva* à aproximação das tormentas”. Paço D’Arcos — AP 99. “Doutor, com padre não se *bole*. O senhor está brincando com fogo”. Lins do Rêgo — PB 81. “Depois de eu arrumar isto por aqui, vou andar. Mas eu volto. A gente *pega amor ao lugar*”. Ibidem 189. “Uma semana *tem* sete dias”. G. Ramos SB 73. — “E o outro? [o delegado] — O outro... diz que esperava pela mãe ( ) [responde o auxiliar] — E quem lhe garante que essa mãe existe? — Todo mundo *tem* mãe, seu delegado, abro a bôca para me defender”. C. H. Cony — MM 112. “Mêdo, mêdo, mêdo de morrer, mêdo de ser prêso. Todo o mundo *tem* mêdo”. Dias Gomes — BH 70. “Perdoe-me, Alexandre ( ), mas Jerônimo não sabe esconder a verdade. E a verdade, Alexandre, não *envergonha*”. A. Filho ML 23. “Quem *macera, macera* alguma coisa”. A. Ribeiro — JT 28.

Uma verdade considerada eterna em dado contexto exemplifica igualmente o aspecto indeterminado: “Depois dos setenta todo velho *fica* sem vergonha”. D. Trevisan — CE 69. “Para cada cético *há* uma legião de crentes”. S. P. Freddi — “Tampinhas e Esperança”, FSP 1.6.1965. “Numa criança, chorar não *significa* sofrimento. *Significa* vida”. F. Namora — HD 190. “O amor maior não é o que se *entrega*, é o que *renuncia* ( )”. Paço D’Arcos — AV 179.

A indeterminação ocorre também nos ditados, e os exemplos poderiam ser multiplicados *ad nauseam* se consultássemos os repertórios paremiológicos. Nestes casos, todavia, pode-se perceber num discreto segundo plano a noção interferente de repetição. Pois é à custa de se repetirem que as ações se tornam truísmos; persiste, entretanto, a ênfase em sua generalidade, em sua indeterminação: “Mas sofreu por quê? Porque gastou o que não podia gastar, porque comprou o que não podia comprar. E quem *compra* o que não pode, *vende* o que não quer”. M. Donato — MSD I 69. Bernarda: “Ah, êle é isso? Pois sempre ouvi dizer que quem *corre* por gôsto, não *cansa*”. B. Santareno — AM 43. “A mocidade *busca* a mocidade”. C. dos Anjos — A 198. “E nos seus olhos abertos para o espaço parecia ler-se a máxima das resignações: tudo *vem* do pó, tudo *regressa* ao pó”. A. Ribeiro — JT 61. “E quem *dá* o que tem, a pedir *vem*”. G. Ramos — SB 63. “Viúva rica, com um ôlho *dobra*, com outro *repica*”. R. Brandão — MI 24. “Cada um *dá* corda no relógio conforme lhe *dá* na gana”. F. Namora — DT 28. “Ainda bem, seu Roque. Homem e mulher, quando têm gôsto igual, ou a mulher não *tem* ou o cabrão é anormal”. *Ibidem* 65.

Como se pôde ver, a insistência vai sempre para o fato em si, virtualmente considerado. O exemplo que daremos a seguir, para cerrar o item, é particularmente vivaz quanto a isso: “*Tenho* amante ( ). Não foi arranjado o que aconteceu e está acontecendo. Foi posse, coisa adquirida, tida. *Tenho* ( ). Sinto-me ridículo escrevendo isto e vou parar aqui. Para ser honesto, bastaria escrever em letras destacadas: *TENHO* Dréia”. C. H. Cony — AV 112-113.

94. Presente de disposição ou “virtual”, designação dada por Adolfo Coelho (146): assinala-se a habilidade, a capacidade de se cometer a ação: “Será que êsse bicho *morde*? (=é capaz de morder?) “Meus senhores! Êste aqui é o meu marido. ( ) Saudável, trinta dentes, sem banhas excessivas e funcionando perfeitamente, com certificado de garantia. *Anda, respira, come, bebe e fala*’. P. Bloch — IM 11. “Eu não *faço* milagres, respondeu sêco, Salviano”. A. Callado — AS 86. “Filha minha não *casa* com filho de carcamano!” A. Machado — NP 77. — “Bonjour, mon cher papa( )”. — “*Já fala francês?*” *Ibidem* 186. “( ) o verdadeiro artista só *ama* na medida em que o amor constitui estímulo para a sua criação”. C. dos Anjos — A 168. “*Pinto* qualquer coisa para qualquer um e

---

(146) Cf. “Emprêgo dos Verbos Auxiliares *Estar, Ir, Vir*, seguidos de Gerúndio”. in *Revista Lusitana*, vol. II (1890-1892), 71.

por qualquer preço". C. H. Cony — MM 5. "Já não *joga*. Mas antigamente ia todos os dias para casa às cinco horas ( )". R. Brandão — MI 28. "E contudo, eu não *falo* nem *escrevo* latim". Paço D'Arcos — AV 251. "Para o vale, você reapareceu como um doente, um doente que *mata*, e isso era uma ameaça". A. Filho — ML 77.

95. Pretérito: "Mas ( ) deparou com Marialva, o decote do vestido mostrando a pinta negra no ombro esquerdo. *Capitulou!*" J. Amado — PN 26. Cabo Jorge: "E os papéis?" Antonieta: "Oxente, gente, terra onde defunto vota, por que é que não casa?" Cabo Jorge: "*Falsificou.*" Antonieta: "Tão bem falsificado que até pensão eu recebo do Estado". Dias Gomes — BH 118. Antônio: "Éramos mais novos..." Rui: "Eu sou nôvo!" Antônio: "Agora é diferente... *casei*..." B. Santareno — AM 79. Amélia: "Como?! Tinham-lhe dado quinze anos, não foi? Como conseguiu êle fugir da...?!" Rogério: "*Fugiu*. Vinte anos; condenaram-no a vinte anos. E vinte anos é precisamente a idade que êle tem agora..." Idem A 55.

96. O tipo oracional em que aparecem êsses pretéritos — orações curtas — desempenha sem dúvida papel de relêvo. O verbo (como também o nome — 147 —) se usado em circunstâncias tais, despoja-se dos elementos exteriores à sua realidade semântica, apresentando-se nos em sua verdadeira feição: "D. Eufrásia se lembrava dessas coisas do passado ( ). Ali dentro da igreja de São Francisco só o canto de Amâncio, a voz doce de seu irmão, celebrando, representando pela primeira vez o drama maior do mundo. *Chorou!*" Lins do Rêgo — PB 29. "Vimos, juntos, os pescadores recolherem as rêdes, e, por um instante, tivemos vontade de avisar um ao outro: *Acabou*. Mas não foi preciso". C. H. Cony — AV 3. "Em pequena andei todo um inverno com uma camisa rôta. Até foi bom, agora não sinto o frio. Depois moeram-me. Vocês não querem saber? Calcavam-me aos pés por nada. *Aprendi*. Muito custa a levar a vida..." R. Brandão — P 56.

Em outras circunstâncias o pretérito é usado com um tom de displicência e despreocupação que indetermina o processo verbal: "Quem *morreu*, morreu". "A imortalidade *morreu* porque sim". V.

---

(147) Referimo-nos às cragões nominais do tipo: "Um filme horroso. *Indigno*. *Infame!*". *Correio de Marília*, 13.6.1966.

Ferreira — A 49. “*Tratei disso*” (dito como evasiva a uma situação que realmente não foi objeto de nossos cuidados) (148).

97. Imperfeito virtual: o uso que passaremos a documentar mostra a enorme plasticidade do imperfeito na expressão dos aspectos: trata-se de um emprêgo típico da linguagem erudita, em que a forma verbal não indica duração, nem pontualidade, nem repetição, inexistindo além do mais qualquer relação com outro tempo passado. O processo é encarado como um todo. Se o chamamos “imperfeito virtual” é pela impressão deixada de ação não atualizada: “Ao consultarmos a sua gramática, verificamos que ela *dizia* ( )”. M. de L. Ribeiro Guizado de Carvalho — *Contribuição para o Estudo...*, 58. “Conhecia o mal do mundo porque ouvira ler a Santa Escritura que *falava* da incontinência dos patriarcas, dos adultérios de David, dos roubos do rico ao pobre ( )”. A. Ribeiro — JT 35. “*Dizia* o Manifesto Republicano ( ) que iniciado o pensamento da emancipação do Brasil, o despotismo colonial procurou desde logo surpreender ( ) a revolução que surgia no horizonte da opinião”. J. Rodrigues — CR 101 (149).

---

(148) Tentando opor o *passé simple* ao *passé composé*, deu ao primeiro a *Grammaire générale et raisonnée de Port Royal* uma definição que corresponde à imagem que temos do pretérito português indeterminado: “Il y a deux sortes de prétérîtes: l'un qui marque la chose précisément faite et que pour cela on nomme défini, comme “j'ai écrit”; et l'autre qui la marque indéterminément faite et que pour cela on nomme indéfini ou aoristo comme “j'écrivis”. Apud Etienne Lorck — “Passé défini, imparfait, passé indéfini”, 47.

(149) Bassols de Climent, *Sintaxis Latina*, vol. I, § 303, refere esse tipo de imperfeito. Etienne Lorck, que insistiu em seu clássico trabalho “Passé Défini, Imparfait, Passé Indéfini” em que o traço principal do imperfeito está em indicar ação inacabada, e não propriamente duração, cita para comprová-lo o imperfeito “il disait que”, do tipo do que vimos analisando: v. p. 184. Como se pôde observar, damos interpretação diferente a tais casos.

## CONCLUSÕES

98. Encerrando estas páginas, gostaríamos de resumir os resultados a que chegamos. É preciso reconhecer com humildade que êsses resultados não nos permitem enumerar conclusões definitivas nem firmar convicções que seriam precoces à vista do estado atual das pesquisas neste setor.

Em nosso trabalho investigamos o sistema aspectual português e as vertentes da noção de aspecto; o material recolhido enseja algumas reflexões sobre a natureza dessa categoria, matéria de que nos ocuparemos nestas páginas finais.

Repassemos inicialmente os elementos geradores da noção de aspecto, ou seja, o semantema, a flexão temporal, o adjunto adverbial e o tipo oracional, e vejamos o que nos ensinam.

99. Dividimos os verbos em duas *classes semânticas* segundo indicassem ações tendentes a um fim (“verbos télicos”) ou ações que não tendem a um fim (“verbos atélicos”). Uns e outros podem mudar de classe de acôrdo com as circunstâncias, pois, conforme ficou dito, êsse agrupamento corresponde apenas a tendências, nada mais. A sutileza da matéria acabou por projetar-se sobre o trabalho, não sendo difícil encontrar aqui e ali trechos que poderão parecer demasiado engenhosos. Para defender-me de uma fácil acusação nesse sentido, escoro-me em Hallig-Wartburg, a quem pertencem estas palavras, que faço minhas:

“Notre système a forcément un caractère plus ou moins subjectif parce que les objets sur lesquels nous portons notre attention. mots et concepts, sont si liés au moi qui en a une expérience intime. qu'ils ne peuvent qu'avec peine être exteriorisés comme “objets”. Ainsi, on est en droit de parler d'une “subjectivité immanente”. On est “objectif” lorsqu'on traite des questions sans préjugé lorsqu'on est clair sur la méthode à suivre, qu'on travaille avec un matériel abondant. qu'on exécute sa tâche sans tomber dans des contradictions avec soi-même et qu'on explique la marche de sa pensée de telle sorte que les autres puissent l'appliquer à leurs propres travaux. Dans ce sens, nous croyons avoir été objectifs” (150).

Deve-se lembrar também que não foi esta a primeira vez que se tentou uma classificação semântica dos verbos (conquanto a clas-

---

(150) Rudolf Hallig et Walther von Wartburg — *Système raisonné des concepts pour servir de base à la lexicographie*, 2ème. ed. Berlin, Akademie-Verlag, 1963, p. 50.

sificação não seja nossa: v. § 44). Já os gramáticos latinos nos traziam habituados aos seus *uërba sentiendi, dicendi* ou *declarandi, uoluntatis, affectuum, impediendi, timendi, etc.*

Ferdinand Brunot apresenta uma lista de treze títulos (verbos de produção, verbos instrumentais, verbos de matéria, de modo, verbos que marcam um modo de ser ou entrada num estado, verbos de renovação, de cessação, locativos, temporais, de caracterização, de medida, e verbos que marcam relações entre o ato que enunciam e outros atos); Charles Bally acrescenta os verbos modais (*croire, louer, souhaïter*) e os aspectuais (*commencer, cesser* (151)).

Há uma decidida predominância dos verbos atélicos sôbre os télicos; em nosso trabalho a proporção é de 121 para 45, respectivamente; além disso, o aspecto que corresponde aos verbos atélicos — o imperfectivo — é o de maior presença na língua, apresentando uma grande riqueza de nuances, segundo represente o processo em seu comêço, em seu desenvolvimento (que pode ser gradual ou não), ou em seu término. Observe-se ainda que é mais comum ao verbo passar de télico a atélico do que o contrário, como o demonstra a proporção de 20 para 6 surpreendida em nossas indagações. Tudo isso parece indicar que é mais consentâneo com a natureza do verbo indicar o processo durativo, a ação-linha.

Dar-se-á o caso de existirem verbos semânticamente impedidos de expressar aspecto? Sômente uma pesquisa quantitativa em que se arrolassem *todos* os verbos de um texto nos possibilitaria uma resposta segura. Separar-se-iam os verbos de acôrdo com seus valores categóricos (notadamente os de tempo, aspecto e modo), investigasse a seguir os verbos indiferentes à expressão do aspecto.

Dentro do que nos foi dado averiguar, encontram-se nessa condição os verbos modais (*querer, poder, dever*) precisamente por se empenharem mais na expressão da modalidade. O aspecto aflora com clareza maior nas formas indicativas, (que exprimem ações objetivas — e o aspecto é uma categoria objetiva), rareando no subjuntivo; diremos, portanto, que volição, possibilidade, intenção, de um lado, e duração, completamento, repetição, de outro, são conceitos que nem sempre ocorrem simultâneamente, o que não nos autoriza, todavia, a afirmar que haja incompatibilidade entre elas: cf. êste exemplo de A. Cortez — O 12: Maria Tereza: “Não se *ponha a refletir* como é seu costume”.

---

(151) Ferdinand Brunot — *La pensée et la langue*, pp. 215-219; Charles Bally — *Linguistique générale et linguistique française*, § 253; Jose Roca Pons — *Estudios sobre las Perífrasis...*, pp. 32-34 cita dez tipos.

100. Quanto à importância da *flexão temporal* para a expressão do aspecto, consideramos apenas os casos em que a noção aspectual não decorria da natureza semântica do verbo, nem de adjuntos adverbiais, nem do tipo oracional, parecendo concentrar-se, pois, na flexão.

Notamos aqui a presença fortemente marcada dos tempos do passado, que em conjunto concorreram de modo enfático para a alteração da tendência aspectual do verbo; constatamos a seguinte relação numérica: imperfeito (31 casos), pretérito (18 casos), perfeito (17 casos) e mais-que-perfeito (1 caso), num total de 67; seguem-se o presente (31 casos), e o futuro perfeito (1 caso) (152). Dentre os tempos do passado, o imperfeito mostrou-se o mais versátil, pois concorreu para a indicação do imperfectivo cursivo e progressivo, do perfectivo cessativo, do iterativo e do aspecto indeterminado. Lembremos por fim, que os contrastes aspectuais mais marcantes se encontram entre os tempos do passado: *fiz / fazia*, *fiz / tenho feito*.

Quanto ao futuro, suas muitas funções modais restringem-lhe a atuação no complexo expressivo do aspecto. A noção de aspecto aflora sempre que tais funções se neutralizem, como no caso da repetição no futuro (§ 90c), do futuro perfeito pontual (§ 73d), ou quando se repete o próprio verbo (nota 138) (153). Acresce tratar-se de forma pouco usada.

Foi-nos possível comprovar um interessante mecanismo nas relações flexão temporal-semantema verbal; o imperfeito e o perfeito se conjugados com um verbo télico fazem-no iterativo; todavia, se conjugados com um verbo atélico confirmam-lhe a tendência aspectual. Este fato permite que se fale em tempos de “tendência aspectual”. Assim, o presente e o imperfeito (154) (e uma forma nominal,

---

(152) Naturalmente pusemos de parte o aspecto indeterminado; é preciso anotar que as relações numéricas aqui transcritas nada têm de absoluto, servindo apenas para indicar uma tendência geral. Um resultado mais preciso se poderia obter mediante a aplicação dos critérios quantitativos preconizados por Manuel Criado de Val — *Sintaxis del Verbo Español Moderno*, vol. I, p. 44 e Arne Kium — *Verbe et adverb*, pp. 41-51, entre outros.

(153) Por outras razões, negam a possibilidade de o futuro exprimir a noção de aspecto J. Humbert — *Syntaxe grecque*, p. 113, M. S. Ruipérez, in *Word IX* (1953), 246. Estudando Tucídides, Jesse L. Rose igualmente concluiu: “the future is an indefinite tense in regard to kind of action”. Cf. *The Durative...*, p. 32.

(154) Não levamos em conta o imperfeito de valor cessativo (§ 82b) porque configurando-se tal aspecto através da oposição “ontem/agora”, torna-se nêle muito vívaz a noção temporal paralela.

o gerúndio) exprimem em geral a duração; o pretérito e o mais-que-perfeito, a pontualidade. Com efeito, não encontramos um só caso em que um presente ou um imperfeito tornassem pontual um verbo atético; reciprocamente, o pretérito (155) e o mais-que-perfeito não podem tornar durativo um verbo tético, o que nos pareceu condição suficiente para dizer que os verbos manifestam uma tendência aspectual. Não aceitamos, por isso, a afirmação de Garey, entre outros (v. nota 106), para quem os tempos *são* imperfectivos e perfectivos.

101. Incomparavelmente mais ricas são as possibilidades das perífrases no tocante ao aspecto.

Enumeremos inicialmente as que encontramos:

<i>Infinitivo</i>	<i>Gerúndio</i>	<i>Particípio</i>
<b>ASPECTO IMPERFECTIVO</b>		
1. <i>Inceptivo</i>		
principiar a	principiar	
começar a	começar	
passar a	ir-se	
pôr-se a	pôr-se	
(a)garrar a (pop.)	deitar	
dar-(se) a/para/em		
cair a		
deitar a		
romper a		
desatar a		
entrar a		
filhar (arc.)		
pegar a		
despejar a		
desandar a		

(155) O pretérito inceptivo estudado no § 53 não contradiz o que afirmamos, pois a contigüidade da oração temporal ali referida parece *conditio sine qua non* para a existência da noção de começo da ação.

---

<i>Infinitivo</i>	<i>Gerúndio</i>	<i>Particípio</i>
-------------------	-----------------	-------------------

---

2. *Cursivo pròpriamente dito* (155a)

ficar a	prosseguir	
deixar a	estar	
continuar a	ir	
estar a	vir	
	seguir	
	permanecer	

3. *Cursivo progressivo*

ver	ir	ter + verbo
	vir	incoativo
	estar	

4. *Terminativo*

acabar de/por + verbo atélico  
cessar de  
deixar de  
terminar de  
vir de

ASPECTO PERFECTIVO

1. *Pontual*

acabar de/por + verbo télico	acabar de + verbo télico ter(mais-q.-perf.) ser(voz passiva)
------------------------------	--

---

(155a) Neste caso o verbo principal da perífrase pode estar indiferentemente no infinitivo ou no gerúndio; anotamos os casos na ordem em que figuram no exemplário do trabalho.

<i>Infinitivo</i>	<i>Gerúndio</i>	<i>Particípio</i>
2. <i>Resultativo</i>		estar
		ter
3. <i>Cessativo</i>		estar
<b>ASPECTO ITERATIVO</b>		
1. <i>Iterativo imperfectivo</i>		
habituar-se+verbo atélico	andar+verbo atélico	
costumar	viver	
andar a		
viver a		
ir		
vir		
2. <i>Iterativo perfectivo</i>		
andar+verbo télico	andar + verbo télico	
viver		viver
ser de		ter
soer		

Faremos a-seguir algumas anotações relativas ao mecanismo das perífrases; o valor aspectual que as perífrases encerram depende de cada um dos elementos que as compõem, considerados isoladamente, ou depende do conjunto. Esquematisando:

a) O valor aspectual decorre da natureza semântica do verbo auxiliar: “começo a estudar” = inceptividade. De um modo geral, é indiferente o tempo em que está conjugado o auxiliar nos casos de inceptividade (§ 54), término (§ 67), pontualidade (§ 74). Entretanto, no caso do verbo “estar” exige-se o presente para o resultado e o pretérito para a cessação (§§ 78a e 82).

b) O valor aspectual decorre da natureza semântica do verbo principal: “Os preços vão aumentando” = cursividade progressiva. É oportuno lembrar que o verbo principal télico costuma determinar o surgimento de uma noção iterativa paralela: v. as perífrases de *começar, estar e desatar* (§ 54); além disso, podemos observar que o gerúndio e o particípio passado guardam direções bem marcadas nas perífrases: o primeiro sempre ocorre quando se trata de duração e o segundo quando se trata de completamento.

c) O valor aspectual decorre do conjunto “verbo auxiliar+verbo principal”, e teremos então duas possibilidades: I) os dois semantemas pertencem à mesma classe, e por isso conduziram ao aspecto correspondente: “fico a imaginar” = cursividade pròpriamente dita; II) os dois elementos da perífrase são semânticamente diversos do aspecto resultante: “pôs-se a falar mal de mim” = inceptividade.

Dentre as perífrases, quais as mais marcadamente aspectuais?

Costuma-se afirmar que são as de gerúndio (156), mas só uma pesquisa sistemática de tôdas as categorias que elas expressam nos levaria a descobrir essa inclinação dentro da língua portuguesa.

Para finalizar, observemos ainda que no setor das perífrases a noção que apresenta maior riqueza de possibilidades de expressão é a da duração, e que de tôdas a mais versátil é a perífrase de “*estar(a)* +infinitivo/gerúndio/particípio passado”, indicando ação inceptiva, cursiva pròpriamente dita e cursiva progressiva, resultativa e cessativa.

A complexidade e a riqueza de possibilidades oferecidas pelas perífrases naturalmente não se esgotam com estas poucas indagações; acreditamos, porém, que só um trabalho voltado especificamente para seu estudo poderia ir mais longe.

102. Qual é a natureza dos *adjuntos adverbiais* que exprimem aspecto?

Não há muito que dizer aqui, pois em sua totalidade os adjuntos adverbiais encontrados indicavam tempo; tempo extenso, tempo graduado, subitaneidade, repetição, mas sempre tempo:

---

(156) Hans Chmelicek — *Die Gerundialumschreibung im Altspanischen zum Ausdruck von Aktionsarten*, p. 101; J. Roca Pons — *Estudios de las Perífrasis Verbales en Español*, p. 68.

- a) *agora, de repente, tempos depois*, com o aspecto inceptivo.
- b) *através dos anos, devagar, lentamente*, com o cursivo propriamente dito.
- c) *aos poucos, pouco a pouco, lentamente, vagarosamente, gradualmente, à medida que, cada vez mais, progressivamente*, com o aspecto cursivo progressivo.
- d) *até aquela data* (e orações temporais introduzidas por *até que*), com o terminativo.
- e) *abruptamente, repentinamente, completamente*, com o pontual.
- f) *já*, com o resultativo.
- g) *sempre, amiúde, em certos momentos, de tempos em tempos, de instante em instante, diariamente, à hora [quentinha do sol], em abril e maio* (e até mesmo algumas datas!), *todos os dias, tantas vezes, freqüentes vezes, às vezes, muitas vezes, várias vezes, muita vez, quanta vez, vez por outra, aos domingos, constantemente, seguidinha*, com o iterativo.

Temporais são também os adjuntos que alteram a noção aspectual: §§ 55, 65, 68, 75, 79, 86, 89. Temporais, por fim, são as orações que de algum modo concorrem para a expressão ou a alteração de certas noções de aspecto: oração com *quando* e a inceptividade do verbo da principal: § 53; com *enquanto*, e a diminuição da duração (§ 58b); com *até que*, e o término (§ 69); oração de valor condicional/temporal e a indicação de repetição (§ 90).

103. Quanto aos sufixos, além de poucos, ainda se pode notar que muitos vêm perdendo a significação original; tal se dá com *-ecer*, que da noção incoativa manteve bem pouco (§ 56), concorrendo para a expressão do inceptivo (§ 58), do cursivo (§ 64), do pontual (§§ 72, 73c, 74, 75), do iterativo imperfectivo (§86) e do iterativo perfectivo (§ 89c). T. H. Maurer Jr., como vimos, relacionou vários verbos em *-ecer* que perderam o valor incoativo (§ 56); o caso mais notável quanto a êle será sua disposição à indicação do processo progressivo, por razões que buscamos interpretar no § 64. Também *-ejar* manifesta idêntica hesitação, podendo ser incoativo (§ 56b) ou iterativo (§ 91b); *-itar* parece ter constância maior, indicando sempre a repetição (§ 91b), mas os verbos que se formaram com êsse sufixo vêm perdendo o valor respectivo desde o latim (nota 33).

104. Que esclarecimentos trazem todos êstes dados, reunidos a partir de um ponto de vista onomasiológico, sôbre a própria natureza do aspecto verbal? E quais são as relações entre o aspecto e o tempo? Busquemos responder de modo mais satisfatório que nos é dado a ambas as perguntas.

I) Os exemplos levantados neste estudo introdutório permitem-nos afirmar que o aspecto português é categoria tributária dos recursos lexicais da língua, uma vez que se fundamenta de modo mais generalizado no semantema dos verbos.

Isto não significa que a estrutura gramatical da língua lhe seja inteiramente indiferente: aí estão os tempos de tendência aspectual e as perífrases para desmenti-lo, ao que se deve acrescentar o íntimo relacionamento entre certos aspectos e determinados tipos oracionais

Por outro lado, assim como se fala em tempos mais nítidos e mais diversificados (e êste é o caso dos tempos do passado), também aqui é lícito falar em aspecto mais nítido e mais diversificado, a saber, o imperfeito. Ao longo de nossas indagações, a duração sempre se mostrou mais facilmente apreensível do que o complemento; segue-a de perto a repetição.

II) Embora seja relativamente fácil opor aspecto a tempo no plano teórico, considerando-se a primeira destas categorias a representação espacial do processo, a verdade é que elas apresentam diversos pontos de contacto; talvez por isso G. Guillaume as considerasse duas faces de uma só realidade (v. § 20 e nota 57).

Estamos, pois, de acôrdo com José Roca Pons quando escreveu:

“Cualquiera que sea la posición que se adopte ante el problema de la relación del tiempo con otros conceptos, sobre todo el aspecto, es indudable que dicha relación es, en muchos casos, particularmente estrecha e íntima”. (157).

Enumeremos alguns dêsses pontos de contacto: 1) as categorias de tempo e aspecto não são exclusivas, coexistindo na mesma forma; assim, “dizia” tanto pode indicar tempo passado quando aspecto durativo — sendo ainda de notar que aspecto e tempo têm

---

(157) *Estudios sobre Perífrasis Verbales del Español*, p. 23.

uma presença mais marcada nas formas do indicativo; 2) orações e adjuntos adverbiais temporais são, como vimos no § 102, fatores do aspecto freqüentes vêzes; 3) o aspecto perfectivo cessativo está estreitamente ligado à oposição temporal “ontem/agora”.

Foram estes pontos que levaram alguns autores a confundirem com o aspecto certas noções marcadamente temporais. Tal se deu notadamente no caso da ação iminente, indicadora de proximidade no futuro (“A pedra está para cair” — 158 —).

Dito isto, acreditamos possível estabelecer dois pontos nas relações aspecto-tempo, à vista do material que recolhemos: a) as possibilidades de expressão do aspecto são maiores entre os tempos do passado, cuja nitidez afina com a objetividade da noção de aspecto (§ 100); b) há tempos de “tendência aspectual” (*ibidem*).

105. Eis-nos assim chegado ao final destas considerações; é provável que a amplitude dos textos compulsados e a magreza dos resultados obtidos não impressione bem; é provável também que a ruidosa descoberta do óbvio — escolha inevitável nos trabalhos de sintaxe — faça alçar os ombros da indiferença. Uma e outra atitudes testemunharão a dificuldade da matéria a que nos consagramos — conquanto matéria já tão explorada em outros idiomas, e através de angulações tão diversas (159).

Não escondemos que durante a elaboração do trabalho muitas vêzes tornamos atrás em conclusões que supúnhamos definitivas; permitam-se-nos, pois, duas palavras a respeito do muito que se deve ainda pesquisar a fim de que se esclareça melhor a natureza do aspecto e sua importância no sistema do verbo português. Não poderíamos encerrar este trabalho sem uma referência ao que se continua esperando dêste campo de estudos.

---

(158) Cf. F. Brunot et Ch. Bruneau — *Précis de grammaire historique de la langue française*, § 540; M. Grevisse — *Le bon usage*, § 607 bis. J. Pohl — “L'Expression de l'aspect verbal”, 862, sublinha o conteúdo temporal existente na locução “être sur le point de”.

(159) Apesar da centena de estudos compulsados durante a elaboração desta *Introdução ao Estudo do Aspecto Verbal*, muito ainda me escapou. O livro de Karl-Richard Bausch indicado na Bibliografia — e que me chegou às mãos quando concluí estas páginas — traz indicações de trabalhos de que nem suspeitava!

Para maior clareza, resumiremos em três tópicos o que nos parece necessário elucidar:

I) Diversas são as indagações que se põem no plano histórico do estudo do aspecto. Diversas e fascinantes. Após uma série de pesquisas que cubram os diferentes períodos da língua portuguesa estaremos em condições de traçar a história do aspecto verbal nesse domínio. Teremos então a possibilidade de oferecer respostas mais objetivas a questões como: a) Quais as relações entre o aspecto e o tempo na perspectiva histórica? b) Como se constituiu e evoluiu o sistema aspectual português? Quais os processos herdados e quais os processos criados?

II) Aspecto e Língua: entendemos que devam aqui ser estudados em profundidade os recursos generalizados de expressão do aspecto. É fácil ver que proporemos neste particular a ampliação de alguns pontos apenas aflorados em nosso estudo: a) Investigação estatística que determine numericamente a possível relação entre a natureza semântica do verbo e a faculdade de exprimir aspecto; em outras palavras: há verbos semanticamente impedidos de executar essa tarefa? b) As diferentes modalidades de linguagem (linguagem corrente, linguagem popular, etc.) têm preferência por determinados processos de expressão do aspecto? Exemplificando: pode-se dizer que a repetição do verbo visando à ampliação de seu caráter durativo seja típica da linguagem falada? c) Estudo aprofundado das perífrases verbais.

III) Aspecto e Estilo: a) O caráter generalizador do aspecto iterativo e suas causas. b) Usos afetivos dos aspectos. c) Haverá preferências portuguesas e brasileiras por determinadas formas de expressão do aspecto?

Oxalá se volte a atenção dos pesquisadores para estas e outras questões relacionadas com a categoria do aspecto verbal!

## BIBLIOGRAFIA

### 1. PROBLEMAS GERAIS DO VERBO. METODOLOGIA.

- ALONSO, Amado — “Sobre Métodos: construcciones con verbos de movimiento en español”, in *Estudios Lingüísticos*, Temas Españoles. Madrid, Editorial Gredos, 1951, pp. 230-287.
- BALDINGER, Kurt — “Sémasiologie et onomasiologie”, in *Revue de linguistique romane*, t. XXVIII (1964), 249-272.
- BALLY, Charles — *Linguistique générale et linguistique française*, 3<sup>ème</sup> ed. Berne Editions A. Francke, 1950.
- BARRADO, M. Sánchez — “Estudio Comparativo del “Praesens pro Futuro”, in *Emerita*, t. II (1934), 193-232 e t. III (1935), 32-55.
- BOLEÃO, M. de Pava — “Gênese do Conceito de “Tempo Passado” e sua Expressão nas Línguas Românicas”, in *Biblos*, vol. V (1929), 315-340 [Trabalho de Alunos].
- , — “Tempos e Modos em Português”, in *Boletim de Filologia*, vol. III (1934-1935), 15-36.
- , — *O Perfeito e o Pretérito em Português em Confronto com as Outras Línguas Românticas*. Estudo de caráter sintático-estilístico. Coimbra, Imprensa da Universidade, 1936.
- BOPP, François — *Grammaire comparée des langues indoeuropéennes*, trad. par Michel Bréal, Paris, Imprimerie Nationale, 1876.
- BULL, William E. — *Time, Tense and Verb*. A study in theoretical and applied Linguistics, with particular attention to Spanish. Berkeley and Los Angeles, University of California Press, 1960.
- BRUGMANN, K. — *Abrégé de grammaire comparée des langues indoeuropéennes*, d'après le Précis de grammaire comparée de K. Brugmann et B. Delbrück. Paris, Librairie C. Klincksieck, 1905.
- BRUNOT, F. — *La pensée et la langue*, 3<sup>ème</sup> ed. Paris, Masson et Cie., 1953.
- BRUNOT, F. et BRUNEAU, Ch. — *Précis de grammaire historique de la langue française*, 3<sup>ème</sup> ed. Paris, Masson et Cie., 1949.
- CALVO, A. García — “Preparación a un Estudio Orgánico de los Modos Verbales sobre el Ejemplo del Griego Antiguo”, in *Emerita*, t. XXVIII (1960), 1-48.
- CAMARA JR., J. Mattoso — *Princípios de Lingüística Geral*, 4<sup>a</sup> ed. Rio de Janeiro, Livraria Acadêmica Editôra, 1964.

- , — **Uma Forma Verbal Portuguesa**. Rio de Janeiro, Livraria Acadêmica, 1956.
- CARVALHO, Maria de Lourdes Guizado de — **Contribuição para o Estudo dos Tempos de Narração na Novela Camiliana**. Lisboa. Dissertação para a Licenciatura em Filologia Românica na Faculdade de Letras, 1954 [exemplar datilografado].
- CASTILHO, Ataliba T. de — **A Sintaxe do Verbo e os Tempos do Passado em Português**. Marília, FFCL, 1967.
- CLIMENT, Mariano Bassols de — **Sintaxis Latina**, 2 vols. Madrid. CSIC. 1956.
- CURTIUS, Giorgio — **Grammatica della Lingua Greca**, 16ª ed. Torino, Edizione Chiantore, 1936.
- DIEZ, F. — **Grammaire des langues romanes**, 3ème. éd., trad. Alfred Morel-Fatio et Gaston Paris, Paris. F. Vieweg, Libraire-Éditeur. 1876.
- ERNOUT, A. et THOMAS, F. — **Syntaxe latine**, 2ème. éd. Paris. Librairie Klincksieck, 1953.
- GALICHET, G. — **Physiologie de la langue française**. Paris. PUF. 1961 [Coleção "Que sais-je?", nº 392]
- , — **Essai de grammaire psychologique**, 2ème. éd. Paris. PUF. 1950.
- GILI Y GAYA, Samuel — **Curso Superior de Sintaxis Española**, 5ª ed. Barcelona, Publicaciones y Ediciones SPES, S.A., 1955.
- GILMANN, Stephen — **Tiempos y Formas Temporales en el "Poema del Cid"**. Madrid, Editorial Gredos, 1961.
- GODEL, Robert — "Verbes d'état et verbes d'événement", in **Cahiers Ferdinand de Saussure**, nº 9 (1950), 33-50.
- , — "La Question des signes zéro", *ibidem*, nº 11 (1953), 31-41.
- GREVISSE, M. — **Le Bon usage**, 7ème. éd. Gembloux, Éditions J. Duculot S.A., 1961.
- HEGER, Klaus — **Die Bezeichnung temporal-deiktischer Begriffskategorien im französischen und spanischen Konjugationssystem**. Tübingen, Max Niemeyer Verlag, 1963. [Suplemento nº 104 da ZrPh].
- HIRT, Hermann — **Indogermanische Grammatik**, teil VI: Syntax. I. Syntaktische Verwendung der Kasus und der Verbalformen. Heidelberg, Carl Winter Universitätsbuchhandlung, 1934.
- HÜBER, Joseph — **Altportugiesisches Elementarbuch**. Heidelberg, Carl Winters Universitätsbuchhandlung, 1943.
- HUMBERT, Jules — **Syntaxe grecque**, 2ème. éd. Paris. Librairie C. Klincksieck. 1924.
- IMBS, Paul — **L'Emploi des temps verbaux en Français moderne**. Essai de grammaire descriptive. Paris, Librairie C. Klincksieck. 1960.

- JESPERSEN, O. — **The Philosophy of Grammar**. London, George Allen & Unwin Ltd., 1951.
- KLUM, Arne — **Verbe et adverbe**. Étude sur le système verbal indicatif et sur le système de certains adverbes de temps à la lumière des relations verbo-adverbiales dans la prose du français contemporain. Stockholm, Almqvist & Wiksell, 1961 [Cf. o artigo crítico de Robert Martin citado adiante].
- LENZ, Rodolfo — **La Oración y sus Partes**. 3ª ed. Madrid, Publicaciones de la RFE, 1935.
- LEROY, M. — **Les Grands courants de la linguistique moderne**. 4ème. éd. Bruxelles, Travaux de la Faculté de Philosophie et Lettres de l'Université Libre de Bruxelles, 1964.
- LLORACH, E. A. — "Sobre la Estructura del Verbo Español", in **Boletín de la Biblioteca de Menéndez Pelayo**, año XXV (1949), 50-83.
- LORCK, Etienne — "Passé défini, imparfait, passé indéfini", in **Germanisch-Romanische Monatsschrift**, VI. Jahrgang (Januar-März 1914), 43-57, 100-113, 177-191.
- LÜDTKE, Helmut — "Sobre a Função do Verbo Românico, Germânico e Eslavo. Ensaio de Sintaxe Estrutural e de Teoria da Língua", in **Boletim de Filologia**, t. XII (1951), 157-183.
- MARTIN, R. et MULLER, C. — "Syntaxe et analyse statistique: la concurrence entre le passé antérieur et le plus-que-parfait dans la Mort le Roi Artu", in **Travaux de linguistique et de littérature**, II, 1 (1964), 207-233.
- MAURER JR., Theodoro Henrique — **Dois Problemas da Língua Portuguesa**. O Infinito Pessoal e o Pronome Se. São Paulo, 1951.
- , — **Gramática do Latim Vulgar**. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1959.
- , — "The Romance Conjugation in -esco (-isco) -ire. Its Origin in Vulgar Latin" in **Language**, vol. 27 (1951), 136-145.
- , — **O Infinito Flexionado Português**. Estudo histórico-descritivo. São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1968.
- MEIER, Harri — "Sintaxe Gramatical, Sintaxe Funcional, Estilística", in **Boletim de Filologia**, t. VIII (1946), 121-144.
- MEILLET, A. — **Linguistique historique et linguistique générale**. Paris, Librairie Honoré Champion, vol. I, 1958, vol. II, 1952.
- , — **Le slave commun**, 2ème. éd. Paris, Librairie Honoré Champion, 1934.
- , — **Introduction à l'étude comparative des langues indo-européennes**, 7ème. éd. Paris, Hachette, 1934.
- , — **Esquisse d'une histoire de la langue latine**, 4ème. éd. Paris, Hachette, 1948.

- , — **Aperçu d'une histoire de la langue grecque**, 7ème. éd. Paris, Hachette, 1955.
- , et VENDRYES, J. — **Traité de grammaire comparée des langues classiques**, 2ème. éd. Paris. Honoré Champion, 1953.
- MEYER-LÜBKE, W. — **Grammaire des langues romanes**. New York G.E. Stechert & Co., reprint 1923.
- NAVAS, Ricardo — "Pausa. Base Verbal y Grado Cero", in **Revista de Filología Española**, t. XLV (1962), 273-284.
- POHL, J. — **Forme et pensée**. Paris Wesmael Charlier, s/d.
- RAGON, E. — **Grammaire grecque**, nouv. éd. entièrement réfondue. Paris, J. de Gigord, 1954.
- SAID ALI, M. — **Gramática Histórica**, 3ª ed. melh. e aumentada de Lexeologia e Formação de Palavras e Sintaxe do Português Histórico. Estab. do texto por Maximiano de Carvalho. São Paulo, Melhoramentos, (1964).
- SAUSSURE, F. de — **Cours de linguistique générale**, publié par C. Bally et Albert Sechehaye, avec la colab. de A. Riedingler. Paris. Payot, 1955.
- STEN, Holger — **Les temps du verbe fini (indicatif) en français moderne**. Kobenhavn, Det Kongelige Danske Videnskabernes Selkab, 1953.
- TRAGLIA, A. — **La Flessione Verbale Latina**. Torino, Società Editrice Internazionale. 1950.
- VAL M. Criado de — **Sintaxis del Verbo Español Moderno**. I) Metodología. II) Los Tiempos Pasados del Indicativo. Madrid, CSIC, vol. I. 1948.
- VENDRYES, J. — **Le langage**. Paris, Éditions Albin Michel, 1950.
- WACKERNAGEL, J. — **Vorlesungen über Syntax mit besonderer Berücksichtigung von Griechisch. Lateinisch und Deutsch**. 2ª ed. Basel. Verlag Birkhäuser, vol. I, 1950.
- WARTBURG, W. von — **Problemas y Métodos de la Lingüística**, trad. por Dámaso Alonso. Madrid, CSIC, 1951.
- , et ZUMTHOR, Paul — **Précis de syntaxe du français contemporain**, 2ème. éd. Berne, Éditions A. Francke S.A., 1958.

## 2. ESTUDOS SOBRE O ASPECTO

- ADRADOS, F. R. — "Observaciones sobre el Aspecto Verbal", in **Estudios Clásicos**, t. I (1950-1952), 11-25.
- , — "El Método Estructural y el Aspecto Verbal", in **Emerita**, t. XXII (1954), 258-270.
- BANTA, Franck G. — "Tense and Aspect in the Middle High German", in **Journal of English and Germanic Philology**, vol LIX (1960), 76-92.

- BARBELENET, D. — "L'Aspect verbal dans les propositions temporelles", in *Revue des études latines*, vol. XIII (1935), 48-65.
- , — "Note additionnelle sur l'aspect verbal dans les propositions temporelles", *ibidem*, vol. XV (1937), 69-71.
- BAUSCH, Karl-Richard — *Verbum und verbale Periphrase im Französischen und ihre Transposition in Englischen, Deutschen und Spanischen*. Diss. Tübingen, Eberhard-Karls-Universität, 1963.
- BRUNEL, J. L. — *L'Aspect verbal et l'emploi des préverbes en grec, particulièrement en attique*. Paris, Librairie Klincksieck, 1939.
- , — "L'Aspect et l'ordre de procès en grec", in *Bulletin de la Société de Linguistique*, t. 52 (1946), 43-75.
- BURGER, A. — "Sur le passage du système des temps et des aspects de l'indicatif, du latin au roman commun", in *Cahiers Ferdinand de Saussure* 8(1948), 21-36.
- CHMELICEK, Hans — *Die Gerundialumschreibung im Altspanischen zum Ausdruck von Aktionsarten*. Hamburg, Seminar für romanische Sprache und Kultur, 1930.
- CHRISTMAN, Hans H. — "Zum Aspekt in romanischen. Bemerkungen zu einigen neueren Arbeiten", in *Romanische Forschungen*, vol. 71 (1959), 1-16.
- CLIMENT, M. Bassols — "La Cualidad de la Acción Verbal en Español", in *Estudios Dedicados a Menéndez Pidal*. Madrid, CSIC, 1951, vol. II, pp. 135-147.
- CRETILLA JR., José — "O Aspecto e o Tempo no Sistema Verbal". in *Jornal de Filologia*, vol. I, tomo 2 (1953), 135-141.
- DEVOTO, Giacomo — "L'Aspetto del Verbo", in *Lingua Nostra*, vols. XVIII-XIX (1940), 35-38.
- ELVIRA, Antonio Ruiz de — "Syntactica Apuleiana", in *Emerita*, t. XXII (1954), 126-132 [item III: "Indeterminación y Repetición"].
- FELICE, Emidio de — "Problemi di Aspetto nei più Antichi Testi Francesi", in *Vox Romanica*, vol. 16 (1957), 1-51.
- FERNANDES, Salvador — "Algo sobre la fórmula estar + gerundio". in *Studia Philologica*. Homenaje ofrecido a Dámaso Alonso. Madrid, Editorial Gredos, 1960, vol. I, pp. 509-516.
- GARCIA, Luis Cifuentes — "Acerca del Aspecto", in *Boletín de Filología*. Homenaje a Rodolfo Oroz, t. VIII (1954), 57-63.
- GAREY, Howard B. — "Verbal Aspect in French", in *Language*, vol. 33 (1957), 91-110.
- GUILLAUME, G. — "Inmanencia y Trascendencia en la Categoría del Verbo. Bosquejo de una Teoría Psicológica del Aspecto". in *Psicología del Lenguaje*. Buenos Aires, Editorial Paidós, 1952, pp. 193-206 [publicado anteriormente no *Journal de Psychologie*, 1933, 357-370].

- GUIRAUD, Charles — **Les verbes signifiant "voir" en latin. Étude d'aspect.** Paris, Librairie C. Klincksieck, 1964.
- HEYDE, Karl van der — "L'Aspect verbal en latin. Problèmes et résultats", in *Revue des études latines*, t. X (1932), 326-336; t. XI (1933), 69-84; t. XII (1934), 140-157.
- HOLT, Jens — **Études d'aspect.** Aarhus-Kobenhavn, Ejnar Munksgaard, 1943 [Acta Jutlandica, XV, 2].
- IVANESCU, G. — "Le Temps, l'aspect et la durée de l'action dans les langues indoeuropéennes", in *Mélanges Linguistiques* publiées à l'occasion du VIIe. Congrès International des Linguistes à Oslo. Bucarest, Éditions de l'Académie de la République Populaire Roumaine, 1957, pp. 23-61.
- KENISTON, Hayward — "Verbal Aspect in Spanish", in *Hispania*, vol. XIX (1936), 163-176.
- KÖPPEL, Karl-Heinz — **Die Aktionsart und Modalität in den portugiesischen verbalumschreibungen.** Diss. Berlin, Freie Universität, 1960.
- LEROY, M. — "L'Aspect verbal en grec ancien", in *Revue belge de philologie et d'histoire*, t. XXXVI (1958), 128-138.
- LUCOT, R. — "Remarques sur l'expression de l'aspect", in *Journal de psychologie*, 1956, 447-453.
- MACLENNAN, L. Jenaro — **El Problema del Aspecto Verbal.** Estudio Crítico de sus Presupuestos. Madrid, Editorial Gredos, 1962 [v. nossa resenha, intitulada "Estruturalismo. História e Aspecto Verbal", in *Alfa*, Nº 4 (setembro de 1963), 139-166].
- MAGARIÑOS, A. — "Sobre los Valores del Preverbio en "Consequor"", in *Emerita*, t. II (1934), 307-310.
- , — "Notas sobre el Posible Valor de los Preverbios", *ibidem*, t. III (1935), 120-126.
- , — "Peperci. parsi", *ibidem*, t. VII (1939), 136-145.
- MARTIN, R. — "Concurrence dans l'expression de l'aspect perfectif en français moderne", in *Bulletin des jeunes romanistes*, nº 6 (Décembre 1962), 18-25.
- , — "Temps et aspect en français moderne. Quelques remarques inspirées par la lecture de Verbe et Adverbe de Ml A. Klum", in *Travaux de linguistique et de littérature*, III, 1 (1965), 67-79.
- MEILE, Pierre — "Interférence du temps et de l'aspect chez Plaute et chez Térence", in *Revue des études latines*, vol. XIII (1935), 66-72.
- MIRAMBEL, Pierre — "Aspect verbal et système. Essai d'une typologie", in *Revue des études slaves*, t. 37 (1960), 71-88.
- NAERT, Pierre — "Mode de présentation, aspect, mode d'action, détermination et transitivité", in *Studia Linguistica*, année XIV, nº 1 (1960), 1-14.

- PIFFARD, Guérard — "L'aspect", in **Bulletin des jeunes romanistes**, nº 10 (Décembro 1964), 1-8.
- POHL, Jacques — "L'Expression de l'aspect verbal dans le français contemporain", in **Revue belge de philologie et d'histoire**, vol. XXXVI, nº 3 (1958), 861-868.
- PONS, Jose Roca — **Estudios sobre Perífrases Verbales del Español**. Madrid, CSIC, 1958 [Anexo nº LXVII da RFE].
- ROUSSEL, Louis — **L'Aspect en grec attique**. Paris, PUF, 1958.
- ROSE, Jesse — **The Durative and Aoristic Tenses in Thucydides**. Baltimore, Linguistic Society of America, 1942 [Suplemento de Language, série "Language Dissertations", nº 35].
- RUIPÉREZ, M. Sanchez — **Estructura del Sistema de Aspectos y Tiempos del Verbo Griego Antiguo**. Análisis Funcional Sincrónico Salamanca, CSIC, 1954.
- — "Observaciones sobre el Aspecto Verbal en Español, in **Strenae**. Estudios de Filología e Historia dedicados al Professor Manuel García Blanco. Salamanca, 1962, pp. 427-435.
- SCHMIDT, Karl Horst — "Das Perfektum in indogermanischen Sprachen. Wandel eine verbalkategorie", in **Glotta**, vol. XLII (1964), 1-18.
- SCHOSSIG, Alfred — **Verbum Aktionsart und Aspekt in der Histoire du Seigneur de Bayart par le Loyal Serviteur**. Halle, Max Niemeyer Verlag, 1936 [Supl. nº 87 da ZrPh].
- TOGEBY, Knud — **Mode, aspect et temps en espagnol**. Kobenhavn, Det Kongelige Danske Videnskaberne Selkab, 1953.
- VALIN, Roch — "Los aspectos du verbe français". **Omagiu lui Alexandru Rosetti**. Bucuresti, 1965 pp. 967-975.
- WANDRUSZKA, Mario "A'aspect verbal, problèmes de traduction", **Travaux de langue et de littérature**, vol. VI, 1(1968), 113-129.
- WHORF, Benjamin Lee — "The Punctual and Segmentative Aspect of Verbs in Hopi", in **Language**, vol. 12 (1936), 137-141.

### 3. TEXTOS

- ADONIAS FILHO — ML — **Memórias de Lázaro**, 2ª ed. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira S.A., 1961.
- AMADO, JORGE — PC — **O País do Carnaval**, 9ª ed. São Paulo, Livraria Martins Editôra, 1959.
- , — VM — **Os Velhos Marinheiros**, 3ª ed. São Paulo, Livraria Martins Editôra, 1961.
- , — PN — **Os Pastores da Noite**. São Paulo, Livraria Martins Editôra, 1961.

- AN — V. BARRETO, Fausto.
- ANDRADE, Carlos D. — P — **Poemas**. Rio de Janeiro, José Olympio Editôra, 1959.
- ANDRADE, Jorge de — E — OB — **A Escada. Os Ossos do Barão**. São Paulo, Editôra Brasiliense, 1964.
- ANDRADE, Mário de — CB — **Os Contos de Belazarte**, 4ª ed. São Paulo, Livraria Martins Editôra, 1956.
- , — FC — **Os Filhos da Candinha**. São Paulo, Livraria Martins Editôra, 1963.
- ANJOS, Ciró dos — A — **Abdias**. São Paulo, Edição Saraiva, 1956. [Coleção Saraiva, nº 1011].
- ARCOS, J. Paço d' — AP — **Ana Paula**, 9ª ed. Lisboa, Guimarães Editôres, 1954.
- , — AV — **Amôres e Viagens de Pedro Manuel**. Lisboa, Guimarães Editôres, 1963.
- , — ETF — **Espelho de Três Faces**, 3ª ed. Lisboa, Guimarães Editôres, 1959.
- BARRETO, Fausto e Laet, Carlos de — AN — **Antologia Nacional**, 42ª ed. São Paulo, Livraria Francisco Alves, 1966.
- BETHENCOURT, J. — VJ — **As Vidas de El Justicero, o cafejeste sem mêdo e sem mácula**. Rio de Janeiro, Editôra Cívilização Brasileira S.A., 1965.
- BLOCH, Pedro — IM — ME — SP — **Os inimigos não mandam Flores. As mãos de Eurídice. O Sorriso de Pedra [Esta Manhã choveu Prata]**. Petrópolis, Editôra Vozes Limitada, 1964.
- BRAGA, Rubem — PM — **Pé de Milho**, 2ª ed. Rio de Janeiro, Editôra do Autor, 1964.
- BRANDÃO, Raul — M — **Memórias**. Lisboa, Aillaud e Bertrand, vol. I, 4ª ed., 1925; vol. II, 2ª ed., 1925.
- , — P — **Os Pobres**, 3ª ed. Lisboa, Aillaud e Bertrand, 1925.
- , — H — **Húmus**, 4ª ed. Lisboa, Aillaud e Bertrand, s/d.
- CALLADO, A. — FE — **Forró no Engenho Cananéia**. Rio de Janeiro, Editôra Cívilização Brasileira, 1964.
- , — AS — **Assunção de Salviano**, 2ª ed. Rio de Janeiro, Editôra Cívilização Brasileira, 1960.
- CALÓGERAS, J. P. — OS — **A Ordem de São Bento e a Cívilização**. São Paulo, Casa Vanorden, 1927.
- CONY, C. H. — AV — **Antes, o Verão**. Rio de Janeiro, Editôra Cívilização Brasileira, 1964.
- , — MM — **Matéria de Memória**, 2ª ed. Rio de Janeiro, Editôra Cívilização Brasileira, 1964.
- , — BB — **Balé Branco**. Rio de Janeiro, Editôra Cívilização Brasileira, 1966.

- CORTEZ, A. — O — **O Outro**. Tragédia da Raça. Lisboa, Verbo, 1959.
- DONATO, Mário — MSD — **Madrugada sem Deus**, 3ª ed. São Paulo. Edições Autores Reunidos Ltda., 1959. 2 vols.
- FERREIRA, Vergílio — EP — **Estréla Polar**. Lisboa, Portugalíia Editôra, 1963.
- , — A — **Aparição**, 3ª ed. Lisboa, Portugalíia Editôra, s/d.
- FIGUEIREDO, G. — DD — RU — F — MC — **Quatro Peças de Assunto Grego**. [Um Deus dormiu lá em Casa. A Rapôsa e as Uvas, os Fantasmas. A Muito Curiosa História da Virtuosa Matrona de Efeso]. Rio de Janeiro, Editôra Civilização Brasileira, 1964.
- GOMES, Dias — BH — **O Berço do Herói**. Rio de Janeiro, Editôra Civilização Brasileira, 1965.
- LAET, Carlos de — V. BARRETO, Fausto.
- LISPECTOR, C. — PCS — **Perto do Coração Selvagem**, 2ª ed. São Paulo, Livraria Francisco Alves, 1963.
- MACHADO, Alcântara — NP — **Novelas Paulistanas**. Brás, Bexiga e Barra Funda, Laranja-da-China, Mana Maria. Contos Avulsos. Rio de Janeiro, Livraria José Olympio Editôra, 1961.
- MAGALHÃES JR., R. — AA — **Arthur Azevedo e sua Época**. São Paulo Edição Saraiva, 1953 [Coleção Saraiva, nº 62.1].
- , — CJ — **Carlota Joaquina**. Rio de Janeiro. Ministério da Educação, s/d.
- MARINS, Francisco — GCA — **Grotão do Café Amarelo**. São Paulo, Edições Melhoramentos, 1964.
- MONIZ, Edmundo — GA — **O Golpe de Abril**. Rio de Janeiro, Editôra Civilização Brasileira, 1965.
- NAMORA, F. — DT — **Domíngo à Tarde**. Pôrto Alegre, Editôra Globo, 1963.
- , — HD — **O Homem Disfarçado**, 2ª ed. Lisboa Editôra Arcádia Ltda., s/d.
- , — RVM — **Retalhos da Vida de um Médico**, primeira série, 9ª ed. Lisboa, Editôra Arcáica Ltda., (1962).
- NUNES, J. Joaquim — CA — **Crestomatia Arcaica**, 4ª ed. Lisboa, Livraria Clónica Editôra, 1953.
- QUEIRÓS, D. Silveira de — FS — **Floradas na Serra**, 8ª ed. Rio de Janeiro, Livraria José Olympio Editôra, 1955.
- QUEIRÓS, Rachel de — CE — **Cem Crônicas Escolhidas**. Rio de Janeiro, Livraria José Olympio, 1958.
- RAMOS, Graciliano — SB — **São Bernardo**, 7ª ed. São Paulo, Livraria Martins Editôra, 1961.
- , — VS — **Vidas Sêcas**, 6ª ed. São Paulo, Livraria Martins Editôra, 1960.

- REDOL, Alves — F — **Forja**, Lisboa, Gráfica Lisbonense, 1948.
- RÊGO, José Lins do — PB — **Pedra Bonita**, 5ª ed. Rio de Janeiro, Livraria José Olympio Editôra, 1956.
- , — U — **Usina**, 3ª ed. Rio de Janeiro, Livraria José Olympio Editôra, 1949.
- RIBEIRO, A. — JT — **Jardim das Tormentas**. Contos. Lisboa, Livraria Bertrand, 1961.
- , — TI — MNS — **O Tombo no Inferno e O Manto de Nossa Senhora**. Lisboa, Livraria Bertrand, 1963.
- , — ES — **Estrada de Santiago**. Lisboa, Livraria Bertrand, 1956.
- RODRIGUES, J. H. — CR — **Conciliação e Reforma no Brasil**. Um desafio político-histórico. Rio de Janeiro, Editôra Civilização Brasileira, 1965.
- SANTARENO, Bernardo — AM — **Antônio Marinheiro**. O Édipo de Alfama. Pôrto, Divulgação, s/d.
- , — A — **Anunciação**. Lisboa, Edições Ática, 1962.
- TREVISAN, Dálton — CE — **Cemitério de Elefantes**. Contos. Rio de Janeiro, Editôra Civilização Brasileira, 1964.
- XIDIEH, O. Elias — CP — **Posição dos Contos Pios Populares no Folclore e suas Funções Sociais**. Tese de Doutorado. Marília, [exemplar datilografado]. Edição tipográfica: **Narrativas Dias Populares**. São Paulo, Instituto de Estudos Brasileiros da USP, 1967.
- Jornais: FSP — **Fôlha de São Paulo**. — ESP — **O Estado de São Paulo**. — CM — **Crreio da Manhã** (Rio de Janeiro). — UH — **Última Hora** (São Paulo).

## ÍNDICE DE AUTORES

Os números remetem aos parágrafos; as notas são assinaladas através da abreviatura N.

ABREU, Modesto de — 16; N. 129.

ADRADOS, F. R. — N. 48; N. 49; N. 97.

BALDINGER, Kurt — N. 85.

BALLY, Carles — N. 6; N. 82; 36; N. 107; N. 111; N. 145; 99; N. 151

BANTA, F. G. — N. 93; 38; 41; N. 100.

BARBELENET, D. — 48; N. 109a.

BARBOSA, Bernardino — N. 144.

- BARRADO, M. Sánchez — N. 17; N. 87.  
BAUSCH, Karl-Richard — 54; N. 113a; N. 159.  
BELLO, A. — N. 102.  
BENVENISTE, E. — N. 25.  
BIDOIS, R. Le — N. 8.  
BOLEO, M. de Paiva — p. II; N. 14; N. 18; 44; 64; N. 125; N. 133;  
N. 134.  
BONFANTE — N. 5.  
BOPP, Fr. — N. 21; 13.  
BRANDAO, Cláudio — N. 40.  
BRÉAL, Michel — N. 21.  
BRUGMAN, Karl — N. 23.  
BRUNEL, J. — 19; N. 50; N. 50a; N. 68; N. 79; N. 102a.  
BRUNOT, F. — N. 76; 29; N. 83; 30; 99; N. 151; N. 158.  
BULL, William E. — 30; N. 102.  
BURGER, A. — N. 26; N. 33; N. 66.  
CALVO, A. García — N. 10.  
CAMARA JR., J. Mattoso — N. 5; N. 11; 16; 39.  
CARRETER, F. L. — N. 79.  
CARVALHO, M. de L. Guizado R. de — N. 101; N. 109; 97.  
CHEDIAK, A. J. — 16.  
CHEMELICEK, Hans — 25; N. 70; N. 112a; N. 114; N. 124; N. 136;  
N. 156.  
CHRISTMANN, Hans H. — N. 19a.  
CLIMENT, M. Bassols de — N. 31; N. 68; N. 69; N. 77; N. 79; N. 103;  
N. 130; N. 149.  
COELHO, Adolfo — 94; N. 146.  
CRETILLA JR., José — 16; N. 102.  
CUERVO, R. — v. BELLO, A.  
CURTIUS, Georg — 11; 12; 13; N. 24; 18.  
DELBRÜCK — N. 23.  
DEVOTO, G. — N. 79.  
DIEZ, Fr. — N. 33; N. 102.  
ELIA, Sílvio — 16; N. 104.  
ELVIRA, A. Ruiz de — N. 142.  
ERNOUT, A. — N. 27; 15; N. 142.  
FELICE, Emidio De — N. 33.  
FERNANDEZ, S. — N. 122.

- FOURQUET, J. — N. 2.  
GALICHET, G. — N. 7; 46.  
GARCIA, L. Cifuentes — N. 75; N. 79.  
GAREY, Howard — N. 94; N. 102; N. 106.  
GAYA, Samuel Gili y — N. 79; N. 103; N. 128.  
GILMAN, Stephen — N. 5; N. 101.  
GODEL, R. — N. 1; N. 145.  
GREVISSE, Maurice — N. 130; N. 158.  
GUILLAUME, G[abriel] — N. 57.  
GUILLAUME, G[ustave] — 20; N. 57; N. 63; 104 II.  
GUIRAUD, Charles — N. 32.  
GUIRAUD, Pierre — N. 78.  
HEGER, Klaus — N. 68; N. 79; 30.  
HEYDE, Karl van der — N. 19a; 14; 15; N. 28; N. 79.  
HIRT, Hermann — 13; N. 115.  
HOLT, Jens — N. 6; N. 22; N. 30; N. 58; 58a; 22; 23; N. 63.  
HUMBERT, J. — N. 20; N. 45; 23; N. 97; N. 153.  
IMBS, Paul — N. 11; N. 127; 38; N. 130; N. 138.  
IVANESCU, G. — N. 30; N. 79.  
JESPERSEN, Otto — 29.  
KELLE Oskar — N. 79.  
KENISTON, H. — 37 e N. 89.  
KLÖPPEL, Karl Heinz — N. 19; 16; 54; N. 103; N. 113; 85; N. 137.  
KLUM, Arne — N. 19a; N. 67; N. 79; N. 102; N. 107; N. 121; N. 152  
LENZ, Rodolfo — 5; N. 7; N. 68, N. 76.  
LEROY, Maurice — 17; N. 58; N. 88.  
LLORACH, E. Alarcos — N. 79.  
LORCK, Etienne — N. 82; N. 148; N. 149.  
LUCOT, R. — N. 74.  
LÜDTKE, H. — N. 79.  
MACLENNAN, Jenaro — N. 5; N. 19a; N. 22; N. 47; 19; N. 66; N. 79.  
MAGARIÑOS, A. — 15; N. 29; N. 31.  
MANIET, A. — 17.  
MARTIN, Robert — N. 79; N. 102; N. 106.  
MAURER JR., T. Henrique — N. 16; N. 27; 56 e N. 114; 78; 103.  
MEILE, P. — N. 106.

- MEILLET, A. — N. 1; N. 4; N. 5; 5; 10; N. 22; N. 25; 14; N. 27; N. 28;  
15; 18; 19; 23.
- MEYER — LÜBKE, W. — N. 8; 15; N. 33; 53; N. 111b N. 119; N. 133.
- MIRAMBEL, A. — N. 6; N. 11; N. 66; N. 89.
- MOIGNET, G. — N. 56; N. 57.
- MOREIRA, Júlio — N. 111.
- MOURA, Gomes de — v. ABREU, Modesto de.
- MULLER, C. — N. 106.
- NAERT, Pierre — N. 68; N. 74; N. 79; 40; N. 99.
- NAVAS, Ricardo — N. 145.
- PEREIRA, Eduardo Carlos — N. 123.
- PIFFARD, G. — N. 76.
- POHL, Jacques — N. 2; 17; 38; N. 111, N. 158.
- PONS, J. Roca — N. 19a; N. 73; N. 79; 38; 39; N. 97; N. 126; N. 128;  
N. 151; N. 156; 104; N. 157.
- POTTIER, B — N. 57.
- RAGON, E. — N. 141.
- RAMOS, Eládio dos Santos — 16.
- RIBEIRO, E. Carneiro — 16.
- ROCHE, L. — 17.
- ROSE, Jesse L. — N. 20; N. 153.
- ROUSSEL, Louis — 27; N. 76; N. 77; N. 77a; 39; 40.
- RUIPÉREZ, M. Sánchez — 23; N. 63; N. 63a; N. 64; N. 97; N. 153.
- SAID ALI, M. — 16.
- SAUSSURE, F. de — 92; N. 145.
- SCHMIDT, Karl Horst — N. 5; N. 30.
- SCHOSSIG, Alfred — 25 e N. 71; N. 79.
- SCHWYZER — 19; N. 23.
- SILVA DIAS, Epifanio da — 16.
- STEN, Holger — N. 62; N. 73; 27; N. 77; N. 103; 59; N. 120.
- TOGEBY, Knud — 22; N. 59; N. 103.
- THOMAS, A. — v. ERNOUT, A.
- TRAGLIA, A. — N. 77; 39; N. 97.
- TRUBETZKOY — 23.
- VAL, M. Criado de — N. 11; 20; N. 103; 72; N. 132; N. 152.
- VARRAO — 10; 14.
- VELTEN, H. V. — N. 25.
- VENDRYES, J. — N. 7; N. 25; N. 27; 24.

- VENTURA, Simões — 16.  
VIDOS, B. E. — N. 80.  
ZUMTHOR, Paul — v. Wartburg, Walther von.  
WACKERNAGEL, J. — N. 19a;  
WARTBURG, Walther von — 19; N. 110; N. 140; 99.  
WHORF, Benjamin Lee — N. 5.

### ÍNDICE ANALÍTICO

- ADVERBIOS: —e aspecto: 46; N. 107, N. 111; 55; 65; 68; 75; 79; 86; 89; 102.
- AFETIVOS, usos aspectuais: Cursivo— 58; 60. Cursivo progressivo— 65. Iterativo perfectivo: 87b.
- “AKTIONSART”: v. “Modo da Ação”.
- AORISTO: valor aspectual do — grego: 18-19 e 22-23. Formas românicas de aorístico: 92; N. 148. V. também “Indeterminado”.
- ASPECTO: Conceito de— 3; 24; 26. —e mentalidade primitiva: N. 5. —precedendo o tempo: N. 5. O substantivo e o— N. 6. —s paralelos: 8, 54; 63; 86. História dos estudos de—: os estoícos: 9; Varrão: 10; G. Curtius: 11-12. —no indo-europeu: 13. —no grego: 19; 22; 23. —no latim: 14-15. —nas linguas românicas: 16; 25; N. 33. Simpósio sobre o— 17. Linguística Histórica e —: 18-19. Psicolinguística e—: 20. Estruturalismo e— 21-23; a Escola de Copenhague, 22; a Escola de Praga, 23. Autores que historiaram a questão do— N. 66. Quadro dos —s em português: 32-36. Terminologia usada na designação dos —s: 37; —narrativo e descritivo— 42. Vertentes da noção de— 43-48. —e semantema: 13 e N. 26; 15 e N. 30; 22; 26; 44; 52; 58; N. 102; 62; 66; 72; 98. —e flexão temporal: 45; 53; 59; 63; 73; 84; 87; 100; —e adjuntos adverbiais: 46; 55; 61; 65; 68; 75; 79; 86; 89; 102; —e perífrases: 54; 60; 64; 67; 74; 78; 82; 85; 88; 101. —e tipos oracionais: 22; 48; 53; 69; 90; 96. —e sufixos: 16; N. 33; 56; 91; N. 144; 103; —e complementos verbais: 47; N. 109. —e contexto: 49. V. também “Aoristo”, “Cessativo”, “Confectivo”, “Cursivo”, “Hábito”, “Imperfectivo”, “Inceptivo”, “Incoativo”, “Indeterminado”, “Infectum”, “Iterativo”, “Modo de Ação”, “Perfectivo”, “Pontual”, “Progressivo”, “Resultativo”, “Terminativo”.
- ATÉLICO: v. “Aspecto e semantema”.
- CESSATIVO: v. “Perfectivo”.
- COMPLEMENTO VERBAL: —e aspecto: 47; N. 109.
- CONFECTIVO: o aoristo— 19.
- CONAÇÃO: N. 77.

- CURSIVO — v. “Imperfectivo”.
- EAR, —ETEAR: —iterativos: 91a.
- ECER: —incoativo: 16; 56. Verbos em— sem o valor incoativo: 58; 64; 72; 73c; 74; 75; 86; 89; 103.
- EJAR: —incoativo: 56b. —iterativo: 91b.
- ENTONAÇÃO: —e aspecto: N. 110.
- ESTRUTURALISMO: —e aspecto: v. “Aspecto”. Críticas ao Estruturalismo quanto ao problema do aspecto: N. 66.
- FUTURO: —pontual 73d. —iterativo: N. 137; 90c; 100.
- GERUNDIO: ...cursivo pr. dito: 88; 59c. ...iterativo imperfectivo: 84d. — iterativo perfectivo: 87d. V. “Perífrases de Gerúndio”.
- HABITO: 35; 83; e N. 136. V. “Iterativo”.
- IMPERFECTIVO: conceito de aspecto— 32; 33; 38; 50. —inceptivo pr. dito: N. 38; 51-55. —inceptivo incoativo: 16; 56; v. “*ecer*”. —cursivo: 33b; 57-65. —cursivo pr. dito: 44; 57-61. — cursivo progressivo: 62-65; —terminativo: 33c; 38; 44; 66-69.
- IMPERFEITO: —cursivo pr. dito: 58; 59b. —cursivo progressivo: 63; 64. —perfectivo cessativo: 81b. —iterativo: 84b e 87b. —indefinido: (imperfectivo virtual) 97. —conativo: N. 77.
- INCEPTIVO: v. “Imperfectivo”.
- INCOATIVO: v. “Imperfectivo” e “*ecer*”.
- INDEFINIDO: conceito de aspecto— 35; 41; 92-97.
- INFECTUM E INFECTIVO: Presente e perfeito infectivo: 19; infectum no latim: 14-15.
- INFINITIVO: —cursivo pr. dito: 57g. V. também “Perífrases de infinitivo”.
- ICAR: —iterativo: 91.
- ILHAR: —iterativo: 91.
- INHAR: —iterativo: 91.
- ISCAR: —iterativo: 91.
- ITAR: — iterativo: 91b.
- ITERATIVO: conceito de aspecto —: 35; 40; 78. Verbos com sufixo —: 16; 143. V. também “—itar”, “—ear”, “—ejar”, —imperfectivo: 79-80. —perfectivo: 44; 81-82.
- LINGÜÍSTICA HISTÓRICA: —e aspecto: v. “Aspecto”.
- MAIS-QUE-PERFEITO: —pontual: 73c; —simples e composto: discussão dos valores aspectuais do: 72.
- MÉTODO: v. “Onomasiologia”.
- MODO: conceito de— 5. —s que mudam de esfera modal: 7. Aspecto e— 14; 99.
- MODA DA AÇÃO: conceito de— 13; 85. Variedades de— 27. Bibliografia sobre— N. 79.
- ONOMASILOGIA: conceito de— 28-29. Aplicação da— à sintaxe: 30.

- ORAÇÃO:** tipos oracionais e—; v. “Aspecto”.
- PARTÍCIPIO PASSADO:** v. “Perífrases de Particípio Passado”.
- PERFECTIVO:** conceito de aspecto— 32; 34; 39; 70. —pontual; 34a; 38; 71-75; —resultativo: 34b; 76-79. —cessativo: 34c; 80-82.
- PERFEITO:** valor aspectual do— em latim: 15; N. 30; em grego: 18-19 e 22-23. —cursivo pr. dito: 58; —pontual: 73b. —resultativo: 77b. —iterativo imperfeito: 84c. —iterativo perfectivo: 78c.
- PERÍFRASES:** generalidades: 101. o tempo do auxiliar: 54. —de **gerúndio:** N. 112a; como imperfeito inceptivo: 54; N. 123. como cursivo: 60; 64. como pontual: 74; como iterativo imperfeito: 79f; como iterativo: 85; 88; —**de infinito:** 16; N. 38; como inceptivo pr. dito: 54; como cursivo: 60. como terminativo: 67; com pontual: 74; como iterativo: 85; 88. —**de particípio passado:** como resultativo: 78; como cessativo: 82.
- PONTUAL:** v. “Perfectivo”.
- PREFIXOS:** —e aspecto em português: N. 111. V. também “Preverbios”.
- PRESENTE:** valor aspectual dotemado— em grego: 18-19 e 22-23. —cursivo pr. dito: 59a; —pontual ou momentâneo: 16, 72. —iterativo imperfeito: 84a; iterativo perfectivo: 87a. —indeterminado: 93-94.
- PRETÉRITO:** —pontual: 73a. —resultativo: 77a. —cessativo: 81a. —indeterminado: 95-96 e N. 148.
- PREVERBIOS:** a expressão dos aspectos e os—s: 15; N. 31; 19b; N. 51.
- PROGRESSIVO:** v. “Imperfectivo”.
- PSICOLOGIA:** —e aspecto: 20.
- RESULTATIVO:** v. “Perfectivo”.
- SEMANTEMA VERBAL:** —e aspecto: v. “Aspecto”.
- SUFIXOS:** —e aspecto: 16; N. 33; 55; 91; N. 144; 103. V. —**ecer**, —**ear**, —**ejar**, —**itar**, —**ilhar**, —**inhar**, —**iscar**, —**icar**, —**ucar**.
- TÉLICO:** v. “Semantema verbal”.
- TEMPO:** conceito de— 4. —derivado de aspectos: N. 6. Valores modais dos— 7. —que mudam de esfera temporal— 7 e N. 16. Graus e qualidade do— 12. Os—s como vertentes da noção aspectual: v. “Aspecto” e flexões temporais. —do verbo auxiliar nas perífrases: 54; —s de tendências aspectuais: 100.
- TERMINATIVO:** v. “Imperfectivo”.
- TEXTOS:** classificação dos—s utilizados: 31.
- VERBO:** conceito de— 1, N. 1. Categorias do— 2.
- VOZ:** conceito de— 6; —passiva perifrástica com valor pontual: 74.
- ZERO:** categoria— 92.

## Í N D I C E

Prólogo .. .. .	11	
<b>I — Preliminares</b>		
1. O verbo e suas categorias .. . . .	13	
2. Estado da Questão do Aspecto		
a) A descoberta da noção aspectual .. . . .	20	
b) A contribuição das “Escolas Lingüísticas” .. . . .	29	
c) Aspecto e modo da ação .. . . .	39	
3. O método .. . . .	45	
4. O aspecto verbal na língua portuguesa .. . . .	48	
<b>II — A Expressão da Duração</b>		
1. Imperfectivo inceptivo .. . . .	62	
2. Imperfectivo cursivo .. . . .	69	
3. Imperfectivo terminativo .. . . .	79	
<b>III — A Expressão do Complemento da Ação</b>		
1 Perfectivo pontual .. . . .	81	
2 Perfectivo resultativo .. . . .	86	
3 Perfectivo cessativo .. . . .	90	
<b>IV — A Expressão da Repetição</b>		
1. Iterativo imperfectivo .. . . .	93	
2. Iterativo perfectivo .. . . .	96	
<b>V — A Indeterminação .. . . .</b>		102
Conclusões .. . . .	107	
Bibliografia .. . . .	119	
Índice de Autores .. . . .	128	
Índice Analítico .. . . .	132	